



**Universidade Federal do Pará**  
**Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Faculdade de História**  
**Mestrado em História Social da Amazônia**

**DAWDSON SOARES CANGUSSU**

**O EPICENTRO DO HOTEL CENTRAL:  
ARTE E LITERATURA EM BELÉM DO PARÁ, 1946-1951.**

Belém  
2008

**DAWDSON SOARES CANGUSSU**

**O EPICENTRO DO HOTEL CENTRAL:  
ARTE E LITERATURA EM BELÉM DO PARÁ, 1946-1951.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em História Social da Amazônia. Orientador: Professor Doutor Aldrin Moura de Figueiredo (DEHIS/UFPA).

Belém

2008

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação – (CIP)  
(Biblioteca da Pós-Graduação do CFCH – UFPA, Belém-PA-Brasil).

CANGUSSU, Dawson Soares. (1979-)

O epicentro do Hotel Central: arte e literatura em Belém do Pará, 1946-1951/ Dawson Soares Cangussu. – Belém: [S. n.], 2008. Orientador: Aldrin Moura de Figueiredo.

Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2008.

1. Belém (PA) - História, 1946-1951. 2. Arte e literatura - Belém, 1946-1951. 3. Existencialismo. Título.

CDD - 22. ed. 981.15

**DAWDSON SOARES CANGUSSU**

**O EPICENTRO DO HOTEL CENTRAL:  
ARTE E LITERATURA EM BELÉM DO PARÁ, 1946-1951.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em História Social da Amazônia. Orientador: Professor Doutor Aldrin Moura de Figueiredo (DEHIS/UFPA).

Data de aprovação: ..... /..... /.....

Banda examinadora:

---

Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo (Orientador)  
(Faculdade de História/UFPA)

---

Prof. Dr. Nelson José de Souza Júnior.  
(Faculdade de Filosofia/UFPA)

---

Profa. Dra. Magda Maria de Oliveira Ricci.  
(Faculdade de História/UFPA)

---

Profa. Dra. Maria de Nazaré Sarges (Suplente)  
(Faculdade de História/UFPA)

Belém

2008

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a toda a minha família pelo apoio sempre concedido com tanta atenção e carinho.

Estendo esses agradecimentos a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa concedida durante vários meses, com a qual pude avançar com mais afinco nas pesquisas.

Não posso esquecer da CEUR (Casa do Estudante Universitário de Rondon do Pará) onde residí por frutíferos sete anos e construí a minha vida acadêmica. Nem esqueço também dos colegas e amigos que lá deixei e dos que viveram comigo nessa casa cheia de história.

Agradeço aos funcionários da Biblioteca Pública Arthur Vianna, pela atenção e pelo trabalho a mim oferecido com presteza.

Alastro os agradecimentos a todos os colegas da turma de 2006 do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia pelo apoio e pela boa convivência. Aproveito o ensejo para lançar as minhas palavras de agradecimento sobre a Universidade Federal do Pará e aos professores com os quais mantive contatos proveitosos sobre a história, e alguns deles são: Dra. Magda de Oliveira Ricci, Dra. Maria de Nazaré Sarges (Nana), Dr. William Gaia Farias, Dra. Leila Mourão e ao Dr. Aldrin Moura de Figueiredo.

À Marinilce de Oliveira Coelho, a Nelson José de Souza Junior e a Maria de Nazaré dos Santos Sarges, pelas valorosas observações quando participaram em minha banca de qualificação.

E por último e não menos importante agradeço a Aldrin Moura de Figueiredo pela orientação desde 2003, quando comecei com ele a trabalhar no Projeto República *On-line*. Desde então esse historiador de todas as letras vêm contribuindo sobejamente em minha trajetória no mundo da historiografia.

“Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar”.

Marc Bloch

## SUMÁRIO

### RESUMO

### ABSTRACT

INTRODUÇÃO.....	09
-----------------	----

### CAPÍTULO I

1. Da <i>Casa das tias</i> ao <i>Café Central</i> : o itinerário de uma nova literatura.....	24
1.1. Suplemento <i>Arte-Literatura</i> : suporte do escrito, suporte de uma geração e de um sentimento geracional.	24
1.2. Turma do <i>Central</i> : um grupo literário.....	34
1.3. História bem contada: narrativa e história da literatura.....	39

### CAPÍTULO II

2. Os anos 40: história, literatura e sociedade.....	51
2.1. O tempo e o homem.....	51
2.2. Os anos de 1940: breves considerações.....	53
2.3. A Geração de 45 no Brasil.....	63
2.4. A Geração de 45: o debate no suplemento literário <i>Arte-Literatura</i> .....	67

### CAPÍTULO III

3. A literatura contemporânea dos anos 40 e o desencanto de um grupo.....	84
3.1. Mário Faustino e Benedito Nunes: existencialismo e desencanto com a história.....	103

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
---------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	124
---------------------------------	-----

## RESUMO

Esta dissertação discute a presença da literatura contemporânea dos anos 40, principalmente a influência da filosofia existencialista, na literatura dos jovens poetas que publicaram no suplemento literário *Arte-Literatura*, que circulou com o jornal *Folha do Norte* entre os anos de 1946 e 1951. Este trabalho de história social da literatura procura visualizar na literatura dos jovens da *Turma do Central* um desencanto em relação ao seu passado recente, tanto no âmbito político-social quanto no literário. O trabalho também analisa o papel do suplemento *Arte-Literatura* na atualização e formação da identidade intelectual desses jovens que mudaram os rumos da literatura local.

Palavras-chave: História Social da Literatura, suplemento literário, existencialismo.

## ABSTRACT

This dissertation discusses the presence of contemporary literature of the 40's, mainly the influence of the existentialist philosophy, on literature of the young poets who published in the *Arte-Literatura* supplement, which circulated with the newspaper *Folha do Norte* between the years 1946 and 1951. This work of social history of literature demand viewing in the literature of the young people of *Café Central* a disenchantment over it's recent past, both in the political-social as in literature. The wok also examines the significance of the *Arte-Literatura* supplement in upgrading and building of the identity of the young intellectual that changed the direction of local literature.

Key-words: Social History of Literature, literary supplement, existentialism.

## INTRODUÇÃO

“Papai, então me explica para que serve a história”. Com essa frase dita ser de um garoto a um pai historiador é que Marc Bloch inicia o seu livro inacabado chamado de *Apologie de l’histoire*, que Lucien Febvre publicaria, em 1949, com o título *Apologie de l’histoire ou Métier d’historien*. Para responder à indagação Bloch escreveu tal livro, o qual mostra que a história serve para compreender, mesmo que para muitos sirva apenas para entreter. O autor ironiza afirmando que “aos olhos de qualquer um que não seja um tolo completo, com quatro letras, todas as ciências são interessantes”, e que cada cientista encontra a sua que o diverte<sup>1</sup>.

O ofício do historiador é “fuçar” o passado, mesmo que este não seja o seu objeto; é tirar o pó dos arquivos e retirar os sujeitos esquecidos; é, por fim, buscar a compreensão de algo que aconteceu em um passado, buscando sempre o que Bloch afirma ser o fim de toda pesquisa de história, compreender o homem, a sociedade. Por isso diz que o bom historiador se parece com o ogro da lenda, pois “onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça”. Seja na história política ou na econômica, seja na história da natureza ou da literatura, a pesquisa sempre termina, segundo o pensamento de Bloch, no entendimento do social.

Em um caminho paralelo a tal pensamento anda essa pesquisa. Na busca de uma história social da literatura essa dissertação procura compreender um grupo de jovens poetas paraenses que se juntaram para estudar literatura e acabou escrevendo uma página importante na história do modernismo. No folhear de um suplemento pôde-se ver com clareza as matrizes intelectuais e as tendências mundiais da literatura que acabaram traçando os rumos de uma poesia que até a primeira metade da década de 1940 ainda estava sob os cânones parnasianos.

O grupo referido foi a *Turma do Central* e o suplemento, que durante o trabalho será sobejamente repetido, foi o *Arte-Literatura*, do jornal *Folha do Norte*. Os jovens desse grupo criaram o suplemento, e este suplemento criou uma identidade para esse grupo. A compreensão da *Turma* passa pela análise do que foi exposto nas páginas desse periódico, posto que nessas páginas foi veiculada uma diversidade de expressões de pensamento com as quais os jovens paraenses mantiveram um frutífero diálogo e, dessa forma, moldaram uma

---

<sup>1</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de Historiador*. Jorge Zahar Ed., 2001. p.41.

nova literatura paraense, ligada fortemente às tendências contemporâneas, principalmente simbolistas e existencialistas, as quais estavam, durante meados da década de 1940, em ampla discussão no meio literário e filosófico.

Um conhecimento mais detalhado acerca do suplemento, como um suporte da escrita desses jovens, está no primeiro capítulo deste trabalho. O leitor encontrará nesse capítulo uma visão ampla acerca do *Arte-Literatura*, mostrando os intelectuais que nele publicaram; as traduções de textos de escritores estrangeiros, bem como uma discussão sobre sua importância para história da literatura local. Isso por que, em seu período de circulação, que foi de 1946 até 1951, o periódico da *Folha do Norte* abriu espaço para uma gama de escritores nacionais de outros Estados como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Ceará, além de ter em suas páginas a tradução de intelectuais de vários países, tais como Estados Unidos, França, Inglaterra e Alemanha, os quais antes do suplemento não possuíam grande visibilidade entre os poetas da região. Nomes como os de Álvaro Lins, Otto Maria Carpeaux, Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet, Aurélio Buarque de Holanda, Roger Bastide, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes tiveram grande circulação e aceitação no suplemento. Dentre os nomes estrangeiros destacaram-se os de Sartre, Rilke, Heidegger, T.S. Eliot, Baudelaire, Whitman, Rimbaud, Mallarmé, Yeats e Ezra Pound. O suplemento serviu como ponte de ligação entre as novas tendências da literatura contemporânea e os jovens da *Turma do Central*.

Outro ponto tratado no primeiro capítulo é a visualização da *Turma* como um grupo literário e cultural, onde tópicos busca-se situá-la no debate acerca dos grupos literários, tomando como base o texto *A Fração Bloomsbury*, de Raymond Williams. Em seu artigo Williams analisa o grupo inglês *Bloomsbury* formado no início do século XX e do qual participaram intelectuais tais como Virgínia Woolf e Maynard Keynes, e busca compreender o significado histórico que o grupo representou para a sociedade e para a cultura inglesa. Além disso, o autor procura incluir em sua análise as relações pessoais e o prazer estético<sup>2</sup>.

A partir dos parâmetros de análise colocados por Raymond Williams é que o presente trabalho propõe uma análise da *Turma do Central* enquanto um grupo cultural de grande importância na e para a história do Pará. Dessa forma o primeiro capítulo mostra em que

---

<sup>2</sup> WILLIAMS, Raymond. *A Fração Bloomsbury*. *Plural*. USP, São Paulo, n. 6, 1999.

medida o grupo paraense contribuiu para a construção de uma nova literatura e de uma nova forma de ver a realidade. É mostrada primeiramente a participação desses jovens na criação do instrumento que seria o principal elo entre a produção literária e o leitor de jornal, além de, e isso é muito importante, colocar esses novos poetas em contato com o que havia de mais moderno no que tangia a literatura mundial. Esse foi um momento de intenso estudo da literatura em todos os seus ramos, isto é, poesia, ficção, conto, crítica literária, teatro, cinema, filosofia, crônica e música. E nos anos 50 alguns desses jovens foram responsáveis pela criação de vários espaços culturais, tais como o primeiro cineclube de Belém, *Os Espectadores*, fundado por Benedito Nunes e Max Martins no ano de 1951; e na mesma década criaram o *Teatro Norte Escola*. Nos anos de 1960 participaram da criação do Serviço de Teatro da UFPA, que se tornaria, anos depois, em curso de teatro.

O último tópico do capítulo discute a questão da escrita da história a partir de fontes literárias. Neste ponto a literatura em todos os seus ramos é concebida como algo de valor histórico, pois possui em sua constituição a experiência vivida dos seus escritores, isto é, é carregada de história. Mas analisar uma poesia, por exemplo, de forma isolada, não é o mais correto. O historiador deve analisar menos a poesia do que seu contexto histórico, ou seja, é mais pertinente visualizar os contornos que envolviam a produção: olhar o que estava sendo lido e escrito no âmbito da literatura mundial, observando os principais temas explorados pelas matrizes intelectuais. A literatura deve ser testemunha da história, afirma Sidney Chalhoub, restando ao historiador o ofício de dessacralizá-la e interrogá-la sistematicamente para que ela exerça tal papel.

A discussão feita nesse último tópico também abrange a narrativa e sua validade para o estudo da história. Nesse ínterim ela é vista não apenas como uma mimese do real ou recriação do real, como pensou Hayden White<sup>3</sup>; a narrativa histórica é concebida aqui como um estudo realizado através de pesquisa, o que para Ginzburg seria o mais importante em sua construção, pois, desse modo, haveria uma maior aproximação com o real. Carlo Ginzburg ressalta que a fronteira entre ficção e o discurso histórico é quase inexistente e a diferença

---

<sup>3</sup> WHITE, Hayden. "O texto histórico como artefato literário." In: *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

recai na interpretação do historiador acerca dos fatos narrados como reais em um texto históricos e na veracidade passada ao leitor através dos elementos da pesquisa<sup>4</sup>.

Todo estudo histórico possui um pouco de narrativa e, inevitavelmente, o contar e o explicar andam juntos e não subsistem isolados. E o historiador inglês E. P. Thompson é um bom exemplo dessa convergência, pois nos artigos que compõem o livro *Os Românticos*, onde o autor coloca a literatura de uma forma tanto explicativa quanto narrativa no sentido de mostrar e compreender a relação entre os intelectuais Wordsworth, Coleridge e John Thelwall e a sociedade tradicional da qual faziam parte. Para Thompson a narrativa não é somente uma narração de fatos dispostos consecutivamente e, por outro lado, a história não é apenas fatos explicados arbitrariamente, pois esta teria sua própria regularidade e racionalidade.

E continuando nessa discussão o primeiro capítulo destaca a diferença entre a narrativa histórica e a literária, onde a primeira busca narrar e explicar algum fato histórico, e a segunda justifica-se em fato ficcional, sem necessidade de vínculo com a realidade. Nesse sentido Chartier afirma que a busca pelo conhecimento é característico da história, que com seus métodos de pesquisa tais como formulação de hipóteses, levantamento de fontes e análise de dados, produz uma narrativa histórica, mesmo que escreva de forma literária, resultado de sua dependência ao passado e ao arquivo, onde o historiador procura os vestígios deixados pelo homem, diferentemente do romancista que imagina os acontecimentos e os personagens.

A essa discussão da narrativa soma-se uma outra, a da história literária. Nesse momento cita-se o nome de Afrânio Coutinho que afirma serem exagerados os métodos historiográficos, fato que tornaria incompleta a análise. O crítico, ressalta Coutinho, é legitimamente quem deve julgar e explicar a literatura e o seu valor, restando, pois, ao historiador a tarefa de preparar o caminho para este através das pesquisas biográficas, do estudo do contexto histórico, da coleta de fontes e das relações entre a literatura e seu tempo. O autor afirma que o fato literário possui natureza estética, mas, por outro lado, acontece num tempo e espaço específicos, e é formado por elementos intrínsecos e extrínsecos. Os intrínsecos são: a linha melódica, a temática, a prosódia, o estilo, o ritmo, a métrica, etc. Os extrínsecos são os aspectos que convergem à história, tais como o meio geográfico e social, o

---

<sup>4</sup> GINZBURG, Carlo. Apontar e citar: a verdade na história. *Revista de História*. Campinas: UNICAMP, v. 2, n. 3, set, 1991.

momento político, econômico, moral e religioso. O estudo dos primeiros seria papel do crítico, enquanto o segundo seria objeto do historiador. A história literária, para Coutinho, deveria estudar a arte em seu desenvolvimento autônomo e concebê-la como monumento artístico em si, não desconhecendo, no entanto, a sua historicidade<sup>5</sup>. Essa dissertação não busca os elementos intrínsecos, apesar de atingi-los em certos momentos; o foco aqui são os elementos extrínsecos da *Turma do Central*, isto é, o entorno social da formação desse grupo paraense.

Essas considerações acerca da narrativa, da história literária e de alguns cuidados na pesquisa de grupos literários e de suplementos literários é apresentada no sentido de fornecer bases para um melhor caminhar da pesquisa. E se destaca nesse âmbito a leitura do suplemento *Arte-Literatura*, do qual foi retirada grande parte do conteúdo para a compreensão da *Turma do Central*. No suplemento está presente uma variedade literária, tais como poesia, ficção, crítica, contos e filosofia; e se faz pertinente, para se ler corretamente esses textos, um conhecimento prévio para que o historiador não os encare com ingenuidade e, dessa forma, extraia a maior quantidade de conhecimento histórico possível e se faça uma história literária com o máximo de efeito de verdade. Para isso, um dos cuidados tomados refere-se ao tempo histórico em que foi produzido o suplemento *Arte-Literatura*, que foi um contexto em que a busca pela liberdade do indivíduo era uma constante no pensamento daquela geração. E esse contexto histórico dos anos 40 é o tema do segundo capítulo desse trabalho.

O segundo capítulo começa com Marc Bloch e o debate do tempo histórico, onde o autor afirma que “o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça”. Essa comparação é para esclarecer que todo trabalho de história, segundo Bloch, tem por fim a compreensão do homem, pois a história seria a ciência dos homens no tempo. A categoria que o historiador analisa é a da duração, onde estaria a inteligibilidade do “humano”<sup>6</sup>. Parte-se do tempo para chegar ao homem e em tudo o que ele fez no tempo: os castelos, as cidades, as estradas, a escravidão, a tortura e as guerras, etc. As ações do homem em muitos casos estão ligadas ao contexto em qual vivem e no qual apreendem uma determinada cultura. Um exemplo concreto citado foi Jean-Paul Sartre, que manteve intenso comprometimento social mediante as mazelas provocadas pela II Guerra.

---

<sup>5</sup> COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

<sup>6</sup> BLOCH, op. cit., p. 54.

Além de suas atitudes em campo de guerra o seu engajamento resultou em livros dentre os quais se podem citar *As Moscas* (1943) e *O Existencialismo é um Humanismo* (1946).

O primeiro livro foi escrito no momento em que a cidade de Paris havia sido apossada pelas tropas alemãs. Diante disso Sartre procurou uma forma de incitar a população a reagir contra o domínio nazista, que reprimia toda manifestação contra o regime. E foi nesse contexto de repressão que Sartre escreveu a peça teatral *As Moscas*, que se tratava de uma alegoria de uma lenda grega que simbolizava a guerra entre França e Alemanha durante a II Guerra Mundial. Dividida em três atos, esta peça mostra o drama de cada personagem: Egisto é a encarnação do político ansioso por governar e submeter o povo de Argos a uma opressão que se prolongaria por muitos anos. Egisto mata Agaménon e se casa com sua esposa, Clitemestra; e depois submete a jovem Electra, irmã de Orestes, à condição de escrava.

Num reino imoral e miserável, em que impera a crença na espantosa força de Júpiter, Egisto toma o lugar de Agaménon no trono, protegido por Júpiter, deus dos deuses e que julga ser também o deus dos homens. Por sua vez, Electra, educada na cidade natal, espera sempre pelo regresso de seu irmão Orestes para vingar a morte de Agaménon e assim libertar o povo de Argos da tirania de Egisto. Mas Orestes foi educado longe da família e quando regressa na companhia de Pedagogo não se interessa pela situação do povo de Argos. Ora, toda a indecisão de Orestes parece desaparecer a partir do momento em que se encontra com Electra e esta lhe fala dos perigos que corre o povo de Argos e lhe narra o crime praticado por Egisto, com a anuência de sua mãe Clitemestra. Orestes faz passar-se por Filebo, um jovem de Coríntio que está de passagem por Argos e começa aqui a descrever-se o núcleo central de *As Moscas*. É a consciência de Orestes que vai despertá-lo e, dessa forma, obrigar Egisto a pagar pelo crime que cometera anos antes. Orestes assassina-o sem piedade, ao mesmo tempo em que mata Clitemestra, sua própria mãe. Júpiter intervém nesta altura e exige o total arrependimento de Orestes e de Electra, com a promessa de colocá-los no trono de Argos, mas sem deixar de fazer valer a sua força em relação a Orestes<sup>7</sup>.

A escrita dessa peça foi uma das atitudes engajadas de Sartre perante o domínio alemão sobre a França. Marc Bloch pertinentemente citou um provérbio árabe que ajuda na compreensão dessas tomadas de atitude. O provérbio diz o seguinte: “os homens se parecem

---

<sup>7</sup> SARTRE, Jean Paul. *As Moscas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

mais com sua época do que com seus pais”<sup>8</sup>. Bloch coloca esse dito popular com o intuito de mostrar que as atitudes do homem estão muitas vezes relacionadas ao tempo histórico no qual viveram as mais variadas experiências. Nesse sentido esse capítulo procura fazer um estudo acerca do contexto histórico da década de 1940, momento de surgimento da *Turma do Central* e do suplemento literário *Arte-Literatura*.

O segundo capítulo procura mostrar os principais acontecimentos que marcaram os anos 40, fatos tais como a II guerra mundial (1939-45), o Estado Novo (1937-45); também ressalta o surgimento da chamada geração de 45, e, além disso, faz uma pequena discussão acerca da literatura contemporânea, destacando, principalmente, a influência do simbolismo e do existencialismo na literatura mundial. Esses pontos de debate foram colocados para se alcançar os aspectos relevantes na formação da literatura brasileira e compreender, a partir disso, o grupo cultural paraense surgido em meados nos anos de 1940. Esse grupo, que em 1946, formaria a *Turma do Central*, viveu em um período difícil da história nacional e regional, momento no qual, segundo Ruy Barata, os intelectuais tinham que se entrenchear dentro de um “amargo silêncio” para não serem “contaminados pelo ar pestilencial que ameaçava sufocar as mais novas gerações brasileiras”<sup>9</sup>.

A geração de 45 no Brasil caracterizou-se pela luta contra os excessos da geração de 22, tais como o poema-piada, o desleixo formal e o falso brasileirismo na linguagem, cuja poesia foi julgada carcomida, imóvel, burguesa, eivada de prosaísmo e preconceitos. Essa nova geração de intelectuais buscou realizar uma restauração da poesia que a geração de 22 havia desrespeitado, sobretudo quanto a forma. Se os poetas de 22 foram radicais no trato poético, os poetas de 45 foram racionais e tiveram a sobriedade lírica como atitude poética. Os poetas de 45 buscaram uma renovação literária cuja preocupação principal era a própria linguagem, quando passaram a escrever uma poesia de maior preocupação estética e de amplitude mais universal, mais humana, e menos paisagística. Alguns nomes se destacaram nesse momento, cabendo citar Bruno de Rivera, Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugenio da Silva Ramos, Alphonsus de Guimarães Filho, Lêdo Ivo e José Paulo Paes. Alguns escritores se puseram como militantes dessa geração, tais como Sérgio Milliet, Tristão de Ataíde e Álvaro Lins.

---

<sup>8</sup> BLOCH, op. cit., p.60.

<sup>9</sup> BARATA, Ruy Guilherme Paranatinga. A Geração remediada do Pará dá boa tarde a Fortaleza por intermédio de Ruy Barata. *Folha do Norte*. Belém, 20 de julho de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 33, p. 3.

No suplemento literário *Arte-Literatura* houve grande divulgação de textos que discutiam a respeito dessa nova geração, tanto em âmbito nacional quanto local. Aliás, uma das principais características dessa geração era a descentralização, pois não pertencia somente ao eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, estando, portanto, intensamente presente em vários Estados brasileiros. Alguns nomes de âmbito nacional publicaram no suplemento paraense, foram os casos de Wilson Martins, Lúcia Miguel Pereira, Lêdo Ivo e Álvaro Lins, do Rio de Janeiro, e Sérgio Buarque de Holanda, de São Paulo. Em um artigo chamado *A Geração de 45*, Lêdo Ivo faz algumas considerações acerca dessa nova geração, destacando, sobretudo, a intensidade da produção literária nas províncias e o gosto desses poetas pela literatura. O autor afirma que nunca houvera no Brasil um grupo tão extenso e ao mesmo tempo tão apaixonado pela “coisa literária”<sup>10</sup>. Álvaro Lins endossa esse debate em seu artigo *Valorização da Província*, onde enfatiza o crescimento e a consistência mais uniforme que a literatura passou a ter nesse momento, quando as metrópoles passaram a olhar com mais atenção ao que estava sendo criado, em matéria de literatura, nos interiores do país, fato que segundo Lins, impulsionou uma consciência no que tange à verdadeira grandeza do Brasil<sup>11</sup>. Nesse sentido, Lúcia Miguel Pereira, no artigo *Mocidade e Província*, complementa essa discussão colocando ênfase na criação das revistas e suplementos literários pelos Estados do interior do país, tais como Pará, Maranhão, Ceará, Goiás, Pernambuco e Paraná, coisa que mostra a intensa produção literária que havia longe dos grandes centros<sup>12</sup>. Esse ponto de vista é defendido por Sérgio Buarque de Holanda no artigo *Província*, onde afirmou que a nova geração de poetas brasileiros cada vez mais se desprendia das amarras dos centros que nas gerações de 20 e 30 representavam a vanguarda da literatura nacional<sup>13</sup>.

No suplemento da *Folha do Norte* foi realizada uma série de entrevistas chamada *Posição e destino da literatura paraense*, organizada por Peri Augusto, na qual havia um questionário acerca da nova geração, principalmente a paraense. E nessa entrevista os vários escritores do Pará, de todas as idades e tendências literárias, puseram a sua posição em relação a literatura que estava nascendo. O primeiro foi Cléo Bernardo, que afirmou que essa nova

---

<sup>10</sup> IVO, Lêdo. *A Geração de 45. Folha do Norte*. Belém, 09 de outubro de 1949. Suplemento Arte-Literatura, n. 137, p. 1.

<sup>11</sup> LINS, Álvaro. *Valorização da Província. Folha do Norte*. Belém, 16 de novembro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 51, p. 1-2.

<sup>12</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Mocidade e Província. Folha do Norte*. Belém, 13 de fevereiro de 1949. Suplemento Arte-Literatura, n. 111, p. 1.

<sup>13</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Província. Folha do Norte*. Belém, 1º de janeiro de 1949. Suplemento Arte-Literatura, n. 108, p. 3.

geração era liberta, sem orientadores e sem interferência da geração anterior. Para ele “a geração velha fica para a nova como uma espécie de bisavó ante o bisneto, em concepção de vida, filosofia, política e sensibilidade poética”<sup>14</sup>. Já Remígio Fernandez não hesitou em qualificar a poesia desses novos intelectuais de “abominável excrescência do corpo das belas letras”. Fernandez compara intelectuais tais como Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Castro Alves e outros escritores consagrados do romantismo e do parnasianismo com os poetas modernistas, os quais escrevem uma poesia indecifrável ao bom senso, mais próxima do “cacarejo dos galináceos”<sup>15</sup>.

Para Levi Hall de Moura a geração de Cléo Bernardo, que nasceu com a ascensão do fascismo, com o fim do Estado Novo e com “outras misérias”, era atordoada, angustiada e vacilante, facilmente levada a reboque, porém era também revolucionária em letras, tendendo para um “revolucionarismo” apenas formal, estando próximo da abstenção, da evasão, do desencanto e do pessimismo<sup>16</sup>. Sultana Levy ressalta a idéia de um renascimento da literatura no Pará e em todo o país, momento em que já teria acabado a “enchente” da literatura estrangeira que reduzia os intelectuais brasileiros a meros leitores e tradutores, quando não tinham, segundo Levy, nem tempo nem gosto pelas criações nacionais. A autora também ressalta a participação das mulheres, que ocupavam lugar de destaque na prosa e no romance, não se destacando muito na poesia. Paulo Plínio Abreu contribuiu com a enquête, e tratou logo de responder a Levi Hall de Moura explicando que essa geração viveu num momento de apuramento da literatura e não poderia ser apontada por possuir defeitos de ingenuidade<sup>17</sup>.

E para finalizar o segundo capítulo foi feita uma pequena explanação sobre a importância de Francisco Paulo Mendes para a nova geração paraense, além de uma análise acerca da poesia de Paulo Plínio Abreu, Ruy Barata, Haroldo Maranhão e Max Martins. O professor Francisco Paulo Mendes foi peça fundamental na leitura, crítica e difusão da literatura moderna em Belém nas décadas de 1940 e 1950, sendo difícil pensar a nova geração paraense sem ter em mente a sua participação. Foram mais de vinte anos de encontros que contribuíram para a formação de nova geração, ou melhor, de duas gerações, uma do final dos

---

<sup>14</sup> BERNARDO, Cléo. Posição e destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 05 de outubro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 45, p. 4. Entrevista.

<sup>15</sup> FERNANDEZ, Remígio. Posição e destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 05 de outubro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 45, p. 4. Entrevista.

<sup>16</sup> MOURA, Levi Hall de. Posição de destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 26 de outubro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 48, p. 4. Entrevista.

<sup>17</sup> LEVY, Sultana. Posição de destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 26 de outubro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 48, p. 4. Entrevista.

anos 30, da qual pertencia Mendes, e a outra, a mais nova, de meados dos anos 40, da qual pertenciam nomes tais como os de Max Martins, Haroldo Maranhão, Alonso Rocha, Benedito Nunes, dentre outros.

Em seguida o texto discute a poesia de Paulo Plínio Abreu, a qual não possui pátria, causas sociais ou qualquer acontecimento histórico. A sua poesia possui uma temática numerosa, onde facilmente se podem presenciar temas tais como os de viagem, de regiões maravilhosas, do amor, da amada, da infância, do anjo, da pureza e, principalmente, da morte. Esse tipo de poesia encontrou um grande representante nos escritos de Ruy Barata, pois em seus poemas angustiados o poeta sempre buscou respostas sobre a existência do ser e sobre a inexorabilidade da morte. Uma literatura diferente fazia Haroldo Maranhão, pois era relacionada ao dia-a-dia da cidade, onde as pessoas comuns e os personagens históricos eram transformados em ficção. Os temas eram os mais diversos, como as paixões clubísticas, a chegada de alguma autoridade nacional ou algum acontecimento político e/ou literário. Ele estava próximo às questões políticas devido a intensas disputas entre a imprensa da família e o Governador Magalhães Barata, quando ele e sua família viveram por quase treze anos no prédio onde funcionava o jornal *Folha do Norte*. E para finalizar resta ressaltar sumamente a poesia de Max Martins. Esta apresentava o verso-livre ligado à metáfora moderna e o ofício intelectual sério e relacionado ao desenvolvimento da língua e da sociedade. A temática do amor carnal tornou-se comum em sua poesia, na qual a relação entre sexualidade e linguagem era muito estreita. No mais profundo sentido da poesia de circunstância, Max Martins dialogou na década seguinte, anos 50, não apenas com a vanguarda estética, mas também com a política, criando um dos mais genuínos resultados do engajamento da palavra poética, que segundo Benedito Nunes, foi o poema *Ver-o-Peso*, amplamente difundido e imitado.

O terceiro capítulo faz um estudo mais fechado sobre dois nomes da nova geração paraense, Benedito Nunes e Mário Faustino. Mas antes de adentrar nesse ponto o texto faz primeiramente uma discussão acerca das tendências contemporâneas da literatura mundial, as quais influenciaram de sobremaneira as letras dos jovens paraenses. A literatura contemporânea buscava o sentido da existência humana e sua poesia alcançou uma forma mística e transcendental, influência do simbolismo de Baudelaire, Mallarmé, e da obra de existencialistas tais como Joyce, Yeats, Rilke e Sartre. Neste capítulo foram destacados dois pensamentos largamente difundidos e dialogados nos idos da década de 1940, a literatura simbolista e a filosofia existencialista.

O simbolismo ganhou muito espaço entre os poetas dos anos 40, para os quais a poesia passou a mostrar o mundo das idéias e a buscar o significado oculto das coisas em detrimento dos aspectos reais da sociedade tais como, por exemplo, a nação, a região e a política. Esse movimento teve como um dos seus principais representantes o francês Charles Baudelaire, que em 1857 publicou *As flores do mal*, obra polêmica que mexeu com as tradições literárias francesas. O poeta criou a poesia da cidade, com massas anônimas, prazeres proibidos e miséria. Entre seus principais temas estão a beleza, a mulher, a boemia, a embriaguez, a morte e o tédio. Também foi precursor de uma linguagem moderna no romantismo, concedendo à realidade uma submissão lírica. Sua obra foi muito influente, e foi de onde derivaram os procedimentos anticonvencionais de Rimbaud e Lautréamont, a musicalidade de Verlaine, o intelectualismo de Mallarmé, a ironia coloquial de Corbière e Laforgue. Baudelaire promoveu a atualização da literatura francesa, além de influenciar a literatura mundial a partir da segunda metade do século XIX<sup>18</sup>.

Com uma poesia lúcida e hermética pode-se citar Stéphane Mallarmé. O seu desejo era transformar os seres e as coisas em escrita e descrição, quando a poesia deveria consumi-los. Acreditava que a única função e finalidade das coisas era servir à poesia, isso por que para ele o mundo foi feito para caber num livro. No entanto, passou sua vida escrevendo, reescrevendo e corrigindo alguns sonetos e poemas curtos. Seus poemas mais conhecidos são *L'après-midi D'un Faune* (1876), que inspirou a música *Prélude à l'après-midi d'un Faune* do compositor francês Claude Debussy, e *Herodias* (1869). Outros escritos importantes de Mallarmé são: a antologia *Verso e prosa* (1893) e o volume de ensaios em prosa denominado *Divagações* (1897)<sup>19</sup>.

A outra corrente de pensamento que dialogou com a literatura da geração dos anos 40 foi a filosofia existencialista. Dois intelectuais existencialistas – Sartre e Rilke – deixaram grande legado à literatura mundial, tanto no que diz respeito à poesia quanto na filosofia. O grupo paraense entrou em contato com essa literatura nas rodas de café com Francisco Paulo Mendes, mas o maior diálogo só veio com a criação do suplemento *Arte-Literatura*, em 1946, a partir do qual esses jovens entraram em contato com o que havia de mais novo em termos de

---

<sup>18</sup> CAROLLO, Cassiana Lacerda (org.). *Decadismo e Simbolismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.

<sup>19</sup> Ibid.

literatura. Algumas publicações no suplemento mostram esse intenso contato com a filosofia existencialista. Pode-se destacar o *Poema III*, de Rainer Maria Rilke, traduzido por Paulo Plínio Abreu; *A arte literária de Jean-Paul Sartre*, de Labin Suzanne; *Rilke e a poesia lírica*, de Euryalo Cannabrava; *Jean-Paul Sartre e a literatura interessada*, de Paul Arbousse Bastide; *O escritor e a nossa época*, de Albert Camus; e *Considerações sobre A Peste*, de Benedito Nunes.

O auge da filosofia de Sartre se deu depois de finda a II guerra mundial, principalmente devido a sua defesa da liberdade e da existência. Entre 1945 e 1963 as suas publicações aumentaram consideravelmente e se difundiram em diversos países. Em 1945 publica *Huis-clos* (Entre quatro paredes) e *Les Chemins de la liberté* (A Idade da Razão); em 1946 publica *L'existencialisme est un humanisme* (O Existencialismo é um humanismo); *Morts sans sépulture* (Mortos sem sepultura) e *La Putain respectueuse* (A prostituta respeitosa); em 1947 publica *Baudelaire* e *Les jeux sont faits* (Os dados estão lançados); dentre vários esses podem ser destacados apenas como exemplo<sup>20</sup>. A questão do engajamento está entronizada em toda a sua obra, assim como a liberdade. O engajamento para Sartre significa a necessidade de um determinado pensador estar voltado para a análise da situação concreta da realidade, tornando-se solidário aos acontecimentos sociais e políticos de seu tempo e com isso colocando a liberdade não apenas imaginária, mas situada e comprometida na ação. O exercício da liberdade nas ações de escolher o que fazer é sempre intencional, é sempre movido por uma vontade consciente dos princípios norteadores dessa escolha e dos fins e conseqüências dessa ação. Na ação livre, o homem é consciente dos princípios de sua ação, porém, e isto é fundamental na obra sartriana, não existem valores prontos que sirvam de guia para a escolha humana. Para Benedito Nunes são três as razões para o fascínio de sua geração para com a obra de Sartre: o primeiro é o estreito vínculo entre filosofia e literatura; o segundo é o engajamento e o terceiro recai no papel de escritor humanista e militante que intensamente lutou pela liberdade<sup>21</sup>.

Outro intelectual discutido no último capítulo dessa dissertação é Rainer Maria Rilke, considerado um dos poetas modernos mais importantes e inovadores da literatura alemã por seu estilo preciso, pelas imagens simbólicas e suas reflexões. Nesta perspectiva, o que faz de

---

<sup>20</sup> COHEN-SOLAL, Annie. *Jean-Paul Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

<sup>21</sup> NUNES, Benedito. *O mito Jean-Paul Sartre (necrológio)*. Disponível em: <[www.trilhasdacultura.com.br/n1/sartre.htm](http://www.trilhasdacultura.com.br/n1/sartre.htm)>. Acesso em 23 de junho de 2006. [Entrevista].

Rilke um poeta moderno é esta sua particular concepção da vida do artista, no sentido de experiência voltada para a descoberta do seu mundo interior oposta à procura de reconhecimento do mundo exterior. Ele se opôs cada vez mais ao cristianismo durante a composição das *Elegias de Duíno*, quando inventou uma proposição metafísica própria, nem cristã, nem teológica, inteiramente poética, onde os anjos seriam criaturas ideais ou homens que, com a morte, se transformariam em seres majestosos, transfigurados. Trabalhando com os limites sensoriais da existência, da melancolia, a sua poesia traduziu o fundamento da busca de ser, e a sua visão individualista da solidão do homem em todos os momentos da sua vida, influenciou gerações inteiras de poetas durante todo o século XX. A sua influência sobre a sociedade ocidental se deveu sobretudo às suas respostas semi-religiosas à cultura européia, a qual havia se tornado crítica do cristianismo, mas, no entanto, não conseguia viver sem soluções religiosas. Diante disso Rilke, insatisfeito com as explicações cristãs, criou uma poesia profética que buscava novas entendimentos aos problemas da transcendência, da morte, da carne e da vida<sup>22</sup>.

No entendimento de Otto Maria Carpeaux já estaria suficientemente constatada a extraordinária capacidade do existencialismo na inspiração literária, e a obra de Sartre bastaria prová-la<sup>23</sup>. Por que é assim, segundo o autor, que deve ser concebido o existencialismo, isto é, como uma filosofia capaz de inspirar uma literatura; e o existencialismo como literatura só pode ser visto como objeto de estudo. E é nessa literatura de inspiração existencialista que essa dissertação mira suas principais observações. Isso por que essa foi a tendência predominante na criação literária dos jovens da *Turma do Central* que publicavam no suplemento *Arte-Literatura*. Esse grupo cultural, depois de entrar em contato com essas tendências contemporâneas da literatura mundial, primeiramente com Francisco Paulo Mendes e depois com mais intensidade a partir da criação do suplemento, deixou o parnasianismo cultivado na *Academia dos Novos* e passou a fazer uma poesia modernista baseada nos ícones da semana de 22, mas amalgamada com as idéas da geração de 45. No entanto, esses jovens comungaram um sentimento de desencanto em relação a alguns acontecimentos da história recente, tais como a participação de modernistas no aparelho estatal do governo Vargas e todas as mentiras políticas dos ditadores e de todos que contribuíram para a eclosão das guerras mundiais e dos morticínios provocados por elas.

---

<sup>22</sup> SARAIVA, Arnaldo. *Para a história da leitura de Rilke em Portugal e no Brasil*. Porto: Edições Árvore, 1984.

<sup>23</sup> CARPEAUX, Otto Maria. Tendências contemporâneas: um esboço. In: *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.

No último tópico desse trabalho é feita uma análise acerca da relação entre o contato com a literatura de inspiração existencialista e a atitude poética e social de dois poetas da *Turma do Central*, momento em que buscaram um novo olhar sobre a história e sobre a literatura. Trata-se dos jovens Mário Faustino e Benedito Nunes.

O poeta piauiense de nascimento, mas paraense por vivência, apareceu de forma “quase inacreditável, pela perfeição e realização de seus poemas”, afirmou Francisco Paulo Mendes<sup>24</sup>, e tornou-se um dos maiores representantes da poesia contemporânea em Belém, expressando como poucos os temas da poesia de inspiração existencialista. Parafraseando Lilia Silvestre Chaves pode se dizer sobre Mário Faustino o mesmo que Kierkegaard teria dito a Rilke: que “ele fez de sua vida uma experiência, um poema/ensaio definido e desejado de existência poética”<sup>25</sup>. E a vida de Faustino estaria integralmente presente em sua obra. Mário Faustino, o poeta da rosa, em sua formação literária no suplemento literário da *Folha do Norte*, enveredou-se para uma poesia de forte apelo simbolista e existencialista.

No caso de Benedito Nunes o texto busca, da mesma forma, visualizar a sua poesia, mas também a sua crítica literária e filosófica, no sentido de perceber em sua essência a presença do existencialismo como fonte de inspiração para a criação de uma nova poesia e de uma nova visão de mundo. Este outro jovem nascido intelectualmente em meios parnasianos, enquadrou-se em outro tipo de existencialismo, isto é, num mais engajado com a existência do indivíduo. No suplemento da *Folha do Norte* ele publicou do começo ao fim as suas poesias e críticas literárias, sendo a maioria com perceptível influência sartriana. A preocupação com o engajamento e com a liberdade do indivíduo fica patente nos escritos de Benedito Nunes publicados no suplemento *Arte-Literatura*. Em *Ação e Poesia* Benedito Nunes discute a questão da ação do indivíduo perante os problemas da sociedade moderna; e em *Considerações sobre A Peste*, evidencia que o romance de Camus reflete os dramas do homem em busca do sentido de sua existência frente a uma sociedade atordoada e perplexa com as conseqüências da guerra.

---

<sup>24</sup> MENDES, Francisco Paulo. O Poeta e a Rosa. *Folha do Norte*. Belém, 25 de abril de 1948. Suplemento Arte-Literatura, n. 76, p. 1.

<sup>25</sup> CHAVES, Lilia Silvestre. *Mário Faustino: uma biografia*. Belém: Secult, 2004.

O último capítulo mostra que Benedito Nunes e Mário Faustino, assim como outros poetas da *Turma do Central*, recorreram às tendências contemporâneas, principalmente ao existencialismo e ao simbolismo, com o objetivo de fazer uma nova poética, que deixaria de lado o nacionalismo tão forçosamente cultivado pela geração de 30, e os regionalismos e a valorização da cultura brasileira almejados pela geração de 30; e passaria a estimar uma literatura mais psicológica, repleta de símbolos e imagens sombrias, de lugares recônditos e uma existência a decifrar. Um sentimento de desilusão levou esses jovens a uma atitude, muitas vezes, de negação e de desencanto perante a história recente, e para que esta não se repetisse esse grupo traçou as suas próprias diretrizes para não mais se iludirem com as mentiras políticas. E para terminar podem-se usar as fortes palavras que Max Martins lançou em defesa de seu grupo: “a nova geração, antes de tudo, não crê em ninguém, senão em si mesma”. E para complementar a definição desse grupo pode-se também citar Cléo Bernardo: “desajudada realizou o seu ideal, combatida traçou as suas diretrizes; errando aqui, indecisa ali, acertando acolá, mas sempre guiando solitária o seu destino e inteligência, a sua esperança e inquietação”<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> BERNARDO, Cléo. Posição e destino da literatura paraense. op. cit.

## CAPÍTULO I

### 1. *Da Casa das tias ao Café Central:: o itinerário de uma nova literatura.*

1.1. *Suplemento Arte-Literatura: suporte do escrito, suporte de uma geração e de um sentimento geracional.*

*As páginas de minha desfalcada coleção do Suplemento ainda espelham as coisas novas, formas de sensibilidade poética e padrões de pensamento filosófico que emergiam no fim da Segunda Guerra Mundial.*

Benedito Nunes

Meados dos anos 40. Neste contexto de fim de guerra e de redemocratização surgiu uma nova tendência na imprensa brasileira: a criação de suplementos literários. Estes foram idealizados para minar o isolamento da literatura nacional entre si e entre outros países. Tais periódicos acolheram diversas linguagens e os mais significativos nomes da geração de escritores, poetas, contistas, ensaístas e críticos dessa década, e se tornariam, segundo Alzira Alves de Abreu, na década seguinte, instrumentos de ascensão social, por onde os colaboradores conseguiam influências que lhes permitia o acesso a universidades, a cargos públicos, a editoras e à política<sup>27</sup>. Os suplementos literários na década de 40 foram responsáveis por uma das principais características da nova geração da literatura brasileira: a de não pertencer somente ao eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Muito pelo contrário, ela se fez presente em vários Estados brasileiros, e com uma produção muito intensa fortalecida através da criação de revistas e suplementos literários.

Alguns suplementos e revistas destacaram-se: no Ceará havia as *Edições Clã*<sup>28</sup> (1946-57); em Recife, *Nordeste*; em Goiás, *Agora*<sup>29</sup>; no Maranhão destacavam-se o *Malazarte* (1947-48), o *Sete Dias* e o *Suplemento Cultural do Centro Cultural "Gonçalves Dias"*, publicado no *Jornal Diário de São Luis*<sup>30</sup>; no Rio de Janeiro foi fundado o *Suplemento Letras*

<sup>27</sup> ABREU, Alzira Alves de (org.). Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 27.

<sup>28</sup> Este periódico foi fundado pelo *Grupo Clã*, que se formou em 1943 e reuniu, na cidade de Fortaleza-Ce, os escritores da chamada Geração de 45 do Modernismo. Dentre os seus membros destacam-se Eduardo Campos (1923), Artur Eduardo Benevides (1923), Lúcia Fernandes Martins (1926) e Fran Martins (1913-1996). Clã responsável pela implantação definitiva do Modernismo no Ceará nos anos 40.

<sup>29</sup> A revista literária *Agora* foi fundada, em 1946, por um grupo formado por Afonso Félix de Sousa (1925-2002), Jesus Barros Boquady (1929), Bernardo Elis (1915-1997), dentre outros.

<sup>30</sup> Para saber mais a acerca da geração de 45 no Maranhão ver: BRASIL, Assis. Bandeira Tribuzi: Um Poeta da Geração 1945. *Suplemento Cultural e Literário JP Guesa Errante*, ano II, n.62, 2005; SÁ, Sérgio. Crítico

& Artes (1946-1953) do Jornal *A Manhã*; em Belém havia o Suplemento Literário *Arte e Literatura*, do Jornal *A Província do Pará*, e o Suplemento Literário *Arte-Literatura* (1946-51), do Jornal *Folha do Norte*. A literatura do interior – apesar das dificuldades geográficas, de tempo e de bibliografia – se fortaleceu com a criação de revistas e de suplementos literários, momento nos quais as grandes cidades passaram a enxergar com atenção os trabalhos realizados nas diferentes regiões do Brasil.

Os livros datilografados na máquina do Banco do Pará, que somente passavam pelas mãos dos confrades da *Academia dos Novos*, cederam seu lugar ao importante e bem elaborado Suplemento *Arte-Literatura*, do Jornal *Folha do Norte*. Criado e dirigido por Haroldo Maranhão, em 1946, esse suplemento veio mudar a trajetória do escrito e atingir positivamente e de sobremaneira os rumos da poesia e da crítica literária local. O Suplemento mudou a técnica de reprodução do texto bem como suas estruturas e formas do suporte da comunicação. Para Chartier, as mutações, ao longo da história, na forma e no suporte do escrito comandaram “novas maneiras de ler, novas relações com o escrito, novas técnicas intelectuais”<sup>31</sup>. Os *Novos* modernistas paraenses puderam, com este novo suporte, expor seus escritos ao grande público e, sobretudo, acompanhar e dialogar com as novas tendências da literatura nacional e internacional. A partir desse encarte, frisa Benedito Nunes, “criou-se um espírito comum na maneira de sentir e de pensar o mundo e a literatura”<sup>32</sup>.

O *Arte-Literatura* (1946-51) foi espaço para a poética de diversos pensadores como Álvaro Lins, Otto Maria Carpeaux, Lúcia Miguel Pereira, Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet, Alceu de Amoroso Lima, Almeida Fischer, Paulo Ronai, Aurélio Buarque de Holanda, Roger Bastide e Wilson Martins. A enorme lista de intelectuais continua com Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Emílio Moura, Mário Quintana e Joaquim Cardoso. Estes co-escreviam junto aos novos Ledo Ivo, Bueno de Rivera, Alphonsus de Guimarães Filho, João Cabral de Melo Neto, Péricles Eugênio da Silva, Jorge Medauar, Aluizio Medeiros,

---

indignado. *Suplemento Cultural e Literário JP Guesa Errante*, ano II, n. 57; OLINTO, Antônio. Três tempos da poesia de Nauro Machado. *Suplemento Cultural e Literário JP Guesa Errante*, ano III, n. 112. Todos esses textos e outros tantos, tais como *Bandeira Tribuzi: Do eldorado do maranhão novo ao consumidor da vida*; *Bandeira Tribuzi: Ou a Revolução Estética de 1948*; e *Bandeira Tribuzi: um poeta da Geração de 45*; *Oswaldino Marques: a sabedoria que clama do exílio*; e *Nauro Machado: 45 anos de poesia*, podem ser acessados no site: <<http://www.guesaerrante.com.br/>>.

<sup>31</sup> CHARTIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. *Estudos Avançados*, v. 8, n. 21, 1994. p. 190.

<sup>32</sup> NUNES, Benedito. Prefácio: Max Martins, Mestre-Aprendiz. op. cit., p. 18.

Domingos Carvalho da Silva, Antônio Rangel Bandeira, e outros. A lista é longa, porém, é necessária para tomarmos ciência da grandeza desse periódico provinciano. Lembre-se também dos colaboradores do Pará como Haroldo Maranhão, Max Martins, Jurandir Bezerra, Alonso Rocha, Benedito Nunes, Ruy Barata, Paulo Eleutério Filho, Marques Rebelo, Cauby Cruz, Cécil Meira, Cléo Bernardo, Francisco Paulo Mendes, Levi Hall de Moura, Mário Couto, Mário Faustino, Nunes Pereira, Orlando Bitar, Otávio Mendonça, Paulo Plínio Abreu entre outros<sup>33</sup>.

O Suplemento Literário da *Folha do Norte* era o lugar da poética dos novos poetas. Era também um instrumento de atualização da literatura local, pois, através dele, tiveram contato com diversos escritores de várias regiões do País e também do exterior. O suplemento exprimiu um sentimento geracional de renovação na medida em que oportunizou a esses jovens exporem seus poemas modernos e, ao mesmo tempo, colocou-os em constante contato com o que havia de mais moderno na literatura mundial. Nas memórias de um deles, Benedito Nunes: “Só aí começamos a conhecer os grandes romances modernos. Moderno foi para nós atualização, recuperação do atraso em que a gente estava por não acompanhar o ritmo da literatura mundial”<sup>34</sup>.

Este periódico, em seus 165 fascículos, veiculado entre os anos de 1946 a 1951, expôs uma literatura que se propunha com forte apelo existencialista algo comum na poética dessa geração surgida nos idos dos anos 40. Tinha publicação semanal e saía aos domingos. Possuía o formato de tablóide, de quatro páginas. Era aparentemente disforme, possuía uma lógica própria e muito peculiar de organização. Alguns textos começavam na última página e terminavam na primeira. Além da poesia e da crítica literária, trazia em suas páginas caricaturas e fotografias de escritores, fotos de esculturas ou de pinturas modernistas. Nomes como o de Marc Chagal, Picasso, Salvador Dali e Bruno de Giorgi. Além disso, havia as entrevistas de autores nacionais e internacionais. Nestas entrevistas destacam-se as de Cecília Meireles, Sartre, Gide e Heidegger<sup>35</sup>.

---

<sup>33</sup> Suplemento Literário *Arte-Literatura* (1946-1951).

<sup>34</sup> NUNES, Benedito. *O encontro de uma geração*. Disponível em: <[www.trilhasdacultura.com.br](http://www.trilhasdacultura.com.br)>. Acesso em 20 de junho de 2006. [Entrevista].

<sup>35</sup> COELHO, Marinilce Oliveira. *Grupo dos Novos: memórias literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA/UNAMAZ, 2005.

Os temas principais presentes no Suplemento eram os ligados à literatura, aos novos grupos literários e à filosofia do pós-guerra. Isso era comum na maioria dos suplementos do Brasil e do exterior. Havia uma preocupação em defender o novo modernismo e sua estética e essência existencialista<sup>36</sup>. Essa geração não era combativa como a dos anos 20, ela não se embrenhava nas questões políticas do momento, pelo contrário, se importava mesmo era com a arte e com a literatura. A literatura dessa geração tratava do drama espiritual do pós-guerra. As crises existenciais era tema comum na poesia desses jovens, e neste comenos podemos citar algumas obras publicadas no Suplemento *Arte-Literatura*, como *Salmo quase elegia* (1948), de Alonso Rocha, *Confissão* (1947), de Benedito Nunes, *O poeta e a rosa* (1948), de Francisco Paulo Mendes e *1º motivo da rosa e 2º motivo da rosa* (ambos em 1948), de Mário Faustino. Havia também a poesia com imagens surrealistas e lírico-amorosas, é o caso de Haroldo Maranhão em *Momento lírico, mas doloroso* (1947). O uso de verso livre e o jogo de palavras, além da crítica ao estilo de vida moderno, foram comuns em Max Martins em, por exemplo, *Poema, Pedreira, Muaná da Beira do Rio* (1950).

Para Júlia Maués o Suplemento paraense estabeleceu os caminhos para a relação entre as tendências do Modernismo local e o internacional<sup>37</sup>. Havia conexões diretas com outros países através de correspondentes que enviavam artigos de crítica literária especialmente para o suplemento paraense. Era o caso do *Copyright do Serviço Francês de Informação*. Deste modo, o grupo do suplemento pôde, desta maneira, atualizar a sua literatura com as mais novas discussões acerca da arte literária, a qual se preocupava intensamente com os problemas da existência do ser humano. Essas eram questões literárias impulsionadas pelas mazelas proporcionadas pelas batalhas da Segunda Guerra Mundial, principalmente. Os anos 40 foram marcados pelo crescimento de uma filosofia existencialista que influenciou sobremaneira a literatura do pós-guerra, principalmente por meio dos escritos engajados do francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), e da poesia lírica, simbolista e espiritual do poeta e novelista Auto-germânico Rainer Maria Rilke (1875-1926).

Foi também no suplemento literário da *Folha do Norte* que essa nova geração paraense, de acordo com Benedito Nunes, incorporou extemporaneamente o modernismo,

---

<sup>36</sup> Para saber sobre o existencialismo no Brasil ver: BRITO, Farias. *As origens do existencialismo no Brasil*. São Paulo: Convívio, 1984. Cf., também: MOURÃO, Rhéa Sylvia. *Os caminhos do existencialismo no Brasil*. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1986.

<sup>37</sup> MAUÉS, Júlia. *A modernidade literária no Pará: o suplemento literário da Folha do Norte*. Belém: UNAMA, 2002. p. 24.

restaurando as suas fontes, paulistas e seus derivados cariocas e mineiros, “sem entreter a menor relação com os pioneiros paraenses da *Belém Nova*, excetuando-se o poeta Bruno de Menezes”<sup>38</sup>. Benedito Nunes afirma que o suplemento reintroduziu o modernismo no Estado, o qual já havia sido difundido, sem o conhecimento do seu grupo, a partir dos anos 20, pela revista *Belém Nova*<sup>39</sup>. Mas se o suplemento reintroduziu o modernismo, então é cabível entender que este, nos anos 40, não existia mais como movimento, isto é, já fazia parte dos compêndios escolares. Uma das razões para isso decorre da ida de muitos pioneiros, como Eneida de Moraes, ainda nos anos 20, para o Rio de Janeiro<sup>40</sup>.

O desconhecimento de duas décadas acerca da Semana de 22 não impediu que esse grupo de jovens ávidos por literatura se tornasse uma referência para a literatura local. E ao contrário de outros grupos de mesma geração, tal como o grupo paulista *Clima*, a *Turma do Central* pusera-se efetivamente como modernista, e não como um grupo de críticos, característica marcante da *Geração de 45*. Na acepção de Benedito Nunes, tal distanciamento promoveu uma particularidade no grupo paraense, que foi a não adesão à turbulência com os grupos antecessores, pois para Nunes, uma geração implica pelo menos a geração antecessora imediata, da qual só conheceram Bruno de Menezes<sup>41</sup>. O já bastante citado Suplemento mostra o cruzamento de interesses, mostra os mais diversos intelectuais de diversas partes do país e suas diferentes formas de sensibilidade da poética modernista. O suplemento também refletiu um sentimento de pertença ao modernismo, que foi sobejamente cultivado pelos *novíssimos* paraenses da *Turma do Central*.

Nessa circunstância o suplemento passa então a ser também um suporte do sentimento de uma geração agônica que viveu um momento de guerra mundial. Era uma geração agônica por que acabara de sair de um contexto em que ocorreram diversas atrocidades proporcionadas pelas guerras e pelos regimes políticos. As poesias misturavam-se com as manchetes sobre crimes bárbaros em batalhas e com as decisões autoritárias dos governantes.

---

<sup>38</sup> NUNES, Benedito. Meu caminho na crítica. *Estudos Avançados*, v. 19, n. 55, set./dez. 2005. p. 291. Cf., do mesmo autor: Bruno de Menezes: inventor e mestre. *Revista Asas da Palavra*, Belém: Unama, v. 10, n. 21, semestral. 2006. p. 37-44. Neste artigo o autor afirma: “em nossa memória literária ficará Bruno de Menezes. Ficarão não apenas como escritor de sua geração, a da revista *Belém Nova* dos anos 20, mas como um dos melhores poetas do Brasil setentrional, inventor e mestre na arte da palavra”.

<sup>39</sup> *Ibid.*

<sup>40</sup> Para um estudo mais apurado acerca do modernismo paraense dos primeiros anos do século XX até o final dos anos 20, ver: FIGUEIREDO, Aldrin Moura. *Eternos Modernos: Uma História Social da Arte e da Literatura na Amazônia, 1908-1929*. Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, (2001). Tese de doutorado. Unicamp.

<sup>41</sup> NUNES, Benedito. Prefácio: Max Martins, Mestre-Aprendiz. op. cit., p. 20.

Pairava um desconforto e um sentimento de revolta com os rumos que a história tomava. Nesse contexto histórico destacaram-se os escritos engajados do francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). As produções mais importantes desse filósofo foram de cunho psicológico: *La Structure du comportement* (1942) e *Phénoménologie de la perception* (1945). Apesar de grandemente influenciado pela obra de Edmund Husserl, Merleau-Ponty rejeitou sua teoria do conhecimento intencional fundamentando sua própria teoria no comportamento corporal e na percepção. Sustentava que seria necessário considerar o organismo como um todo para se descobrir o que se seguirá a um dado conjunto de estímulos. Voltando sua atenção para as questões sociais e políticas, Merleau-Ponty publicou em 1947, na revista *Les temps Modernes*, um conjunto de ensaios marxistas, chamado *Humanisme et terreur* (Humanismo e Terror), a mais elaborada defesa do comunismo soviético no final dos anos 1940. Contrário ao julgamento do terrorismo soviético, atacou o que considerava uma hipocrisia ocidental<sup>42</sup>.

O suplemento *Arte-Literatura* foi o suporte dessa nova escrita preocupada com os problemas da existência, e foi também o suporte de um sentimento geracional que propulsava a novos olhares sobre literatura, história, existência e sobre a relação entre indivíduo e estrutura social. Sustentou em suas páginas todo o fardo da construção de uma identidade literária de um grupo que buscava estabelecer-se no cenário cultural da Belém da década de 1940.

O periódico paraense foi de suma importância para a construção da identidade grupal dos jovens paraenses, pois até então eles não passavam de um grupo de jovens poetas desconhecidos localmente e isolados da literatura de outros Estados. Para Marinilce Coelho “o Suplemento Literário da *Folha do Norte* foi uma realidade influente com os intelectuais da região e deu vez ao melhor da poesia, da ficção e da crítica daqueles anos”<sup>43</sup>. De acordo com Haroldo Maranhão o suplemento abriu espaço para a literatura e não para a subliteratura, para o sério e permanente, e não para a literatura sem valor<sup>44</sup>. E certamente a literatura parnasiana não tinha muito espaço no encarte, pois esta não se tratava de uma coisa nova, moderna, além de não abarcar os temas sobre o indivíduo. E a condição humana na sociedade moderna esteve

---

<sup>42</sup> Para saber mais sobre o filósofo Merleau-Ponty ver: cf., CHAUI, Marilena. Experiência do pensamento. In: *Experiência do Pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002; ver também: PAVIANI, Jayme. A descrição fenomenológica em M. Merleau-Ponty. *Veritas*, Porto Alegre, v. 39, n. 159, p. 569-579, 1994.

<sup>43</sup> COELHO, op. cit., p. 147.

<sup>44</sup> MARANHÃO, Haroldo. O Pará não morreu: Viva o Acará! *O Liberal*, Belém, 23/IX/1990. [Entrevista].

intensamente imprimida na poética da geração modernista do após segunda guerra mundial. Ora com um existencialismo introspectivo, ora com um mais engajado, a geração de 45 exprimiu poeticamente a supressão, o desrespeito e a violação da vida cotidiana e da essência do indivíduo, sobretudo por intermédio da influência das obras de Sartre, Rilke, Heidegger, T.S. Eliot, Baudelaire, Whitman, Rimbaud, Mallarmé, Yeats, Erza Pound e Merleau-Ponty.

Benedito Nunes era um dos que fazia parte dos poetas mais comprometidos socialmente, e publicou vários poemas e artigos de crítica literária e filosofia no suplemento. Pendia poeticamente e filosoficamente, já nos anos 40, para o existencialismo de caráter mais social, engajado. Em *Ação e poesia* (parte I)<sup>45</sup>, trata das atitudes do homem, como um ser que vive num plano avançado de conhecimento, e que, portanto, possui a capacidade de reagir às perplexidades do cotidiano da humanidade no sentido de buscar a liberdade do indivíduo perante a exploração promovida pela estrutura social do capitalismo. Nesse texto Benedito Nunes afirma que o homem passou a lidar com o dever, e as obrigações passaram a interessar apenas ao indivíduo, e não à pessoa humana. Pode-se citar como exemplo dessa literatura engajada o artigo *Considerações sobre a peste*, onde Nunes faz uma análise do romance *A Peste*, de Albert Camus, e onde reafirma essa questão do homem frente à estrutura capitalista. Nesse caso Benedito Nunes ressalta que a única potencia capaz de arrancar o homem do desespero é o heroísmo que vem da negação da fé, e que se fundamenta na necessidade de viver, característico ao homem contemporâneo. Tal heroísmo, afirma Nunes, surge como consequência direta de uma reflexão pessimista em torno da situação humana.

O existencialismo ligado aos problemas sociais teve muita influência do marxismo, quando Sartre teria assumido que a sua filosofia da existência possuía convergências com o marxismo. Para Labin Suzanne a obra de Sartre mostra um mundo global e popular, por isso ser tão aceita em diversas culturas. É até difícil definir tamanha influência que ela exerceu no pensamento ocidental, principalmente. Sua filosofia existencialista ultrapassou fronteiras culturais e físicas; influenciou a poesia de grupos literários; redefiniu a filosofia de muitos pensadores<sup>46</sup>.

---

<sup>45</sup> NUNES Benedito. *Ação e Poesia I. Folha do Norte*. Belém, 01 de junho de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 28, p. 3.

<sup>46</sup> LABIN, Suzanne. A arte literária de Jean-Paul Sartre. *Folha do Norte*. Belém, 13 de abriu de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 25, p. 1 e 3. Cf., também: LÉVY, Bernard-Henri. *O século de Sartre*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

O periódico político-literário *Les Temps Modernes*, fundado por Sartre e Merleau-Ponty, em 1945, foi o espaço onde Sartre e outros existencialistas engajados publicaram seus escritos – peças teatrais, poesia e filosofia, e foi por onde se iniciou a grande difusão do existencialismo pelo mundo afora, sobretudo devido sua ânsia pela liberdade e pelo engajamento do homem. A noção de engajamento de Sartre significa a necessidade de um determinado pensador estar voltado para a análise da situação concreta em que viva, tornando-se solidário aos acontecimentos sociais e políticos de seu tempo. Pelo engajamento, a liberdade deixa de ser apenas imaginária e passa a estar situada e comprometida na ação. Theodor Adorno afirma que, para Sartre, “o sentimento conceitual da criação poética permanece o pressuposto do engajamento”<sup>47</sup>.

O existencialismo sartriano converge para o marxismo. Sartre demonstra isso em sua obra *Marxismo e Existencialismo* quando afirma que “existencialismo e marxismo visam o mesmo objeto, mas o segundo absorveu o homem na idéia e o primeiro procura-o por toda a parte onde ele está, no seu trabalho, em sua casa, na rua”<sup>48</sup>. Sartre enfatiza a questão da história como sendo o meio pelo qual tanto o marxismo quanto o existencialismo buscam descobrir as verdades através da experiência do ser<sup>49</sup>.

Diversamente de Benedito Nunes, com um toque rilkeano e, pois, mais introspectivo, aparece o poeta Mário Faustino (1930-62). Era um dos mais jovens, senão o mais jovem poeta da *Turma do Central*. A vida de Faustino foi marcada pela precocidade. Nascido no Piauí, Faustino mudou-se para o Pará ainda na infância. Caçula de família composta por 20 filhos, o poeta viveu em Belém com o irmão mais velho, a quem o poeta chamava de pai. Logo aos 16 anos, trabalhou no jornal *A Província do Pará*. Antes de seguir para o Rio de Janeiro, ganhou bolsa de estudos, e, aos 21 anos, seguiu para os Estados Unidos, onde estudou língua e literatura inglesas. Na capital paraense, envolveu-se com movimentos literários e intelectuais da região e acabou conhecido em outros Estados<sup>50</sup>.

---

<sup>47</sup> ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973. p. 53.

<sup>48</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Marxismo e Existencialismo*. In: *Questão de método*. 4ª ed. São Paulo – Rio de Janeiro: Difel, 1979. p. 29.

<sup>49</sup> *Ibid*, p. 30.

<sup>50</sup> Para mais informações sobre a vida de Mário Faustino, ver: cf., CHAVES, Lilia Silvestre. *Mário Faustino: uma biografia*. Belém: Secult, 2004. Ver também: CHAVES, Albeniza de Carvalho. *Tradição e modernidade em Mário Faustino*. Belém: UFPA, 1986.

O tipo de linguagem subjetiva, encontrada claramente em Faustino, é característica marcante na poesia de Rilke, que possuía um ar atormentado pelos enigmas do mundo invisível, pelas manifestações do sobrenatural; uma arte mórbida, inclinada a decifrar os segredos do destino, as charadas da vida e da morte<sup>51</sup>. Através da sua poesia, com devaneios, imagens sonolentas e sensíveis e a beleza, Faustino exterioriza, com seu estilo introspectivo, a expressão das novas tendências da literatura contemporânea. Sua poesia foi primeiramente influenciada por Baudelaire, Rimbaud, Rilke, Lorca, Cecília Meireles e Fernando Pessoa. Depois vieram as influências inglesas contemporâneas, dentre os quais se destacam T.S. Eliot, Cummings, Hart Crane, Dylan Thomas e Erza Pound; logo depois sofreu o impacto do francês Saint-John Perse. Mas a influência mais visível é certamente a de Rainer Maria Rilke<sup>52</sup>.

Poeta hermético, os seus poemas traduziram a angústia de um ser inadaptado ao século XX. A modernidade para Rilke era mais passadismo do que propriamente modernidade. Para José Paulo Paes, apesar de Rilke ter sido um dos mais brilhantes poetas do século passado, não parece ter vivido nele, pois suas idéias e modo de vida não estavam em sintonia com o pensamento de sua época<sup>53</sup>. Isso se explica segundo o autor, de um lado, pela predileção do poeta aos velhos castelos onde escreveu grande parte de sua obra e pelo mecenato aristocrático de que sempre dependeu para garantir sua subsistência; e por outro lado, por causa de sua confessa aversão ao mundo da velocidade, da máquina e da produção em série, coisas que contrapunham a nostalgia de tempos em que a convivência de gerações com os mesmos objetos conferia lhes o que chamava de “valor lariço”, contrário do valor ausente das coisas modernas. Trabalhando com os limites sensoriais da existência, da melancolia, a sua poesia traduz o fundamento da busca de ser. Ela está “situada em nível bem mais profundo, ela tem antes a ver com um sentimento do total desamparo do homem no mundo”<sup>54</sup>. Rilke expressou a filosofia da existência através da forma poética e inovou a poesia tanto no conteúdo quanto nos meios de expressão. Fez isso com a visualidade dos poemas-coisas nas

---

<sup>51</sup> Cf., BENEVIDES, Walter. *Rilke ou a Convivência com a Morte e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1976. Ver também: ROSA, António Ramos. Rilke e o espaço interior do mundo. In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n. 10, 1972. p. 25-31.

<sup>52</sup> MULLER, Luciana Martins. *Tensões de crítica e de poesia em Mário Faustino*. 2000. 173 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – USP, São Paulo, 2000. Cf., NUNES, Benedito. A poesia de meu amigo Mário. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (Org.) *Mário Faustino: o homem e sua hora e outros poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>53</sup> PAES, José Paulo. *Rainer M. Rilke: Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 11.

<sup>54</sup> *Ibid*, p. 12.

duas séries dos *Novos Poemas* (1907-8), e com a lírica do pensamento de que fazem parte os *Sonetos a Orfeu* e as *Elegias de Duíno*<sup>55</sup>.

Sartre e Rilke foram as principais matrizes existencialistas na poesia da nova geração de modernistas paraenses. Artigos nacionais, internacionais, e tradução de obras de ambos foram amplamente publicados no Suplemento *Arte-Literatura*, fato que contribuiu para o diálogo entre essa literatura estrangeira e os poetas da região. O diálogo foi a chave para uma nova forma de ver a realidade presente e passada, criticá-la e também negá-la, uma desilusão movida a traumas e medos de uma história recente. Para o historiador Aldrin Moura de Figueiredo, “os literatos teriam passado a ver na sociedade um verdadeiro objeto de reflexão e que, na política ou nas artes, eles tinham o dever de discutir a realidade do povo brasileiro a partir de suas ‘próprias diretrizes’”<sup>56</sup>. Essas diretrizes foram construídas a partir de uma história eivada de caminhos tortuosos, abertos por um grupo de jovens que detinham idéias novas e diversificadas e um instrumento dominical para materializá-las.

Benedito Nunes e Mário Faustino são exemplos do diálogo com a literatura existencialista e da evidente diversidade de direções tomadas pelos amigos da *Turma do Central*. Com efeito, não houve somente um rumo para a chegada ao modernismo. Para Aldrin Figueiredo, o processo de descoberta das idéias modernistas parece ter acontecido de maneira diversa entre os confrades da *Academia dos Novos*<sup>57</sup>. Diferentemente do que ocorreu nos rígidos métodos e rituais seguidos à risca pelos parnasianos da *Academia*, a liberdade de expressão modernista imperou nas mentes desses jovens recém-convertidos à literatura moderna, não sendo, pois, mais necessárias as normas de postura, de escrita e da fala.

O Suplemento Literário *Arte-Literatura* foi suporte dessa nova escrita. Coube a ele levar ao leitor comum de jornal as novas idéias trazidas e/ou literalmente buscadas por poetas ansiosos por renovação e modernização tanto da poesia quanto das ideologias. Buscavam uma nova maneira de ver e fazer a história, uma história, para Max Martins, distante das falsas

---

<sup>55</sup> CANNABRAVA, Euryalo. Rilke e poesia lírica. *Folha do Norte*. Belém, 13 de abril de 1947. Suplemento *Arte-Literatura*, n. 25, p. 2 e 4. Nesse artigo o autor aponta que o desenvolvimento da poesia de Rilke parte de uma lírica que trabalha com sentimentos, passando pelos "poemas-objeto" de grande virtuosismo, até as exaltações mágicas e as mensagens quase indecifráveis, semelhantes a códigos que beiram a fronteira do indizível.

<sup>56</sup> FIGUEIREDO, Aldrin M. Querelas esquecidas: o Modernismo brasileiro visto das margens. In: PRIORE, Mary Del; GOMES, Flávio dos Santos. *Os Senhores dos Rios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p. 268.

<sup>57</sup> *Ibid.*

promessas dos politiquinhos anacrônicos dos anos 30 e das velhas lições moralistas<sup>58</sup>. O Suplemento, portanto, comportou essa literatura existencialista, essa escrita crítica, atônita e agônica, esse sentimento de desilusão à história recente. É imenso, por tudo o que foi dito, o significado histórico desse suplemento tanto para o grupo que o criou quanto para a escrita da história do modernismo paraense.

### 1.2. *Turma do Central: um grupo literário*

O estudo de uma geração como esta, rotulada *Geração de 45*, traz consigo o debate sobre grupos literários, os quais são peças indispensáveis para a construção de uma história social da literatura. O importante ao se estudar tais grupos não é saber como se representavam, mas o que representaram na história. Eles devem, pois, ser analisados além de sua autodefinição. Precisam ser estudados como um grupo cultural e social, percebendo suas relações dentro da sociedade. Para Raymond Williams<sup>59</sup>, tais grupos são essenciais para a escrita da história da cultura moderna, pois sua importância social e cultural é bastante proeminente, sobretudo naquilo que realizaram na sociedade com a qual estabeleceram as mais diversas relações. Em *A Fração Bloomsbury*, Williams analisa o grupo cultural *Bloomsbury*, formado na Inglaterra no início do século XX e do qual participaram intelectuais como Virgínia Woolf (1882-1941) e Maynard Keynes (1883-1946). Neste artigo o autor procura compreender a significação social e cultural, os valores de afeição pessoal e prazer estético e as relações mantidas com a classe dirigente, além do caráter da contribuição cultural, intelectual e artística da fração Bloomsbury no contexto histórico de sua formação e sua significação.

Ao analisar a formação da fração *Bloomsbury*, Williams percebeu que havia alguns princípios base que correspondiam à sua formação e às suas atitudes, e que esses princípios ou valores compartilhados foram fortemente influenciados por G.E. Moore e pela vivência em Cambridge. Eram valores que, de modo específico, estavam sustentados na franqueza das palavras e na clareza das afirmações. O autor afirma que tais hábitos estiveram imediatamente

---

<sup>58</sup> MARTINS, Max. Posição e destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 07 de dezembro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, nº. 55, p. 4. Entrevista.

<sup>59</sup> WILLIAMS, Raymond. *A Fração Bloomsbury*. *Plural*. USP, São Paulo, n. 6, 1999. p. 139-168; do mesmo autor ver: *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ligados à formação interna e externa do grupo, além de fazê-los sentirem-se diferentes dos demais, haja vista a sua postura avançada para a classe e para a época a que pertenciam<sup>60</sup>.

Entre os valores também havia, segundo Williams, a intimidade, a afeição pessoal e a consciência social. A intimidade ou liberdade para dizer coisas incomuns para a época era um valor que membros do iminente Bloomsbudy cultivavam em suas conversas. O autor procura mostrar essa relação aberta quando cita Leonard Woolf, onde este comenta que o significado de se chamar uma pessoa pelo primeiro nome ao invés do sobrenome e de beijar ao invés de apertar as mãos é muito forte e produz um efeito de intimidade e liberdade. Para Woolf, foi no círculo de amigos de Cambridge onde encontrou a “liberdade completa de pensamento e de expressão”. A afeição pessoal, por outro lado, não estava relacionada à liberdade de discutir algo abertamente, estava sim ligada aos laços de amizade, de fidelidade e de companheirismo. Esta se referia mais à franqueza dos relacionamentos e das questões emocionais<sup>61</sup>.

O último de tais valores compartilhados na formação do grupo Bloomsbudy é o representado pela expressão consciência social. Para Raymond Williams esse grupo não pode ser concebido como de “estetas retirados e lânguidos”, isso por causa de seus envolvimento na política e nas organizações. Para exemplificar o autor registra a participação de Leonard Woolf na Liga das Nações, no movimento cooperativo e no Partido Trabalhista, sobretudo nas questões antiimperialistas. Cita também a contribuição de Keynes e de Virgínia Woolf. Para Williams, essa consciência social significava preocupação com os injustiçados, uma preocupação de uma fração de uma classe superior dominante com uma classe inferior, não por solidariedade e nem por afiliação, mas por um sentido de obrigação pessoal ou de grupo contra a crueldade e estupidez do sistema, e em prol de suas vítimas sem nenhuma assistência social. Essas atitudes baseadas nessa consciência social redundaram em reformas sociais e políticas de grande importância na Inglaterra<sup>62</sup>.

A consciência social, na conclusão de Williams, foi o verdadeiro termo de ligação entre os comportamentos políticos e o grupo. Tal termo promoveu um senso de obrigação individual reafirmado entre os amigos civilizados de Cambridge, ou melhor, entre os membros dessa verdadeira fração da classe superior inglesa da época, uma fração que se opôs

---

<sup>60</sup> Ibid, p. 143.

<sup>61</sup> Ibid, p. 145.

<sup>62</sup> Ibidem.

às idéias e valores dominantes a partir da função de seus relacionamentos formados através de valores compartilhados. Esse grupo de amigos civilizados interveio ativamente para criar as condições políticas, econômicas e sociais para que os desassistidos libertados da guerra, da depressão e dos preconceitos pudessem tornar-se também civilizados. O Bloomsbury, para Williams, agiu, em seus engajamentos sérios, de uma forma sem precedentes na história da Inglaterra. E finaliza afirmando que esse grupo “foi realmente, e diferencialmente, um grupo formado por indivíduos livres e para indivíduos livres”<sup>63</sup>.

As considerações metodológicas tomadas por Raymond Williams para analisar o Bloomsbury Group, assim como o partido teórico que ele assumiu para tal fim são particularmente afeitos à análise da história da *Turma do Central*. Este tipo de estudo caracteriza o que a historiografia denomina de história intelectual, a qual não possui em seu âmbito uma linguagem teórica ou metodologia que funcionem como modelos para proceder alguma análise, mas, no entanto, não deve ser vista, segundo LaCapra, apenas como uma história social. Ela privilegia certa classe de fatos – em primeiro lugar, os fatos do discurso – porque eles dão acesso a uma decifração da história que não pode ser obtida por outros meios e porque proporcionam pontos de observação únicos sobre o passado<sup>64</sup>. Nesse sentido, uma investigação histórica que abranja os aspectos pessoais de um grupo – tais como os laços de amizade e intimidade, bem como os ligados ao engajamento social do discurso literário – é pertinente na análise e entendimento da trajetória literária e histórica dos jovens que formaram a *Turma do Central*.

E de imediato jaz a primeira observação: enquanto a Universidade de Cambridge era o centro da sociabilidade do *Bloomsbury*, o Café Central era o lugar da poética da *Turma do Central*. O círculo de preciosas amizades que já havia na *Academia dos Novos* se manteve quando os modernistas horizontes literários se abriram para jovens como Benedito Nunes, Max Martins, Haroldo Maranhão, Alonso Rocha e Jurandir Bezerra. No Café Central eles jogavam conversa fora, contavam piadas, discutiam literatura, cinema, artes plásticas, teatro, existencialismo, simbolismo e modernismo, enquanto tomavam chá com torradas. Essa

---

<sup>63</sup> Ibid, p. 146.

<sup>64</sup> LaCapra, Dominick. Intellectual History and Its Ways. *The American Historical Review*, v. 97, n. 2, 1992. p. 425-439.

amizade contribuiu para o fortalecimento e continuação desse grupo que se tornaria parte da história da literatura paraense<sup>65</sup>.

A importância da *Turma do Central* na sociedade local foi de grande valor histórico e cultural. A atuação do grupo abrangeu não só a literatura, pois tivera participação no âmbito político e social. Em 1951, Max Martins e Benedito Nunes fundaram o primeiro cineclube de Belém, chamado *Os Espectadores*, e nos idos dessa década contribuíram na organização do *Teatro Norte Escola*. Nos anos 60 participaram da criação do Serviço de Teatro da UFPA, que anos depois se tornaria curso de teatro. Isso tudo sem falar da grandeza do Suplemento *Arte-Literatura* (1946-51), da *Revista Encontro* (1948) e da *Revista Norte* (1952). Em 1947 ocorreu a primeira e única reunião da ABDE (Associação Brasileira de Escritores) presidida por Haroldo Maranhão. Além disso, no campo do engajamento político, na década de 50, esses jovens assinaram o Manifesto Pró-Paz, idealizado por Stalin; em 1960, assinaram o Manifesto Pró-Cuba e, no ano seguinte, o Manifesto Pró-Jango<sup>66</sup>. Participaram também, junto à *Folha do Norte*, do Movimento de Resistência Democrática que estimulou a Coligação de partidos antibaratas em prol da eleição do General Zacarias Assumpção nos anos 50. Enfim, a *Turma* ligou-se a diversos setores da sociedade e promoveram avanços expressivos no meio cultural de Belém, fato que mostra o quão substancial fora a relação prática do grupo cultural com a sociedade local.

A *Turma do Central* tinha consciência do seu papel na sociedade, e não se eximiram dessa responsabilidade. Participaram das manifestações culturais e políticas no intuito de não permitir que a trágica história recente se repetisse. Max Martins expressa essa consciência quando afirma que essa nova geração não confia em ninguém senão em si mesma, e que estão cansados de mentiras políticas como a da revolução de 30<sup>67</sup>. Vê-se nas palavras e nos atos desse grupo uma consciência social que norteou sua história. A preocupação com os rumos da sociedade local é o aspecto que caracteriza essa consciência social. Os conhecimentos e valores compartilhados pelos jovens e adultos da *Turma do Central* e do Suplemento *Arte-Literatura* contribuíram para uma nova forma de pensar a literatura e a história, o que resultou também em atos que auxiliaram a cultura, a política e a sociedade. Esse grupo de poetas,

---

<sup>65</sup> CANGUSSU, Dawson S. *O modernismo paraense da Segunda Geração (1943-1951): entre o chá e as torradas do Café Central*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História). Orientador: Aldrin Moura de Figueiredo. Faculdade de História/Universidade Federal do Pará, 2005.

<sup>66</sup> NUNES, Benedito. *O amigo Chico*. op. cit., p. 23.

<sup>67</sup> MARTINS, Max. Posição e destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 07 de dezembro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n.º. 55, p. 4. Entrevista.

contistas, críticos, ensaístas e críticos, por tudo que representaram nas diversas relações que estabeleceram com a sociedade local, deixaram uma herança de imensa carga histórica e de grande valor cultural para o entendimento da história da literatura paraense e quiçá brasileira.

Certamente a *Turma do Central* deixou um legado expressivo para a escrita da história da literatura da Amazônia. Escrever, pois, uma história social da literatura paraense, recortando o período em que circulou o suplemento *Arte-Literatura*, é tarefa de grande labor e também de grande importância histórica. Alguns estudos a respeito da literatura da Amazônia afloraram através de pesquisas feitas por estudiosos da região. Pode-se *grosso modo* citar *A modernidade literária no Estado do Pará: os suplementos literários da Folha do Norte*<sup>68</sup>, de Júlia Maués; *Querelas esquecidas: o modernismo brasileiro visto das margens*<sup>69</sup>, de Aldrin Moura de Figueiredo, e *O Grupo dos Novos: memórias literárias de Belém do Pará*<sup>70</sup>, de Marinilce Oliveira Coelho. São pesquisas que esclarecem um passado há tanto negligenciado pela historiografia, colocando em xeque a tradição de atribuir aos movimentos literários das grandes metrópoles do centro-sul uma posição de destaque para a compreensão da história do modernismo brasileiro. Com efeito, o estudo do modernismo não mais realizado pela idéia de centro-periferia, mas pelo seu contrário, contribui de sobremaneira para um conhecimento mais particularizado e mais completo acerca do Modernismo no Brasil.

Os trabalhos fazem em conjunto uma ampla discussão acerca do tema do modernismo local. Abordam as novas tendências da literatura contemporânea, as matrizes intelectuais, as revistas e os suplementos, as memórias, as querelas e outros tantos detalhes sobre o grupo literário paraense surgido em meados da década de 1940. Mas ainda há algo inquietante, algo que torna relevante um outro ângulo de pesquisa a respeito desse grupo. Trata-se da questão da filosofia existencialista e de outras tendências contemporâneas. Por isso faz-se necessário um olhar mais próximo e mais profundo, haja vista que tal literatura influenciou tenazmente a escrita desse grupo cultural de poetas, críticos e contistas paraenses, conferindo a ele novos caminhos para se ver a história e fazer literatura.

Este estudo de história social feito com fontes literárias busca compreender a atitude do grupo literário paraense perante o passado histórico e literário. O grupo maior do

---

<sup>68</sup> MAUÉS, op. cit.

<sup>69</sup> FIGUEIREDO, op. cit.

<sup>70</sup> COELHO, op. cit.

Suplemento *Arte-Literatura* compartilhava um sentimento geracional que o fizera enxergar, a partir do contato com a literatura existencialista e pela leitura dos mesmos poetas, ficcionistas, filósofos e artistas, o passado como algo a ser negado. Um sentimento de apostasia e de descrença com relação à história recente – violência, repreensão, autoritarismo, literatura oficial – flanqueou e orientou a literatura e o comportamento da *Turma do Central* numa direção contrária ao que se fazia e se entendia a respeito da literatura e da sociedade. E o Suplemento da *Folha do Norte* materializou o espírito comum desse grupo, que, segundo Benedito Nunes, pensava estar iniciando “um novo momento feliz da cultura paraense”<sup>71</sup>.

### 1.3. *História bem contada: narrativa e história da literatura.*

A leitura do suplemento literário *Arte-Literatura* não é tarefa fácil, menos pelo seu estado de conservação no setor de microfilmagem da Biblioteca Pública Arthur Vianna, da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, do que pelo alto grau de cuidado que o historiador deve tomar ao ler o seu conteúdo variado. Diversificado por que nele possui poesia, crítica literária, ficção, filosofia, história, crônica, teatro, música e cinema. Para um leitor comum a tarefa seria fácil, mas para o historiador, em virtude de seu ofício, torna-se um trabalho pesado. Como os textos do suplemento devem ser lidos para que se retire deles significados e sujeitos históricos para uma compreensão da realidade de um passado específico?

Às vezes preocupa o que disse o poeta português Fernando Pessoa: “*Todo poeta é um fingidor/Finge tão completamente/Que chega a fingir que é dor/A dor que deveras sente*”. Mas é preferível acreditar que o poeta estivesse mesmo fingindo ao escrever *Autopsicografia*. Como acreditar no que o poeta escreve? É mesmo possível fazer história social utilizando como fonte a literatura? A peculiaridade de fenômeno estético não basta para classificar a literatura, visto que esta, não obstante a imaginação criadora do poeta e sua capacidade de construir um mundo poético, forma imagens que podem ser lidas no sentido de compreender a experiência vivida dos seus criadores e de elementos que trazem significados históricos<sup>72</sup>. Neste sentido a literatura é uma manifestação cultural, é um registro deixado, nela tem história, tem concepção de mundo. O historiador deve, pois, procurar compreender o contexto

---

<sup>71</sup> NUNES, Benedito. Prefácio: Max Martins, Mestre-Aprendiz. op. cit., p. 16.

<sup>72</sup> DARNTON, Robert. The symbolic element in History. *The Journal of Modern History*. Princeton University, v. 58, n. 1, 1986. p. 218-234.

da produção da crítica literária, isto é, delinear a atmosfera do pensamento e da escrita no contexto estudado. É necessário saber o que se escrevia e o que se lia, e quais os temas em voga. Para Sidney Chalhoub<sup>73</sup> a literatura é, para os historiadores, testemunho histórico. O autor fala em “desnudar o rei”, ou seja, tomar literatura sem reverências, dessacralizá-la, interrogá-la sistematicamente, esse é o ofício do historiador, afirma.

É preciso muita atenção, pois textos podem passar despercebidos por parecerem não ter conteúdo histórico. No suplemento há um texto chamado *Desabafo Matrimonial*, o qual, para o leitor comum de jornal é apenas um desabafo, para o historiador pode ser uma fonte histórica. Nesse texto, o seu autor, Coriolano Cerqueira, descreve a sua trajetória em busca de uma esposa ideal e lamenta o seu triste casamento de cinco anos. Mas nesse conto, cujo contexto era o ano de 1946, o autor deixa alguns vestígios que o estudioso da história não pode negligenciar: aspectos de vida privada e religião. O autor fala do casamento de seu pai, um “mulato baiano lascivo” que desposou a sua mãe que tinha apenas treze anos e “os seinhos mal lhe afluavam”, algo comum na época, e que teria acontecido onze anos depois da histórica declaração de insanidade de Carlota Joaquina, quando viera das terras do Campeador “lançar as bases da má sorte do príncipe D. João”<sup>74</sup>. E ao comentar o gênio irritadiço de sua esposa arranjada num “fandango natalício, em casa cearense, com frescos de mangaba e gengibirra de abacaxi<sup>75</sup>, e bolo fabricado de rapadura”, o autor o compara a um sino de igreja sertaneja em quadra festiva, badalava o dia inteiro.

Em certo momento o conto mostra a relação entre Estado e igreja durante o governo Vargas. Cansado do casamento, critica a nova Constituição<sup>76</sup> então promulgada com a revolução de 1930, a qual poderia ter trazido o “lenho salvador. Vivíamos dessa esperança. Enganamo-nos, porém. Venceu o beatismo intolerante e hipócrita”. E nesse momento faz um comentário um tanto engraçado: “eu só queria ver se Deus Nosso Senhor não votaria pelo divórcio se fosse casado com uma mulher desta época”. E ainda culpa a igreja por não “cair nos braços de uma sexta-feira para atenuar os dissabores domésticos”<sup>77</sup>.

---

<sup>73</sup> CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs.). *A história contada: Capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, pp. 7-32.

<sup>74</sup> CORIOLANO, Cerqueira. Desabafo matrimonial. *Folha do Norte*. Belém, 20 de outubro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 14, p. 1.

<sup>75</sup> Bebida alcoólica feita com abacaxi.

<sup>76</sup> Alusão à Constituição de 1934. Este documento previu uma colaboração entre Igreja e Estado. Foram atendidas as reivindicações católicas, como o ensino religioso facultativo na escola pública, a presença do nome de Deus na Constituição e a proibição do divórcio.

<sup>77</sup> CORIOLANO, op. cit., p. 3.

A leitura correta do conto, do romance, da poesia e de outras literaturas deve ser ofício do historiador. Dominick Lacapra faz uma discussão assaz pertinente acerca da relação entre história e romance. E logo de início parte da indagação: “Por que um historiador profissional deveria se preocupar em ler romance?”<sup>78</sup>. O autor critica que muitos historiadores só isso fazem, apenas lêem o romance, como diversão e passatempo, ao invés de utilizá-los em sua vida profissional. Lacapra então parte para uma indagação mais importante: como o historiador deveria ler o romance? A resposta a esta questão, segundo Lacapra, muda o foco da analogia entre romance e história para historiografia e crítica literária. E o autor começa afirmando que haverá dificuldades na análise se qualquer documento for tratado simplesmente como fonte para fatos do passado ao invés de ser considerado como um texto suplementar que também reconstrói o que ele representa. Sendo assim a fonte não deve ser tomada apenas como objeto, mas como sujeito. Tal é o caso do suplemento *Arte-Literatura* que teve grande relevância na formação da *Turma Central*, podendo sua narrativa ser estudada tanto como uma fonte histórica quanto um sujeito da história<sup>79</sup>.

Na acepção de Dominick Lacapra o historiador deve ler os textos literários tomando-os como uma fonte que diz algo factual a respeito do passado, isso no caso de um romance histórico. O valor dos textos literários recai em sua função referencial, isto é, no sentido funcional de uma “vitrine da vida” onde mostra as transformações no passado. O autor afirma que “o romance é relevante à pesquisa histórica na medida em que pode ser convertido em informação ou conhecimento útil”<sup>80</sup>. Nesse caso o historiador deve voltar sua atenção àquilo de mais representativo no conteúdo dos textos literários, ou seja, na representação da vida social, nos personagens, nos temas e em tudo o que denotar aspectos históricos. Os textos do suplemento *Arte-Literatura* são exemplos próximos e sugestivos, tais como: *Desabafo Matrimonial* (1946), de Coriolano Cerqueira, já analisado anteriormente; *Confissões do solitário* (1946), de Benedito Nunes; *Literatura e marxismo* (1946), e *O Primeiro Reinado*

---

<sup>78</sup> LACAPRA, Dominick. História e Romance. *Revista de História*. Campinas: UNICAMP, v. 2, n. 3, setembro, 1991, p. 107.

<sup>79</sup> Para saber mais a respeito do sujeito na narrativa, ver: ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991. p. 66-81. Nesse artigo a autora procura levantar algumas questões sobre a posição do sujeito na produção de narrativas autobiográficas. A relação do escritor com aquilo que foi no passado, a reconstituição da experiência vivida numa construção para a leitura e as diferentes posições atualizadas pelo sujeito no ato de escrever são algumas das preocupações desse trabalho.

<sup>80</sup> LACAPRA, op. cit., p. 116.

(1947) de Álvaro Lins; *As novas gerações e as revoluções literárias* (1947), de Wilson Martins; e *A geração de 45* (1949), de Lêdo Ivo.

A leitura precipitada e incorreta do texto literário – uso documental unicamente – se depara com grandes problemas. Se o historiador fundamentar a sua pesquisa através de informações colhidas num poema ou numa crítica; se ele acreditar piamente no que este diz e não buscar outras fontes para confrontar e complementar, o resultado será uma narrativa histórica com teor reduzido de autocrítica e, pois, de verdade. Esse uso torna a literatura algo sem muito sentido heurístico e epistemológico<sup>81</sup>. Desse modo seria errôneo fazer a história da *Turma do Central* tomando como fonte única e exclusiva um ou outro conto, romance, poesia ou artigo de crítica literária do Suplemento Literário *Arte-Literatura*, por que isso prejudicaria o valor da pesquisa e do conteúdo, e transmitiria, pelo menos para o leitor mais atento ou especializado, pouco efeito de verdade. É necessário analisar o periódico em toda sua extensão para, desse modo, poder visualizar a diversidade de idéias, as matrizes intelectuais e as nuances de um mesmo movimento, além, certamente, da pesquisa em outras fontes de leitura.

Ingressando nesse debate acerca da verdade dos estudos históricos é próprio visualizar o texto de Carlo Ginzburg *Apontar e citar: a verdade da história*. Neste texto o autor elabora uma crítica enérgica a Hayden White, que formulara diversos estudos acerca da história e da narrativa. Para White a história é como uma mimese da realidade, uma recriação do real na arte literária. Para o autor a narrativa histórica não passa de relatos organizados e escolhidos pelo historiador para representar o que para ele teria acontecido no passado. É uma montagem no sentido mais corpulento do termo – escolha de fontes, recorte temporal, seleção de fatos, etc. E ainda polemiza corroborando que os historiadores teimam em não reconhecer que as narrativas históricas são manifestamente ficções verbais “cujos conteúdos são tão inventados como descobertos, e cujas formas têm mais em comum com suas contrapartidas na literatura que na ciência”<sup>82</sup>. White concebe dois tipos de historiador: o narrativo e o dissertativo, e concebe a história como uma versão construída por estes. Afirma que enquanto o historiador dissertativo interpreta aquilo que considera como história verdadeira, o historiador narrativo faz uma representação daquilo que julga como real, o que não equivale conceber a narrativa

<sup>81</sup> DAVIDSON, James West. *The New Narrative History: How New? How Narrative? Reviews in American History*, v. 12, n. 3, Set. 1984. p. 322-334.

<sup>82</sup> WHITE, Hayden. "O texto histórico como artefato literário." In: *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001, pp. 97-116.

histórica como algo desprovido de conhecimento<sup>83</sup>. Significa que nas formas de conhecimento estão presentes aspectos da imaginação, mesmo sendo, nas palavras de White, uma alegoria.

Para Ginzburg, “dizer que, por ser um discurso, um texto histórico partilha um certo número de elementos com a ficção assemelha-se a um truísmo”, pois tanto na proposição falsa quanto na verdadeira não há distinção no plano da forma, e a mesma coisa acontece entre o discurso histórico e a ficção, uma fronteira que, segundo o autor, torna-se cada vez mais turva<sup>84</sup>. O autor enfatiza então que o mais importante é saber como o historiador interpreta como reais os fatos narrados em um texto histórico e como passar a veracidade ao leitor através dos elementos extratextuais e textuais. Acentua, nesse ponto, a prática da pesquisa, que, através dos métodos historiográficos e da diversidade das fontes fornece ao discurso histórico uma maior proximidade ao que realmente aconteceu<sup>85</sup>.

Certamente o olhar sobre o contexto histórico e a visualização dos elementos extrínsecos e intrínsecos do suplemento *Arte-Literatura* e da *Turma do Central* são de fundamental importância para contar e compreender a literatura produzida em Belém depois da II guerra mundial. A leitura do suplemento deve ser feita junto a um estudo sobre a realidade daquele momento, não somente em âmbito local, mas mundial, pois essa nova literatura produzida pelos jovens paraenses estava em diálogo com as tendências contemporâneas da literatura mundial naquele tempo histórico<sup>86</sup>. Nesse sentido, os textos desse periódico dominical devem ser estudados com o conhecimento do seu entorno intelectual, de suas matrizes intelectuais e dos grandes acontecimentos históricos, tais como as guerras, as ditaduras e os regimes totalitários, pois o indivíduo não está isolado do seu tempo<sup>87</sup>. Deve-se ter em mente o porquê do jovem Benedito Nunes ter escrito algo como *Confissões do solitário*<sup>88</sup>, fato explicado por causa da grande presença do existencialismo

---

<sup>83</sup> Ibidem.

<sup>84</sup> GINZBURG, Carlo. Apontar e citar: a verdade na história. *Revista de História*. Campinas: UNICAMP, v. 2, n. 3, set, 1991, p. 93. cf., KELLY, R. Gordon. Literature and the Historian. *American Quarterly*, v. 26, n. 2, 1974, p. 141-159.

<sup>85</sup> Ibid, p. 94.

<sup>86</sup> BOGAN, Louise. Reading Contemporary Poetry. *College English*, v. 14, n. 5, 1953. p. 255-260. cf., MCGANN, Jerome J. Contemporary Poetry, Alternate Routes. *Critical Inquiry*, v. 13, n. 3, Politics and Poetic Value, 1987. p. 624-647.

<sup>87</sup> KLEINEGGER, Christine C. Moody Decade: The 1940s Revisited. *American Quarterly*, v. 44, n. 1, Mar. 1992, p. 129-135.

<sup>88</sup> NUNES, Benedito. Ação e poesia I. *Folha do Norte*. Belém, 01 de junho de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 28, p. 3. Veja um pequeno trecho: “pela ação o homem se coloca num plano avançado de conhecimento”. Neste ensaio filosófico o autor tece uma crítica ao capitalismo e sua estrutura exploradora e individualista.

engajado na literatura pós-segunda guerra mundial, sobretudo por meio dos escritos do filósofo francês Jean-Paul Sartre<sup>89</sup>.

Mas como recontar um passado? A descrição é menos importante na historiografia do que a explicação? Para Allan Megill não há como propor tal afirmação, pois um trabalho historiográfico não pode ser julgado pela proporção entre explicação e descrição, até por que todo estudo de história engloba – em diferentes graus – quatro tipos de objetivos historiográficos: interpretação, descrição, explicação e argumentação<sup>90</sup>. Uma história da literatura, nesse caso, teria em seu conteúdo não só o teor explicativo, mas também o descritivo, o interpretativo e o argumentativo, sem esquecer, certamente, do lugar privilegiado da explicação na cultura acadêmica. Para Megill, num trabalho de história o primeiro objetivo é contar algum aspecto da realidade, ou seja, dizer qual foi o caso. O autor ressalta que, se esse “recontar” for predominante, a forma do texto inevitavelmente será uma narrativa, onde o historiador mostrará as ações históricas, os acontecimentos e as personagens. Em seguida viria a explicação dos aspectos históricos. Em terceiro lugar viriam os argumentos e as justificativas, e por último a interpretação do passado a partir de perspectivas do presente. Para explicar um passado é necessário recontar, afirma o autor quando concebe a explicação como algo dependente do *recounting*, pois antes de responder à questão *o que causou isso*, seria necessário dizer *qual foi o caso*<sup>91</sup>.

Na acepção de Allan Megill o estudo histórico possui, inevitavelmente, um pouco de narrativa, e afirma que ambos, *recounting* e *explanation* não subsistem isolados, pelo contrário, eles se ajustam juntos aos outros dois objetivos da historiografia citados acima. Muitas vezes se podem observar trabalhos de história analíticos que contenham um pouco de narrativa e, pelo contrário, trabalhos de narrativa histórica com teor explicativo<sup>92</sup>. Um dos historiadores que trabalharam com essa convergência foi E. P. Thompson, em *Os Românticos*<sup>93</sup>. É um livro que não pode faltar na estante do historiador. Neste livro Thompson une competentemente história e literatura de forma explicativa e narrativa. Esta coletânea prende sua análise na obra de Wordsworth, Coleridge e John Thelwall, intelectuais que

---

<sup>89</sup> ENGLISH, Thomas H. Contemporary Literature. *South Atlantic Bulletin*, v. 5, n. 1, Apr. 1939. p. 1-6.

<sup>90</sup> MEGILL, Allan. *Recounting the Past: "Description," Explanation, and Narrative in Historiography*. *The American Historical Review*, v. 94, n. 3, Jun. 1989. p. 627-653. p. 628.

<sup>91</sup> *Ibid.* p. 632.

<sup>92</sup> *Ibidem.*

<sup>93</sup> THOMPSON, E. P. *Os Românticos: a Inglaterra na era Revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

mantiveram intensa relação com a sociedade tradicional e paternalista da qual faziam parte. Thompson traça as influências intelectuais e as pressões sociais que contribuíram para o surgimento do romantismo Inglês, analisa a relação entre política e literatura no início da era moderna, mais especificamente na década de 1790, momento em que esses três intelectuais sofreram grande influência das Revoluções Francesa e Americana.

Thompson rejeita a idéia de que a história seria apenas uma “narração fenomenológica consecutiva” – que não forneceria causas suficientes para os fatos que busca explicar. Para o autor “a explicação histórica não revela como a história deveria ter se processado, mas porque se processou dessa maneira, e não de outra; que o processo não é arbitrário, mas tem sua própria regularidade e racionalidade”<sup>94</sup>. De fato a história não é apenas uma narração de fatos cronologicamente arrumados, mas também não é somente fatos explicados<sup>95</sup>. Para Paul Veyne “é vão opor uma história narrativa a uma outra que teria a ambição de ser explicativa; explicar mais é contar melhor, e de qualquer modo não se pode contar sem explicar”<sup>96</sup>. Veyne descreve a história como um “romance verdadeiro”, embora esta expressão polissêmica não implique exatamente que a tarefa do historiador seja impor aos fatos algum tipo de configuração totalmente desvinculada – e por isto arbitrária – deles. Ao contrário, quando o pesquisador coloca-se diante de suas fontes, precisa extrair delas indícios das relações que encadeiam os acontecimentos para, a partir disto, fornecer algum tipo de interpretação.

Nesta tarefa do historiador há que se deixar claro que narrativa histórica é diferente de narrativa literária. A narrativa histórica, a partir do que já foi discutido, procura restaurar, narrar e explicar algum acontecimento histórico, utilizando-se para isso, das mais diversas fontes; já a narrativa literária justifica-se em fato ficcional, isto é, não há a necessidade de um vínculo com o real. No entender de Chartier, a busca por um conhecimento é inerente à história, que funde operações particulares da disciplina, como a análise de dados, a formulação de hipóteses, a crítica e verificação de resultados e articulação entre o discurso do historiador e seu objeto de pesquisa. Assim, nota o autor, “mesmo que escreva de uma forma ‘literária’, o historiador não faz literatura, e isso pelo fato de sua dupla dependência.

---

<sup>94</sup> THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 10.

<sup>95</sup> CRONON, William. A Place for Stories: Nature, History, and Narrative. *The Journal of American History*, v. 78, n. 4, Mar. 1992. p. 1347-1376. cf., MOORE, R. Laurence. Insiders and Outsiders in American Historical Narrative and American History. *The American Historical Review*, v. 87, n. 2, 1982, p. 390-412.

<sup>96</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Trad. Antônio J. da Silva Lisboa. Lisboa: Edições 70, 1983. p. 121-123. Cf., GAY, Peter. *O estilo na história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Dependência em relação ao arquivo, portanto em relação ao passado do qual ele é vestígio”<sup>97</sup>. Para Ginzburg, *apud* Remo Bodei<sup>98</sup>, a narrativa histórica se distingue da literária por um motivo de certa forma elementar: enquanto o romancista imagina seus acontecimentos e personagens, o historiador baseia-se em provas, isto é, em vestígios do passado que não podem ser forjados pelo historiador. Essas provas, segundo Ginzburg, não são reflexos da realidade e, por conseguinte, não são verdades absolutas; no entanto, elas constituem o elemento empírico de que necessita o historiador para construir sua análise.

O suplemento literário da *Folha do Norte*, tomado como instrumento de formação e divulgação da poética da *Turma do Central*, serve como um rico elemento empírico para a compreensão e escrita da história da literatura modernista em Belém, pois os seus textos possuem um grande valor histórico e, portanto, revelam aspectos importantes para a construção de uma história social da literatura. O historiador que ler o suplemento perceberá que o seu conteúdo é muito vasto e abrange uma variedade de assuntos ligados à arte literária, plástica, musical e cinematográfica, logo, oferece um amplo leque de informações a quem procura a compreensão da história da cultura paraense, sobretudo a literária, tão ligada ao momento pelo qual passava a sociedade mundial e local. A literatura foi a mais explorada por meio de poemas, contos, filosofia e crítica literária. O suplemento discutiu poetas, tendências e gerações literárias, existencialismo e marxismo, onde a relação entre sociedade e literatura, indivíduo e existência era tema comum.

A literatura está ligada ao desenvolvimento da sociedade e o pesquisador não pode perder essa constatação de vista<sup>99</sup>. No final da década de 1950, Afrânio Coutinho, no livro *Introdução à Literatura no Brasil*, fez uma discussão mui proveitosa a respeito da interferência do historiador na escrita da história literária<sup>100</sup>. Para o autor, os métodos historiográficos são pretensiosos e exagerados, e por isso torna a análise histórica sempre incompleta, abusiva e desorientadora do espírito crítico, o qual deve, legitimamente, compreender, explicar e julgar a literatura e o valor das obras de arte. O estudo da obra em si

---

<sup>97</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 110.

<sup>98</sup> BODEI, Remo. *A história tem um sentido?* São Paulo: EDUSC, 2001. p. 67. Cf., BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

<sup>99</sup> BITAR, Walid. History and Poetry. *Alif: Journal of Comparative Poetics*, n. 24, 2004, p. 190-203. Ver também: BOSI, Alfredo. Caminhos entre a literatura e a história. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 55, Set./Dez. 2005. Cf., ALBRECHT, Milton C. The Relationship of Literature and Society. *The American Journal of Sociology*, v. 59, n. 5, Mar. 1954, p. 425-436.

<sup>100</sup> COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

é tarefa da crítica, enquanto que à história é apto apenas preparar o caminho para esta. À história cabem as pesquisas biográficas, o estudo do contexto histórico, a pesquisa das fontes, a visualização das influências e de tudo o que remeter a uma relação da obra com a história, com a época e com a geração<sup>101</sup>.

Para Coutinho, o fato literário possui natureza estética, porém, é histórico por que acontece num tempo e espaço determinado. Há nele elementos intrínsecos e extrínsecos. Os intrínsecos são: a linha melódica, a temática, a prosódia, o estilo, o ritmo, a métrica, etc. Os extrínsecos são os aspectos que convergem à história, tais como o meio geográfico e social, o momento político, econômico, moral e religioso. O estudo dos elementos intrínsecos caracteriza a crítica literária, enquanto que a análise dos aspectos extrínsecos faz parte da observação histórica. Nesse âmbito, a crítica histórica tem predominado, segundo o autor, devido à facilidade da compreensão exterior do fato literário<sup>102</sup>. Essa tendência a valorizar mais os fatores extrínsecos da literatura iniciou na crítica brasileira a partir do século XIX, por influência de Taine e Sainte-Beuve, os quais incluíram segundo Coutinho, o método histórico no estudo da literatura, método que foi seguido por vários escritores brasileiros, tais como Sílvio Romero, Araripe Júnior, Capistrano e outros. Dessa forma esses escritores tomaram a literatura como uma instituição social, a qual, para ser interpretada, bastava estudar as características do contexto em que apareceu<sup>103</sup>. O livro de Afrânio Coutinho trata-se de uma tentativa de reação contra o sociologismo, o naturalismo, o positivismo e o historicismo, e de valorização dos valores estéticos e da crítica intrínseca.

A história literária que Coutinho defende é uma análise que não cumpre conhecer o contexto em que surgiram as obras, por que isso competiria ao historiador. A história literária deveria, pois, compreender a arte no seu desenvolvimento autônomo, entender as obras literárias como monumentos artísticos em si, o que não implicaria, segundo o autor, no desconhecimento de suas relações no tempo e no espaço<sup>104</sup>. A história proposta e feita por Afrânio Coutinho não pode ser tomada como parâmetro na construção deste trabalho, visto que analisar a *Turma do Central* ou mesmo o suplemento *Literário Arte-Literatura* em si não é o proposto metodologicamente. Pelo contrário, o presente trabalho busca justamente o que o

---

<sup>101</sup> Ibid, p. 13-14.

<sup>102</sup> Idem.

<sup>103</sup> Ibid, p. 60.

<sup>104</sup> VÉSCIO, Luiz Eugênio; SANTOS, Pedro Brum (Orgs.). *Literatura & História: perspectivas e convergências*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999. cf., WATKINS, Evan. Historical Criticism and Contemporary Poetry. *Contemporary Literature*, v. 22, n. 4, Marxism and the Crisis of the World. Autumn, 1981. p. 556-573.

autor denomina de aspectos extrínsecos, isto é, o entorno social da formação do grupo paraense, a compreensão do existencialismo não em si, mas no que representou na literatura e na visão de mundo de um grupo<sup>105</sup>. E mais do que isso, entender como esse grupo cultural mudou os rumos da literatura local a partir do fomento de uma nova maneira de ver a arte e a história.

E para compreender tais questões não basta uma história da literatura como esta defendida por Afrânio Coutinho, até por que esta é uma versão da história construída sob cânones literários, onde não se pode cobrar dos literatos uma postura de historiador. Para este trabalho é necessária uma história que percorra os meandros de um grupo de jovens ávidos pela coisa literária e pelo respeito à existência do indivíduo. É necessária uma observação histórica sobre a literatura, ou seja, história social da literatura ou, como questiona Lucien Febvre, “estudos de história social feitos com ajuda de documentos literários, e no domínio das literaturas? Perfeito”<sup>106</sup>. Febvre defende a idéia de que a história não deve ser literária, mas histórica, por isso fala em história social feita com fontes literárias e não em história literária, posto que concebe esta última como a que informa a respeito dos fatos ocorridos na vida dos escritores e sobre as transformações em sua existência<sup>107</sup>.

O estudo do historiador sobre a literatura, seja ele chamado de história literária, história da literatura ou história social da literatura, deve ser realizado no sentido de visualizar as relações e o significado da representação histórica da literatura junto à sociedade<sup>108</sup>. Mas os fatos não dizem nada em si, é necessária muita pesquisa e imaginação histórica. Para Barbara Taylor “é somente através da ação mental, via trabalho de imaginação histórica, que fatos tornam-se audíveis e inteligíveis. Coisas em si não significam nada”<sup>109</sup>. Desse modo a *Turma do Central* torna-se um fato histórico da literatura paraense quando o historiador o toma em suas pesquisas a fim de buscar compreender o que ele representou para a sociedade local com

---

<sup>105</sup> Para um estudo acerca de grupos culturais, ver: WILLIAMS, Raymond. A Fração Bloomsbury. *Plural*. USP, São Paulo, n. 6, 1999. p. 139-168. Cf., PONTES, Heloisa. *Destinos Mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940 – 68)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; da mesma autora: *Cidades e intelectuais: os “nova-iorquinos” da Partisan Review e os “paulistas” de Clima entre 1930 e 1950*. *Revista Brasileira de ciências Sociais*, v. 18, nº. 53, out. 2003. p. 33-52.

<sup>106</sup> FEBVRE, Lucien. *Olhares sobre a História*. Lisboa: Edições Asa, 1996. p. 35.

<sup>107</sup> *Ibidem*.

<sup>108</sup> Cf., LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994. Ver também: Bosi, Alfredo. Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão em história literária. In: *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

<sup>109</sup> TAYLOR, Barbara. Introduction: How Far, How Near: Distance and Proximity in the Historical Imagination. *History Workshop Journal*. Institute of Historical Research, University of London, v. 57, n. 3, 2004. p. 117-122. p. 118.

a qual manteve relação. O grupo em si é apenas um grupo; esse mesmo grupo, olhado com pesquisa e imaginação histórica, é um importante elemento empírico para construção da história da literatura paraense. Nesse sentido o trabalho de observação histórica será de fundamental importância na análise do suplemento *Arte-Literatura* no sentido de compreender a representação da *Turma do Central* na formação de uma nova literatura local a partir de 1946.

O observador, no caso, o historiador, está, para Marc Bloch, impossibilitado de constatar os fatos que estuda, pois está na mesma posição de um investigador que se esforça para reconstituir um crime que não presenciou. Assim, o conhecimento do passado seria, ao contrário do conhecimento do presente, “indireto”, o que não o impede de ter uma “parte de verdade”, de ser “sensivelmente nuançado”<sup>110</sup>. Tudo bem que algum historiador não tenha visto Antônio Lemos modernizando a cidade de Belém no início do século XX, só podendo isso fazer através da pesquisa, isto é, da observação indireta. Mas será que a observação direta é mesmo real no conhecimento do presente? Para Bloch ela é quase sempre um mero artifício e que “toda coletânea de coisas vistas é, em boa metade, de coisas vistas por outro”<sup>111</sup>. O autor cita como exemplo o economista que ao estudar os movimentos das transações mensais utiliza estatísticas feitas por outrem; cita também o caso do jornalista que se põe a entrevistar as pessoas acerca dos problemas do momento, mas que, apesar de ter elaborado o questionário, de ter feito perguntas, de anotar e de conferir as respostas, não colhe senão uma imagem formada pelos entrevistados daquilo que eles acreditam pensar sobre as questões da atualidade, sendo, dessa forma, os sujeitos da experiência do entrevistador. Isso acontece com o conhecimento do presente por que, para Bloch, “no imenso tecido de acontecimentos, gestos e palavras de que se compõe o destino de um grupo humano, o indivíduo percebe apenas um cantinho, estreitamente limitado por seus sentidos”<sup>112</sup>. Dessa forma o autor afirma que o investigador do presente não é, no sentido da observação, mais favorecido do que o historiador do passado. Logo, a observação de um acontecimento presente não será mais direta – ou menos indireta – do que uma observação sobre o governo de Antônio Lemos ou sobre a *Turma do Central*.

---

<sup>110</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. op. cit., p. 69. Cf., FINK, Carole. *Marc Bloch: uma vida na história*. Lisboa: Celta, 1995.

<sup>111</sup> Ibid, p. 70.

<sup>112</sup> Ibid.

Um conhecimento através de vestígios. Assim dever ser, segundo Bloch, o conhecimento de todos os fatos humanos do passado e uma boa parte dos do presente. O historiador deve, seja em ossadas, seja numa palavra que revele ou represente algum costume de alguma comunidade, ou em qualquer outro documento, ou fonte, ou vestígio, ou marca perceptível aos sentidos, buscar os significados, as representações e construir o conhecimento histórico<sup>113</sup>. Com efeito, construir o conhecimento histórico e não construir ou modificar o passado, haja vista que este último não pode ser alterado, ao contrário do primeiro que é uma coisa em progresso, que se transforma. O passado, além de não poder ser modificado ainda suprime a liberdade dos historiadores na medida em que limita o conhecimento de si. Para Bloch o passado é o tirano dos seus exploradores<sup>114</sup>. Olhado por um outro prisma, diverso do de Bloch, pode-se ver o historiador também como um tirano do passado quando o estuda e o expõe da maneira que mais lhe interessa. O historiador recorta, escolhe, esconde, faz uma verdadeira edição do passado.

Com efeito, o passado não fornece todos os dados ao seu explorador, no entanto, deixa rastros que o conduz a novos documentos. Historiador e passado estão em constante relação, seja ela conflituosa ou não, sempre com o primeiro explorando o segundo para tirá-lo dos arquivos empoeirados e, assim, escrever a história em seus mais específicos aspectos tais como literatura, arte, política, economia, folclore, costumes e *et cetera*. É esse o ofício do historiador, pesquisar para compreender as coisas do passado, tendo como fim conhecer o homem, pois a história, segundo Marc Bloch, é a “‘ciência dos homens’, dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: ‘dos homens no tempo’”<sup>115</sup>.

---

<sup>113</sup> BLOCH, Marc, *História e Historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998. Cf., FEBVRE, Lucien, *Olhares Sobre a História*. Lisboa: Asa, 1996; BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992; REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

<sup>114</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*, op. cit., p. 75.

<sup>115</sup> *Ibid*, p. 55.

## CAPÍTULO II

### 2. Os anos 40: história, literatura e sociedade.

#### 2.1. *O tempo e o homem.*

O debate acerca do contexto histórico na construção da história literária ganhou espaço no suplemento *Arte-Literatura*, onde, em 1947, Wilson Martins publicou o seu artigo *Problemas de uma história da literatura*. Em sua discussão o autor afirma ser inegável uma sincronia entre os fatos políticos e literários e, apesar de não ser obrigatória, eles surgem relativamente juntos em determinado contexto, visto que são “conseqüência de uma modificação sociológica mais ampla que os produz por assim dizer simultaneamente”<sup>116</sup>. O autor ressalta que muitas vezes uma mudança literária ocasiona uma revolução, isto é, cria um ambiente propício para esta, tal como aconteceu entre a filiação entre o modernismo e a revolução de 30. Wilson Martins enfatiza que a história literária deve ser feita à luz da junção entre pesquisa e interpretação, e entre classificação com narrativa, e que os maiores vultos da literatura e os seus tempos históricos não podem ser esquecidos, pois são eles que marcam a evolução literária, que desafiam as correntes e indicam os caminhos da poética<sup>117</sup>.

Antônio Cândido afirma que o crítico deve estudar a obra literária não como documento ou reflexo da realidade, mas como um objeto estético. No entanto, concorda que a obra depende das condições sociais em meio das quais é gerada<sup>118</sup>. Note-se que o autor diz crítico e não historiador, pois este último dificilmente estuda uma obra literária com o intuito de compreender seus elementos estéticos. O historiador utiliza a literatura ora como fonte, ora como objeto histórico, sendo ambas as formas pesquisadas como reflexo da realidade de um tempo histórico<sup>119</sup>. E concebida como tal, a obra literária deve ser estudada junto ao contexto a qual pertence, para que, dessa forma, se compreenda não apenas a sua importância estética, mas, e o que é mais importante, a sua origem e representação histórica. Daí a relevância do estudo do tempo histórico na compreensão da história da literatura e dos grupos literários. E é desse tempo que o historiador deve abstrair e capturar o conhecimento sobre o objeto final dos

---

<sup>116</sup> MARTINS, Wilson. Problemas de uma história da literatura. *Folha do Norte*. Belém, 18 de maio de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 26, p. 7.

<sup>117</sup> Ibidem.

<sup>118</sup> CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 40.

<sup>119</sup> Cf., ALBRECHT, Milton C. The Relationship of Literature and Society. *The American Journal of Sociology*, v. 59, n. 5, Mar. 1954, p. 425-436.

estudos históricos: o homem. Isso por que para Marc Bloch a história é a ciência dos homens no tempo, e não só dos homens<sup>120</sup>.

As atitudes do homem estão muitas vezes ligadas ao tempo, e assim como Bloch, se faz pertinente mencionar um velho provérbio árabe que diz que “os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais”<sup>121</sup>. Certamente, o homem age de acordo com a cultura apreendida na experiência vivida e com o contexto. Como exemplo desse discurso pode-se citar Jean-Paul Sartre, filósofo francês que passou a engajar-se socialmente depois de ver de perto as atrocidades da Segunda Guerra Mundial. Sartre tornou-se o existencialista de mais repercussão entre poetas e filósofos de vários países e que divulgou suas teses para um público maior através de sua arte literária em romances e peças teatrais, dentre as quais se destacam *As Moscas* (1943) e *O existencialismo é um humanismo* (1946).

O texto de *As Moscas*<sup>122</sup> foi pensado em um momento extremamente conturbado. O domínio alemão tinha se apossado de Paris e antigos heróis locais demonstraram sujeição à pressão externa e preferiram se entregar a lutar pelo seu território. Sartre buscava alguma forma de incitar o povo a lutar, mas a censura alemã impedia qualquer manifestação de repúdio ao seu controle. Nesse cenário esmagador o autor escreve *As Moscas*, que aparentemente seria um drama grego, é na verdade uma alegoria de uma lenda grega que simbolizava a luta entre a França e a Alemanha durante a guerra. Na peça, havia o reino de Agamenão que correspondia à França ocupada pelos nazistas que na peça eram representados por Egisto. Clitemnestra simbolizava os colaboracionistas franceses, a apreensão de setores da população diante da ocupação alemã na peça era a praga das moscas e por fim quando a personagem da peça Orestes elimina a praga das moscas Sartre queria representar uma exortação à luta da resistência contra os alemães. Ele encontrou uma forma de burlar a censura e constranger os cidadãos a rebelar-se contra o opressor e até mesmo seus compatriotas que "viraram a casaca".

Em *O existencialismo é um humanismo*, Jean-Paul Sartre defende diante de uma platéia formada por católicos e marxistas que o existencialismo não se tratava de uma filosofia pessimista, contemplativa ou passiva. Para ele o existencialismo era uma doutrina de

---

<sup>120</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. op. cit., p. 55.

<sup>121</sup> BLOCH, op. cit., p. 60.

<sup>122</sup> SARTRE, Jean Paul. *As Moscas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

ação. Na medida em que seus ensinamentos dizem que o homem não tem nada e não é nada além do que suas atitudes o fazem ser, ele cria-se como quiser e é responsável por cada uma de suas ações. Sartre afirma que o existencialismo é um humanismo, pois segundo ele, é a única doutrina que deixa uma possibilidade de escolha ao homem<sup>123</sup>. Por isso os seus personagens possuem, segundo Labin Suzanne, uma característica marcante: uma conduta inconseqüente, o que reafirma a idéia da liberdade absoluta do homem<sup>124</sup>. A autora afirma, no entanto, que ainda não havia surgido ciência alguma que demonstrasse que o homem pudesse efetivamente escolher livremente os seus instintos ou que o louco decidisse livremente ser louco<sup>125</sup>. Por intermédio do serviço de *copyright* da *Inter-Americana-Essepress*, com exclusividade para a *Folha do Norte*, o suplemento teve a oportunidade de publicar textos como este da escritora francesa Labin Suzanne, onde a autora oferece um amplo debate sobre a literatura de Sartre.

Seja na história da natureza, seja na história da guerra ou da literatura, a visualização do contexto histórico é fundamental para o estudo e compreensão fato histórico. Esse capítulo busca conhecer aspectos importantes da década de 1940, os quais estiveram relacionados ao surgimento da *Turma do Central* e da sua predileção poética. Mas o texto não apreciará apenas o âmbito local, visualizará, pois, o global, o nacional e o local. Faz-se mister ver a sociedade e a literatura numa escala maior, visto ser complicado compreender a literatura local sem analisar suas influências estrangeiras. A literatura existencialista tão cultivada pelos *novíssimos* paraenses é um belo exemplo de influência de intelectuais de outros países. Na verdade a literatura brasileira, em seus diversos momentos e estilos, esteve marcada pelos modelos europeus e norte-americanos. O francesismo, por exemplo, tem uma história no Pará, e está aquém da Belle époque<sup>126</sup>. De certo modo os jovens da *Turma do Central* refazem um percurso já bem conhecido de ligação com a cultura francesa, mas com uma nova ótica.

## 2.2. Os anos de 1940: breves considerações.

---

<sup>123</sup> SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

<sup>124</sup> SUZANNE, Labin. A arte literária de Jean-Paul Sartre. *Folha do Norte*. Belém, 18 de maio de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 26, p. 8.

<sup>125</sup> *Ibidem*.

<sup>126</sup> COELHO, Geraldo. M. Um Pouco Aquém da Belle époque ou quando o Francesismo se insinua no Pará. In: CUNHA, José Carlos. (Org.). *Ecologia, desenvolvimento e cooperação na Amazônia*. Belém: Falangola/UFGA, 1992, p. 60-69.

As memórias chegam de longe e encontra o seu aconchego no suplemento *Arte-Literatura*. Em um texto bastante rico em conhecimento histórico, onde Paul Arbousse Bastide comenta a influência francesa sobre a literatura mundial, o autor relata o ambiente da vida na França depois da II guerra mundial. Para o autor a Europa “transformou-se, de quase mapa-múndi, em uma ilha atormentada, e a França, o cabo do ocidente, não é mais do que uma de suas pontas, inquieta e sem segurança”<sup>127</sup>. Bastide relata que as “feridas” causadas pela guerra ainda estavam abertas e a reconstrução exigiria um esforço sobre-humano; o aspecto material da França estava gravemente mutilado<sup>128</sup>. O periódico paraense é eivado do pensamento pós-guerra e por isso ganha uma importância fundamental na escrita da história da literatura e da sociedade paraense da década de 1940.

Pode-se afirmar que os anos de 1940 iniciaram, simbolicamente, em 1939, junto com a Segunda Guerra Mundial. Sessenta milhões de homens em armas, 50 milhões de mortes (a maioria na população civil) como resultado direto dos combates<sup>129</sup>. Embora os dados não expressem a qualidade das mortes, eles refletem a quantidade dos massacres absurdos da população civil, desnecessários do ponto de vista militar, mas levados adiante por todos os principais protagonistas da guerra, especialmente pelos "democratas" Aliados<sup>130</sup>. Um exemplo é o inútil bombardeio da cidade alemã de Dresden ou das bombas atômicas lançadas sobre Hiroxima e Nagasaki<sup>131</sup>, com suas centenas de milhares de mortos civis e seus efeitos ainda sensíveis décadas depois. Racismo, barbárie, o assassinato em massa de civis como política sistemática, e isto da parte de todas as potências envolvidas; é evidente que uma guerra com estas características é qualitativamente diferente das anteriores, e as conseqüências na sociedade também. Para Hobsbawm “não há como compreender o Breve Século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os

---

<sup>127</sup> BASTIDE, Paul Arbousse. Sobre a influencia francesa. *Folha do Norte*. Belém, 1 de junho de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 28, p. 7.

<sup>128</sup> Ibidem.

<sup>129</sup> Cf., FERRO, Marc. *História da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Ática, 1997. Ver também: CASTRO, Nilo André Piana de. *Cinema e Segunda Guerra*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999. O livro trata da articulação e a interação da leitura cinematográfica com a leitura histórica para discutir a visão do cinema sobre o segundo conflito mundial.

<sup>130</sup> FRIEDRICH. Jörg. *O incêndio*. Trad. de Roberto Rodrigues. Rio de Janeiro: Record, 2006. Esse livro descreve pela primeira vez as conseqüências dos bombardeios aliados contra a população civil alemã entre 1940 e 1945, quando a guerra aérea contra as cidades alemãs teria vitimado cerca de 600 mil pessoas, entre as quais quase 75 mil crianças.

<sup>131</sup> Sobre a bomba atômica, ver: THOMAS, Gordan & WITTS, Max. *A Bomba de Hiroshima*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982. Ver também: DIAS Jr., José Augusto & ROUBICEK, Rafael. *O Brilho de mil sóis: história da bomba atômica*. São Paulo: Ática, 1994.

canhões se calavam e as bombas não explodiam”<sup>132</sup>. A década de 1940 foi um “mundo complexo”, ambíguo, contraditório e, acima de tudo, problemático, afirma William S. Graebner<sup>133</sup>.

A participação dos países da América Latina foi quase nominal, pois o grande poderio bélico e econômico estava concentrado nas grandes potências européias e nos Estados Unidos. Desde o início do conflito, em 1939, o governo brasileiro procurou manter-se neutro. Essa posição se explicaria segundo Wagner Camilo Alves<sup>134</sup>, em razão dos interesses comerciais do Brasil, tanto com os Estados Unidos quanto com a Alemanha. Ambos compravam grandes quantidades dos gêneros agrícolas de exportação, especialmente o café. Em termos políticos e ideológicos, a ditadura do Estado Novo espelhava-se no nazifascismo<sup>135</sup>. Mas é inegável que os EUA, desde o início do século XX, tinham aumentado a sua influência econômica, política e cultural em todos os Países da América Latina. Na Sociedade brasileira, as opiniões se dividiam. Entretanto, a ajuda financeira norte-americana para a construção da siderúrgica de Volta Redonda fez o governo brasileiro se aproximar das forças aliadas. Diante disso, os submarinos alemães passaram a torpedear navios brasileiros<sup>136</sup>. A população, indignada, exigiu do governo uma resposta e, em agosto de 1942, Vargas lançou o Decreto n. 10.358 e declarou guerra à Alemanha e à Itália. Em acordo com o alto comando militar dos EUA, ficou decidido que o Brasil enviaria, em 1944, vários batalhões para lutar junto às forças aliadas na reconquista da Europa. Esse contingente de 25.267 homens ficou conhecido como FEB (Força Expedicionária Brasileira). Ela lutou na Itália, participando de várias batalhas. Para dar apoio às forças de terra, seguiram 400 pilotos brasileiros, que realizaram numerosas missões aéreas destruindo alvos inimigos e, assim, contribuindo com as forças aliadas. O Brasil exerceu outras tarefas durante a guerra: serviu como ponte aérea para o envio de grandes aeronaves dos EUA para todas as frentes de batalha; forneceu alimentos e matérias-primas

---

<sup>132</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 30.

<sup>133</sup> Cf., GRAEBNER, William S. *The Age of doubt: American thought and culture in the 1940s*. Boston: Twayne Publishers, 1991.

<sup>134</sup> ALVES, Wagner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2002.

<sup>135</sup> TRINDADE, Hélió. *Integralismo: O Fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974. E sobre a questão da presença dos descendentes de alemães no Integralismo brasileiro, ver: GERTZ, Renè. *O Fascismo no Sul do Brasil: Germanismo, Nazismo, Integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

<sup>136</sup> Cf., BONALUME NETO, Ricardo. *A nossa Segunda Guerra: Os brasileiros em combate, 1942-1945*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

para o esforço industrial norte-americano; cooperou com o patrulhamento do Atlântico e ajudou a impedir o tráfego de navios e submarinos do Eixo naquela área<sup>137</sup>.

Os anos 40 no Brasil foram de grande tensão, tanto no âmbito político-econômico quanto no socio-cultural. Ainda a presença do Estado Novo (1937-1945) interferia na formação de uma opinião pública “servindo-lhe os pratos que desejava, de maneira a impedir que a ela chegassem os fatos que lhe possibilitassem compreender a verdadeira realidade nacional (...)”<sup>138</sup>. No Estado do Pará o início dos anos 40 também foram difíceis devido ao estado autoritário dirigido pelo Interventor Magalhães Barata. Foram tempos de muita repressão aos contestadores do regime<sup>139</sup>.

Não bastasse a repressão do regime, ainda haviam as trágicas consequências da Segunda Guerra Mundial. A infraestrutura de Belém decaiu muito neste período, principalmente nos serviços públicos. Os meios de transporte ficaram ainda mais precários. O sucateamento dos Bondes e dos onibus, além da falta de combustível prejudicavam o deslocamento de pessoas. A navegação também foi reduzida, o que acabou promovendo a falta de produtos básicos de consumo<sup>140</sup>. A guerra só veio piorar a situação de uma região já economicamente fraca desde o fim das grandes exportações da borracha<sup>141</sup>. Fato que começou brandamente mudar a partir de uma nova investida dos Estados Unidos na exploração do látex no início dos anos de 1940<sup>142</sup>.

Um episódio histórico importante, durante a Segunda Guerra Mundial, mudou o cenário desse mercado. Na manhã do dia 7 de dezembro de 1941 os Estados Unidos entraram na guerra. Três meses após o ataque a Pearl Harbor, os japoneses, desesperados para controlar

---

<sup>137</sup> Sobre a FEB (Força Expedicionária Brasileira), ver: MAXIMIANO, César Campiani; GONÇALVES, José. *Irmãos de Armas: um pelotão da FEB na II Guerra Mundial*. São Paulo: Codex, 2005.

<sup>138</sup> ODÁLIA, Nilo. O Brasil nas relações internacionais: 1945-1964. In: DIAS, Manuel Nunes. *Brasil em perspectiva*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 358.

<sup>139</sup> Para conhecer mais a respeito da história de Magalhães Barata, ver: MESQUITA, Lindolfo. *Magalhães Barata*. Belém: Moderna, 1963. Cf., ROCQUE, Carlos. *Magalhães Barata: o homem, a lenda, o político*. Belém: Secult, 2006. Volume 2.

<sup>140</sup> CHAPMAN, Jonh F. A. Guerra chega a Belém. *O Estado do Pará*. Belém, 24 jan. 1943. Cf., CRUZ, Ernesto. *História do Pará*. Belém: Governo do Estado do Pará, 1973.

<sup>141</sup> No começo do século XX a borracha era uma grande fonte de recursos financeiros. Era o produto mais exportado, tendo como destino países como EUA, Inglaterra, França. A diferença entre os lucros da borracha e os dos outros produtos era muito grande. Em 1906, enquanto as cifras da borracha alcançavam os 80.798.077\$941, as da castanha, que estava em segundo lugar, alcançavam somente 714.945\$060. Dados colhidos no Relatório apresentado ao conselho municipal de Belém em 25 de março de 1906. Belém: Arquivo da intendência municipal, 1906. Vol.4, 327 pp. Prateleira 5.

<sup>142</sup> HIGBEE, Edward C. Of Man and the Amazon. *Geographical Review*, v. 41, n. 3. 1951. p. 401-420.

a produção de borracha natural, assim como os aliados, tomaram a Malásia e as Índias Orientais holandesas. Assumiram o controle de 95% do suprimento mundial do produto e mergulharam os EUA numa crise. Cada tanque Sherman continha 20 toneladas de aço e meia tonelada de borracha. Cada navio de guerra era constituído de 20 mil partes de borracha. A borracha era usada para recapear cada centímetro de fio em todas as fábricas, lares, escritórios e instalações militares na América. Não havia alternativa sintética. Levando-se em conta todas as fontes possíveis, os EUA possuía, mantidos os níveis normais de consumo, estoques para cerca de um ano. Essa reserva tinha ainda de alimentar a maior e mais crítica indústria em fase de expansão da história mundial: a indústria bélica.

Na ânsia de encontrar um caminho que resolvesse esse impasse e, mesmo, para suprir as Forças Aliadas da borracha então necessária para o material bélico, o governo brasileiro fez, segundo Maria Veronica Secreto<sup>143</sup>, um acordo com o governo dos Estados Unidos (Acordos de Washington), que desencadeou uma operação em larga escala de extração de látex na Amazônia - operação que ficou conhecida como a Batalha da borracha. Assim aconteceu a segunda vaga de imigração do nordeste. Desta vez eram os chamados Soldados da borracha: sujeitos ao serviço militar que tinham que escolher entre lutar na guerra ou trabalhar como seringueiro. Os soldados de borracha já tinham dívidas antes mesmo de começar a trabalhar. Eles tinham que entregar borracha em troca do equipamento e dos alimentos que precisavam. Este Sistema de Aviamento ditado pelos seringalistas fez com que eles nunca chegassem a obter dinheiro e assim eles nem podiam voltar à terra deles depois da guerra. Como os seringais estavam abandonados e não mais de 35 mil trabalhadores permaneciam na região, o grande desafio de Getúlio Vargas era aumentar a produção anual de látex de 18 mil para 45 mil toneladas, como previa o acordo. Para isso seria necessária a força braçal de 100 mil homens. Milhares de trabalhadores de várias regiões do Brasil foram compulsoriamente levados à escravidão por dívida e à morte por doenças para as quais não possuíam imunidade. Só do nordeste foram para a Amazônia 54 mil trabalhadores, sendo 30 mil deles apenas do Ceará<sup>144</sup>.

Depois da Segunda Guerra Mundial a produção Brasileira de borracha entrou em crise novamente. Apesar do preço baixo, a borracha permanecia o principal produto de exportação

---

<sup>143</sup> SECRETO, Maria V. *Soldados da borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas*. Rio de Janeiro: Fundação Perseu Abramo, 2007.

<sup>144</sup> Cf., PAULA, J.A. Notas sobre a economia da borracha no Brasil. *Revista de Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 12, n. 1, 1982.

da Amazônia. O que tinha mudado era a estrutura econômica<sup>145</sup>. Depois que a maioria dos seringalistas tinha falido, muitos trabalhadores ficaram na área do seringal e se tornaram seringueiros posseiros. De acordo com Warren Dean<sup>146</sup> muitos trabalhadores trilharam um caminho sem volta, pois Cerca de 30 mil seringueiros morreram abandonados na Amazônia, depois de terem exaurido suas forças extraindo o *ouro branco*. Morriam de malária, febre amarela, hepatite e atacados por animais como onças, serpentes e escorpiões. O governo brasileiro também não cumpriu a promessa de reconduzir *os soldados da borracha* de volta à sua terra no final da guerra, reconhecidos como heróis e com aposentadoria equiparada à dos militares. Calcula-se que conseguiram voltar ao seu local de origem (a duras penas e por seus próprios meios) cerca de seis mil homens.

Nesse contexto de guerra e de crise vivia a sociedade paraense, claro, com suas particularidades. Além do medo da crise de produtos e serviços básicos, havia o medo do terror implementado pelo regime ditatorial. Neste ínterim, para mostrar com mais proximidade esse período histórico, cabe explorar a memória do poeta Alonso Rocha, um dos fundadores da *Academia dos Novos*. Este pedaço de memória foi exposto no dia 28 de novembro de 1989, na posse do jornalista e advogado Leonam Gondim da Cruz à Cadeira n. 06 da Academia Paraense de Letras. As palavras reportavam-se ao ano de 1943, quando já eram obrigados a marchar sob o sol no pátio ao som de tambores militares. A imagem daquela geração, segundo Alonso Rocha, podia se descrever da seguinte forma: “o ginasião pobre, uniforme cinza de mangas compridas, dólma de sete botões negros, tres colchetes no colarinho alto, grosso e pesado cinto de couro”<sup>147</sup>. É a imagem de uma geração acorrentada, quando “uma ditadura algemou-lhe os pulsos, vedou-lhe os olhos, amordaçou-lhe a boca”. E ainda tinha, segundo o poeta, que endeusar os retratos dos governantes não elegeram, que calar perante a polícia corrupta e violenta que invadia os lares nos momentos de festas “para furtar os doces e a tranquilidade, sob o falso pretexto de ficalização”.

Nesse discurso de poeta atento às mazelas do passado no qual vivera Alonso Rocha fala da geração que os departamentos de controle (Dips e os Deips) não hesitavam em violar as correspondências e ainda exigiam um “visto pela censura” em qualquer publicação, por

---

<sup>145</sup> Para saber mais sobre a história da borracha na Amazônia, ver: WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993. Cf., SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

<sup>146</sup> DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. São Paulo: Nobel, 1989.

<sup>147</sup> ROCHA, Alonso. Dois Amigos na Academia. *Revista da Academia Paraense de Letras*. Belém, v. XXXIII, abriu. 1990. p. 118.

mais inocente que esta fosse. E o poeta paraense segue em sua descrição do momento vivido por sua geração lamentando que testemunhara a exploração dos pais de família pelo regime injusto e anticristão, o qual não dava liberdade de lutar pela liberdade da economia e da política do país. Havia o medo de agir, de mostrar algo novo à sociedade. Por isso a agremiação literária *Academia dos Novos* se reunia quase secretamente na residência da família de Benedito Nunes.

Alonso Rocha relembra um episódio que acontecera na noite de 10 de novembro de 1943 quando os membros da *Academia* se reuniam e preparavam-se para iniciar a sessão às 22 horas com o discurso antigoverno, que seria proferido pelo jovem acadêmico Pádua Costa. Alonso Rocha conta que de súbito correu a notícia de que alguém se postava vigilante próximo a casa, e logo pensaram que fosse a polícia. De imediato esconderam o livro de presença, as atas e os discursos, e todos os membros, com “caras de anjos” ficaram na varanda conversando e tomando refresco de maracujá. De repente alguém bateu à porta e perguntou se era ali a *Academia dos Novos*. Apresentou-se como Yperry Lima e disse que era poeta e gostaria de fazer parte do grupo. E o agente secreto era apenas um jovem poeta. Tal episódio, bem contado por Alonso Rocha, retrata o clima de terror por qual passava a juventude e toda a sociedade paraense. E, buscando na memória, o poeta ainda fala sobre a “toda-poderosa” polícia ditatorial que torturava e fichava intelectuais, jornalistas, operários e estudantes por causa das manifestações em prol da campanha “O petróleo é nosso” ou por causa de simples críticas ao governo.

Mais de quatro décadas depois Alonso Rocha puxa pela memória a participação de sua geração na Segunda Guerra Mundial. O poeta ainda se recorda dos companheiros enviados para lutar nos campos de batalha da Itália; conta também sobre as madrugadas em que pessoas se amontoavam nas filas para comprar pão e carne; e não esquece das notícias sobre a bomba atômica lançada nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, “calcinando homens e flores”. Chegado o fim da II Guerra Mundial e a ditadura brasileira o poeta diz que restou à sua geração “um fruto amargo, porém dadivoso: por havê-la perdido, conhecer o exato valor da liberdade” e, desse modo, defender a igualdade na participação das riquezas da terra, além de lutar contra toda forma de exploração e opressão. Alonso Rocha defende o engajamento do intelectual acerca dos problemas do seu tempo, que seja participante e lute em prol da liberdade em todas as áreas.

A narrativa de Alonso Rocha mostra aspectos relevantes do tempo histórico no qual vivia a sua geração, um tempo em que as liberdades individuais e coletivas eram controladas por governantes. O comprometimento é ainda herança da década de 1930, onde a crítica social foi marcante nos diversos meios da sociedade mundial. Para Arnold Hauser<sup>148</sup> a história dos anos 30 é na verdade a história de um período onde predominaram o realismo e o ativismo, a radicalização das atitudes políticas, e a crença de que a transformação social só se daria por uma via radical, e não mais através dos partidos moderados. Com o fim da II Guerra Mundial o pensamento voltado fortemente para a crítica mudaria de tom. A partir de 1945 a literatura seria outra muito diferente daquela nacionalista dos anos 30. Para Hobsbawm “o mundo, em seus aspectos relevantes, tornou-se pós-industrial, pós-imperial, pós-moderno, pós-industrialista, pós-marxista, pós-Gutenberg, qualquer coisa”<sup>149</sup>. Mas essa idéia de que a crítica foi privilégio dos anos 30 e morta nos anos 40 é refutada por Penina Migdal Glazer em artigo denominado *From de Old Left to the New: Radical Criticism in the 1940s*, pois, para a autora, essa década foi um período de transição no qual algumas formas de radicalismo morriam enquanto algumas novas idéias iam sendo propostas e testadas, idéias estas fortemente influenciadas por grandes movimentos de contestação, tal como *The Ghandi-influenced Congress of Racial Equality (CORE)*, ocorrido em Chicago (1942) e em Saint Louis (1949)<sup>150</sup>.

O mundo passou a ser pós-guerra e bipolar. Em 1945, o mundo viu várias nações perderem sua posição privilegiada no contexto mundial e viu outras aparecerem como em nenhum outro momento. A União Soviética não aparecia mais em plano secundário em âmbito global, era a segunda potência mundial, ficando apenas atrás dos Estados Unidos, que enriqueceu-se ainda mais com a Segunda Guerra. Depois da derrocada do Nazismo estes dois países agora se debatiam em busca de afirmação de suas ideologias: o Comunismo, pela URSS e o Capitalismo, pelos EUA. Iniciava-se, naquele contexto de tensão ideológica, a Guerra Fria, que dividiria o mundo em dois blocos<sup>151</sup>.

A história das relações internacionais, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, foi ditada no contexto do confronto nunca direto de dois grandes blocos políticos e econômicos,

---

<sup>148</sup> HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 958.

<sup>149</sup> HOBBSAWM, op. cit. p. 282-283.

<sup>150</sup> GLAZER, Penina Migdal. *From de Old Left to the New: Radical Criticism in the 1940s*. *American Quarterly*. v. 24, n. 5. 1972. p. 584-603.

<sup>151</sup> HOBBSAWM, Eric. *A Guerra Fria*. In: *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. op. cit.

conflito considerado por Hobsbawm como a terceira grande guerra mundial do século XX. Enquanto os conflitos internacionais anteriores relacionavam-se a um centro europeu e podiam ainda guardar relação e continuidade com o século XIX, a Guerra Fria estabilizou o “equilíbrio de poder” internacional, deslocando as esferas de choque para a oposição entre os dois sistemas, conformando os conflitos e rivalidades da política mundial; forjou um novo sistema internacional, cuja lógica articulou as relações entre as nações; constituiu-se num conflito ideológico que, propagando-se através da mídia, atingiu culturalmente a sociedade e sua conduta; forçou uma corrida armamentista, que criou um complexo industrial militar continuamente produtivo, que tendeu a buscar mercados nos conflitos convencionais localizados do Terceiro Mundo; conseqüentemente, serviu como elemento incentivador de tais conflitos; e, por último, inaugurou a era nuclear e a possibilidade de destruição global da humanidade<sup>152</sup>.

Nos anos que se seguiram ao fim da II Grande Guerra ocorreu, segundo Bethel e Roxborough<sup>153</sup>, um rápido processo de mudança na configuração política da maioria dos governos da América Latina. Na Argentina, Juan Domingo Perón foi eleito presidente. No Brasil, em 1945, após 15 anos no poder, o governo de Getúlio Vargas chegou ao fim. Seu sucessor, Eurico Gaspar Dutra, foi escolhido através do mais amplo processo eleitoral que o país havia experimentado. Mas já nos primeiros meses do governo Dutra, um retrocesso democrático, com a intensificação da repressão aos movimentos sociais e às organizações políticas de esquerda. Tal processo deve ser lido, assim como afirma Stanley E. Hilton<sup>154</sup>, à luz da evolução das lutas sociais, retomadas com amplo vigor em 1945 e continuadas nos anos seguintes, e do contexto internacional, em que havia a exacerbação dos conflitos entre as potências capitalistas ocidentais e a URSS.

Surge após a segunda guerra uma simpatia à URSS pela sua ação perante o Nazismo de Hitler. Isso repercute na política interna brasileira de modo a abrir relações diplomáticas com o governo soviético, fato que coloca o Partido Comunista novamente a legalidade, o qual elege Carlos Pretes como seu líder. Mas com o avanço da Guerra Fria essa trégua se desfaz e

---

<sup>152</sup> Ibidem.

<sup>153</sup> BETHEL, Leslie e ROXBOROUGH, Ian. (Org.). *A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

<sup>154</sup> HILTON, Stanley E. The United States, Brazil, and the Cold War, 1945-1960: End of the Special Relationship. *The Journal of American History*, v. 68, n. 3. 1981. p. 599-624. p. 5.

o Partido Comunista volta à ilegalidade<sup>155</sup>. Mas a imprensa comunista, durante o Estado Novo (1937-45) e Guerra Fria teve papel importante na luta contra o Nazi-facismo, o que atraiu muitos adeptos e colaboradores. A principal publicação comunista a circular no final do Estado Novo foi a *Continental*, dirigida por Armênio Guedes e na qual colaboravam Milton Cayres de Brito, Ruy Facó, Mário Alves, Maurício Grabóis, Edison Carneiro entre outros. Em 1942 foi criada a Associação Brasileira de Escritores (ABDE) e da União dos Trabalhadores Intelectuais (UTI), da qual participavam todas as categorias de trabalhadores, assalariados ou não, ligados ao trabalho não-manual – médicos, engenheiros, advogados, jornalistas, escritores, artistas etc. O principal jornal comunista era, sem dúvida, a *Tribuna Popular* que possuía uma tiragem de 30 mil exemplares diários e chegou a atingir, no seu auge, em 1946, cerca de 50 mil exemplares vendidos diariamente, igualando-se aos jornais mais vendidos no período<sup>156</sup>.

A imprensa do pós-guerra contou com um novo tipo de periódico, que foram as revistas e suplementos literários. Um bom exemplo é o periódico político-literário *Les Temps Modernes*, fundado por Sartre e Merleau-Ponty, em 1945, um espaço onde estes e outros existencialistas engajados publicavam seus escritos – peças teatrais, poesia e filosofia. A arte literária mudou muito nesse período, sobretudo por causa do crescimento dos veículos de comunicação de massa, como rádio, cinema, imprensa (o fotojornalismo) e a música; e das artes de vanguarda<sup>157</sup>. A literatura deixou o nacionalismo de lado e buscou os segredos da existência humana, tendência fortemente influenciada pela literatura e imprensa estrangeiras, sobretudo através da filosofia existencialista, tão em voga no momento<sup>158</sup>.

O movimento existencialista emerge logo após o término da Segunda Guerra Mundial numa Europa vivendo sob as sequelas do conflito e mergulhada numa crise geral. A Segunda Guerra Mundial foi uma experiência social traumática que levou a sociedade a um clima de

---

<sup>155</sup> MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo: Fapesp, 2002. Cf., DIAS JUNIOR, José Augusto. *Guerra Fria: a era do medo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

<sup>156</sup> Sobre a imprensa brasileira durante a Guerra fria, ver: REICHEL, Heloisa Jochims. O “perigo vermelho” na América Latina e a grande imprensa durante os primeiros anos da Guerra Fria. (1947-1955). *Diálogos*, DHI/UEM, v.8, n. 1, 2004, p. 189-208. Cf., REZNIK, Luís. *Democracia e Segurança Nacional: A Polícia Política no pós-guerra*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

<sup>157</sup> HOBBSAWM, op. cit. p. 192.

<sup>158</sup> ABBAGNANO Nicola. *Introdução ao existencialismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. O núcleo central deste ensaio, grande clássico do pensamento do século XX e contribuição inovadora para o debate filosófico moderno, é que a filosofia deve fundar-se na análise da existência do homem, entendida como seu modo de ser no mundo.

desânimo e desespero, sentimentos que atingiram particularmente a juventude, descrente dos valores burgueses tradicionais e da capacidade de o homem solucionar racionalmente as contradições da sociedade<sup>159</sup>. O existencialismo surge como movimento neste contexto de crise como tentativa de esclarecer o momento histórico pós guerra e se propagou rapidamente. O existencialismo expressa e leva à conscientização a situação histórica de uma Europa dilacerada física e moralmente por duas guerras, de uma humanidade europeia que, entre as duas guerras, experimentam em muitas de suas populações a perda da liberdade, com regimes totalitários. Para Frederick A. Olafson, o existencialismo busca a liberdade do homem frente a sua absurda situação no mundo e o significado da ação humana<sup>160</sup>. E é precisamente pelo homem, o homem em sua singularidade, que o existencialismo se interessa. A "existência" que aqui está implicada é o homem, que se torna o centro de atenção, encarado como ser concreto – nas suas circunstâncias, no seu viver, nas suas aspirações totais. Centrado nos problemas do homem, o existencialismo penetra nos seus sentimentos concretos, nas suas angústias e preocupações, emoções interiores, ânsias e preocupações, emoções interiores, ânsias e satisfações – temas apropriados para um desenvolvimento literário. Por isso, esta corrente, embora preponderantemente filosófica, tem já na sua origem autores célebres no campo da literatura, como Nietzsche e Kierkegaard, e, entre os seus representantes, pensadores que são também literatos, como Sartre e Rilke<sup>161</sup>.

### 2.3 A Geração de 45 no Brasil.

A relação entre a geração de 45 e a de 22 primeiramente foi de rebeldia, tornando-se depois uma relação de filiação e herança. De acordo com Massaud Moisés a geração de 45 reconheceu-se caudatária do modernismo, mesmo quando empunhava a bandeira da liberdade. “Não faziam mais do que imitar, a contragosto, o furor iconoclasta de 22”<sup>162</sup>. Essa geração lutava contra os excessos de 22 – o poema-piada, o desleixo formal, o falso brasileiro de linguagem – cuja poesia era julgada decadente e imóvel, além de burguesa. Esses novos intelectuais reagiam no sentido de proporcionar ao modernismo a sua missão transformadora, sem os preconceitos e o prosaísmo que a marcara nas décadas de 20 e 30. A geração de 45 buscou, de acordo com Moisés, restaurar a poesia que a geração de 22 havia

<sup>159</sup> DUFRENNE, Mikel. Existentialism and Existentialisms. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 26, n. 1, 1965. p. 51-62.

<sup>160</sup> OLAFSON, Frederick A. Existentialism, Marxism, and Historical justification. *Ethics*, v. 65, n. 2, Jan. 1955, p. 126-134. p.1.

<sup>161</sup> DUFRENNE, op. cit., p. 54.

<sup>162</sup> MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 295-296.

desrespeitado, sobretudo quanto a forma. Se os poetas de 22 são radicais no trato poético, os poetas de 45 são racionais e têm a sobriedade lírica como atitude poética<sup>163</sup>. Os poetas de 45 buscaram uma renovação literária cuja preocupação principal era a própria linguagem. Tiveram influência dos poetas de 22, mas, a partir de 1946, exerceu influência nos poetas remanescentes de 1922, que passaram a escrever uma poesia de maior preocupação estética e de amplitude mais universal, mais humana, e menos paisagística<sup>164</sup>.

A geração de 45 foi uma coincidência cronológica onde escritores se aglutinaram com o mesmo rótulo, mas não propriamente com o mesmo padrão estético. Estabeleceu-se como uma geração heterogênea não só por que abrigou as mais diversas individualidades, mas por que acolheu os autores do pós-guerra, fossem eles alinhados ou não às novas idéias<sup>165</sup>. Alguns escritores se destacaram dentre tantos dessa geração. Um deles foi Bueno de Rivera (1914-1982), que estreou em 1944, como livro *Mundo Submerso*, o qual foi considerado pela crítica como o marco zero de sua geração, o que, no entanto, não isentou o seu texto de características de 22, principalmente as drummondianas. Em 1948 escreve *Luz do Pântano*, e depois em 1971 escreve *Pasto de pedra*<sup>166</sup>.

Domingos Carvalho da Silva (1915-2004), também guardou herança da geração de 22, sobretudo no que tange aos ritmos largos, quase condoreiros, e aos metros regulares tradicionais, tal como acontece em *Rosa Extinta* (1945), *Praia Oculta* (1949), *Espada e Flâmula* (1950) e outros escritos posteriores. Sua obra possui uma versatilidade formal que marca o perfil de sua geração, pois vai do amor e sua infinita verdade até a participação política<sup>167</sup>. Sua poesia ficou marcada pela crítica da linguagem e pela preocupação com a teorização da poesia da geração de 45. Seu estilo poético é caracterizado por um rigor técnico e expressão de vivência pessoal. Uma das grandes contribuições do poeta talvez esteja na formulação de uma teoria do poema. O poeta vê na poesia, mais do que produto intuitivo, encontra na poesia resultado da experiência da linguagem e da existência humana. Sua poesia tem influência de poetas como Góngora, Baudelaire, T.S. Eliot, Castro Alves, Camões e Neruda<sup>168</sup>.

---

<sup>163</sup> Ibid, p. 297.

<sup>164</sup> Cf., CAMPOS, Milton de Godoy (Org.). *Antologia poética da geração de 45*. São Paulo: Clube de Poesia, 1966.

<sup>165</sup> SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da literatura brasileira*. Porto: Porto Editora, 1996.

<sup>166</sup> CAMPOS, op. cit., 146.

<sup>167</sup> MILLIET, Sérgio. *Panorama da moderna poesia brasileira*. Rio de Janeiro: MEC, 1952.

<sup>168</sup> BRASIL, Assis. *A Nova Literatura*. Vol. II – A poesia. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1973.

Péricles Eugenio da Silva Ramos (1919-1992), em 1946, lançou o seu primeiro livro, *Lamentação Floral*. Dedicou-se ao trabalho de tradução, sobretudo de poemas, para o português, de composições de William Shakespeare (1564-1616), Stéphane Mallarmé (1842-1898), François Villon (1431-1463) e Luís de Góngora (1561-1627), entre outros. Produziu ainda uma série de antologias da poesia brasileira e foi responsável pela edição da obra poética de Francisca Júlia (1874-1920) e Álvares de Azevedo (1831-1852). Péricles Eugenio da S. Ramos era um poeta dividido entre a poesia e os estudos de poética, onde sua dicção caracterizou-se pela serenidade que alguns viam como neo-parnasianismo, sempre atribuído à geração de 45<sup>169</sup>.

Diferente de Domingos Carvalho da Silva e de Péricles Eugenio da Silva Ramos era a vida literária de Alphonsus de Guimarães Filho (1918). Sua primeira publicação foi *Lume de Estrelas*, em 1940. Outros livros do autor são: *Sonetos da Ausência* (1946), *Nostalgia dos Anjos* (1946), *Sonetos com Dedicatória* (1956), dentre outros. Considerado o grande poeta do simbolismo brasileiro, ao lado de Cruz e Sousa, o escritor coloca no soneto algumas de suas características, como a obsessão com o tema da morte, o ambiente místico, a referência à noite e à cor branca, algo comum ao simbolismo<sup>170</sup>. Sua poesia transmite um alto envolvimento místico, com imagens entremeadas de luz e inquietação com os "sinais dos tempos", principalmente em *A cidade do sul* (1948), *O irmão* (1950), *O mito e o criador* (1954). Sua principal característica é a busca de uma temática nova e de uma linguagem capaz de transmitir à lírica moderna suas experiências metafísicas. Alphonsus de Guimarães Filho elaborou uma poesia ligada a imagens da moda ou de vago surrealismo, uma poesia eloqüente e sem retórica, que se move no plano da transcendência e do religioso<sup>171</sup>.

Lêdo Ivo (1924), poeta de expressão da chamada geração de 45, destacou-se na moderna literatura brasileira, notadamente na poesia. A crítica literária o insere como o poeta mais representativo da sua geração, que promoveu uma reação estética contra o clima demolidor e anarquista da primeira fase do modernismo, reivindicando uma volta à disciplina e à ordem da linguagem. Como outros poetas desta geração, Lêdo Ivo voltou a algumas

---

<sup>169</sup> VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. São Paulo. Ed. Letras e Letras, 1998. Cf., NUNES, Cassiano. *A experiência brasileira*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1964.

<sup>170</sup> PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

<sup>171</sup> Cf., CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

formas poéticas fixas, como o soneto, mas conservando-se livre e marcadamente pessoal. Fixou uma fisionomia forte e própria, com pleno domínio das suas técnicas e da linguagem<sup>172</sup>. Estreou na literatura em 1944, com o livro de poesias *As imaginações*. No ano seguinte, publicou *Ode e elegia*, distinguido com o Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras. Em 1949, proferiu, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, a conferência "A geração de 1945"<sup>173</sup>. Escreveu diversos livros: *As alianças*, romance (1947); *Acontecimento do soneto*, poesia (1948); *O caminho sem aventura*, romance (1948); *Ode ao crepúsculo*, poesia (1948); *Cântico*, poesia (1949); *Linguagem*, poesia (1951); *Lição de Mário de Andrade*, ensaio (1951); *Ode equatorial*, poesia (1951); *Um brasileiro em Paris e O rei da Europa*, poesia (1955); *O preto no branco*, ensaio (1955); *A cidade e os dias*, crônica (1957); *Magias* (contendo: *Os amantes sonoros*), poesia (1960)<sup>174</sup>.

O poeta José Paulo Paes (1926-1998), com a sua poesia minimalista, às vezes radicalmente epigramática, incorporando criativamente o melhor da lição modernista de Oswald de Andrade, teve grande expressão entre os poetas de sua geração<sup>175</sup>. Quando introduz a prosa nos poemas, o faz com refinada construção, demonstrando pulso firme no estabelecimento de medidas e ritmo. Seus poemas infantis jamais subestimam a inteligência e a criatividade da criança, pelo contrário, estimulam a sensibilidade literária com beleza e humor. Publicou a sua primeira coletânea de poemas em 1947, com o nome *O Aluno*. O título expressa uma condição de aprendiz do poeta, o que não mostrava inexperiência, mas, pelo contrário, mostrava a lucidez e caráter incomum. Sua obra possui um tom epigramático que o diferencia de outros da mesma geração<sup>176</sup>. Possui uma vasta produção, e dela fazem parte: *Cúmplices* (1951), *Novas Cartas Chilenas* (1954), *Epigramas* (1958), *Anatomias* (1967), dentre outras.

A geração de 45 buscou rever o saldo positivo deixado pelas gerações de 20 e 30, filtrando as extravagâncias e procurando renovar a literatura. Alguns escritores se puseram como militantes dessa geração, tais como Sérgio Milliet, Tristão de Ataíde e Álvaro Lins. Além desses muitos outros se puseram como "novíssimos", pois, na Antologia de Fernando

---

<sup>172</sup> NAJAR, Carlos. *História da literatura brasileira: da carta de Pero Vaz de Caminha à contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

<sup>173</sup> A transcrição desta conferência foi publicada no suplemento *Arte-Literatura* n. 137, em 1949.

<sup>174</sup> BRASIL, Assis. *A trajetória poética de Lêdo Ivo*. Rio de Janeiro: Educam, 2007. Cf., RENNÓ, Elizabeth. *A aventura poética de Lêdo Ivo*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1988.

<sup>175</sup> ARRIGUCCI Jr., Davi. *Melhores poemas de José Paulo Paes*. São Paulo: Global, 2003.

<sup>176</sup> RIBEIRO, Êsio Macedo. *Brincadeiras de palavras: a gênese da poesia infantil de José Paulo Paes*. São Paulo: Editora Giordano, 1998.

Ferreira de Loanda havia 24 nomes, e na Antologia de Milton Godoy Campos havia 64 poetas, fato que diferencia o critério de inclusão, mas que mostra o quão vasto era a geração de 45<sup>177</sup>.

#### 2.4. A Geração de 45: o debate no suplemento literário Arte-Literatura.

Os suplementos literários no decorrer dos anos 40 foram responsáveis por uma das principais características da nova geração. Essa característica foi mesmo o fato de não pertencer somente ao eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, como predominou no livro de Massaud Moisés<sup>178</sup>. Muito pelo contrário, ela foi cultivada por vários Estados brasileiros, fato que leva a considerá-la mais nacional do que as gerações de 22 e 30. Tal tema foi discutido no suplemento literário *Arte-Literatura* através de críticos de outros Estados, tais como Wilson Martins, Lúcia Miguel Pereira, Lêdo Ivo e Álvaro Lins, do Rio de Janeiro, e Sérgio Buarque de Holanda, de São Paulo.

Lêdo Ivo, em artigo chamado *A Geração de 45* (1949), discute a intensidade da literatura nas províncias, sobretudo por causa do gosto dessa nova geração pela literatura. Ivo afirmou naquela ocasião que jamais havia tido no Brasil um “conjunto de jovens tão numeroso e tão apaixonado pela coisa literária. E mais uma vez as províncias dão o que de melhor possuem em suas profundezas”<sup>179</sup>. De fato, em nenhum momento no Brasil se observou tal descentralização da literatura, pois anteriormente somente havia algumas manifestações isoladas. Nos anos 40 os poetas deixaram de se deslocar para as capitais para mostrar sua poesia, pois não era mais necessário devido às revistas e suplementos criados nos interiores. Esses poetas foram denominados por Álvaro Lins, em seu artigo *Valorização da Província*<sup>180</sup>, de “provincianos nacionais” devido, mesmo aqueles que moravam nas metrópoles, não passavam de representantes da literatura de suas províncias, em prol das quais trabalhavam e produziam. A literatura brasileira, nesta época, passou a figurar em todo o Brasil e ganhou uma consistência mais uniforme nas províncias, momento em que as grandes metrópoles, até então centros da literatura nacional, passaram a olhar com mais

---

<sup>177</sup> LIMA, Alceu Amoroso. *Introdução à literatura brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1957.

<sup>178</sup> MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. op. cit.

<sup>179</sup> IVO, Lêdo. A Geração de 45. *Folha do Norte*. Belém, 09 de outubro de 1949. Suplemento Arte-Literatura, n. 137, p. 1.

<sup>180</sup> LINS, Álvaro. Valorização da Província. *Folha do Norte*. Belém, 16 de novembro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 51, p. 1-2.

atenção para a produção literária das demais regiões do país, fato que impulsionou uma consciência da verdadeira grandeza do Brasil.

Lúcia Miguel Pereira discute, em seu artigo *Mocidade e Província* (1949), a questão da “efervescência literária” e atividade literária da década de 40, o que proporcionou aos interiores brasileiros a visualidade que até então não possuíam. A criação de revistas e suplementos literários em Estados como Pará, Maranhão, Ceará, Goiás, Pernambuco e Paraná, revela quão intensa era produção literária dessa nova geração. É interessante notar é a relação entre essas revistas e os suplementos, visto que publicavam entre si, fato que aumentava a divulgação. Pereira afirma que “nas bancas de jornal e revistas, nos balcões das livrarias, nas mesas de trabalho, por toda parte vamos agora encontrando novas revistas, revistas de gente nova”<sup>181</sup>.

O historiador Sérgio Buarque de Holanda, por meio do artigo *Província*<sup>182</sup> (1949), debate a questão da descentralização da literatura brasileira. Afirma que a nova geração de poetas brasileiros cada vez mais se desprendia das amarras dos centros que nas gerações de 20 e 30 eram a vanguarda da literatura nacional. Não havia mais a necessidade da afirmação de um centro irradiador das novas tendências e/ou que acolhesse os poetas que saíssem do interior a procura de uma revista ou suplemento para publicar sua obra. A produção nos Estados interioranos era intensa, e Holanda cita o lançamento da coletânea *Um instante da poesia de Goiânia*, organizada por José Décio Filho, Haroldo de Brito Guimarães, Bernardo Elis, Afonso Félix de Sousa, João Acioli e José Godoy Garcia.

A geração de 45 não era localizada em um ou outro centro cultural, não era mais regional. Para o paraense Paulo Plínio Abreu essa geração vivia num momento de apuramento da literatura e não podia ser apontada por possuir defeitos de ingenuidade e atitude romântica. Abreu afirma que essa geração “se libertou do regionalismo de toda espécie e que por isso mesmo não se pode dizer dela que é do nosso Estado. Só a insignificante geração literária que nos precedeu é que o era, e disso naturalmente se orgulhava”<sup>183</sup>. E acrescenta que essa nova cara da literatura brasileira se deve ao momento histórico por qual passava a geração. Uma

---

<sup>181</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Mocidade e Província*. *Folha do Norte*. Belém, 13 de fevereiro de 1949. Suplemento Arte-Literatura, n. 111, p. 1.

<sup>182</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Província*. *Folha do Norte*. Belém, 1º de janeiro de 1949. Suplemento Arte-Literatura, n. 108, p. 3.

<sup>183</sup> ABREU, Paulo Plínio. *Posição e destino da literatura paraense*. *Folha do Norte*. Belém, 14 de dezembro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 56, p. 3. Entrevista.

“geração que assiste ao fim de variadas experiências, ao nascimento do existencialismo. Isto, a meu ver, é suficiente para deixar marcada e caracterizada uma geração”<sup>184</sup>.

O escritor Stélio Maroja, que também fazia parte da nova geração paraense, respondeu à enquête de Peri Augusto sobre a posição e destino da literatura paraense. E na ocasião o poeta afirmou que essa geração possuía um “vigoroso grupo de esplêndidos valores individuais”<sup>185</sup>. Na seqüência elabora uma importante observação, ou seja, que essa moderna geração, assim como as passadistas, teve o seu processo de formação através do exclusivo esforço autodidata, e por causa da pobreza do meio provinciano não puderam ter acesso às formas superiores da cultura, o que não teria afetado seu potencial, e que por isso também vislumbraram muitas das qualidades as quais constituíram a força e o valor das gerações do mundo: “uma maior inquietude espiritual, mais experiência humana e, conseqüentemente, uma compreensão mais larga e mais realista da vida; mais capacidade de sacrifício, mais paixão pela verdade e, sobretudo, uma decidida tendência renovadora”<sup>186</sup>. O escritor mostrava uma preocupação com a renovação da poesia de sua geração, pois para ele as fases de transformações da literatura seriam perigosas, haja vista que o “espírito” da nova geração ainda não havia descoberto o seu rumo e por isso encontrava-se “mergulhado em desolação e desencanto, como que esmagado pelos espectros do passado”. O seu futuro residiria na sua capacidade de superar essa crise de transição, libertando-se, dessa forma, das ilusões e mentiras, para que deixasse na história da Amazônia a marca de uma profunda e imperecível afirmação cultural<sup>187</sup>.

O jornalista, teatrólogo e membro da Academia Paraense de Letras, Edgar Proença, também se prestou a responder à enquête de Peri Augusto. E diferentemente de Stélio Maroja, criticou veementemente a nova geração, da qual não fazia parte. Edgar Proença discordou integralmente das diretrizes que encaminham dessa geração, pois, segundo ele, nunca se habituara a compreender o belo sem harmonia. No entanto reconheceu o valor desses jovens “cheios de talento”, que teriam empregado melhor a sua influência e a sua predileção intelectual se tivesse seguido o romantismo, “a escola que é a de todos os tempos, que assiste

---

<sup>184</sup> ABREU. op. cit.

<sup>185</sup> MAROJA, Stélio. Posição de destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 16 de novembro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 51, p. 3. Entrevista.

<sup>186</sup> Ibidem.

<sup>187</sup> Afirma Stélio Maroja: “temos a impressão de nos encontrarmos em um desses momentos críticos de desorientação e desânimo. Percebemos que do passado não mais nos vem a flama misteriosa da intuição do próprio sentido da vida”.

a todas as insinuações, que é a harmonia, a beleza, a emoção, a grandeza da poesia e da prosa”<sup>188</sup>. O autor afirma que o modernismo atingiu o seu auge e não tardaria a desaparecer, pois não teria nascido com bases sólidas; foi feito pela inquietação de um idealismo passageiro<sup>189</sup>. E com o novo modernismo do Pará aconteceria a mesma coisa, pois, para o poeta, caminhava afoito e brilhante, mas um dia volveria para “os velhos cânones estéticos que marcam a sensibilidade e o pensamento”. Quanto ao futuro da nova geração o autor revela que não tem dúvidas do seu sucesso, posto que “flutua na beleza do seu idealismo construtor. Participa das mesas redondas e exige dos homens responsáveis pelos destinos do Estado o exato cumprimento dos seus deveres administrativos”<sup>190</sup>.

Certamente, a geração – geração angustiada segundo Levi Hall de Moura<sup>191</sup> – que surgiu nos anos 40 passou por diversos traumas decorrentes dos acontecimentos globais que assolaram a humanidade. O fortalecimento do Nazifascismo e do Socialismo, a Segunda Grande Guerra (1939-45), a Guerra Fria (1945-89) e demais conflitos ocorridos paralelamente agrediram a existência humana. No Brasil os anos 40 ficaram marcados pelo fim da Ditadura de Getúlio Vargas (1930-45) e no Pará, pelo fim das interventorias de Magalhães Barata e de José Carneiro da Gama Malcher, governos que, somados, se estenderam entre os anos de 1930 a 45<sup>192</sup>. Foram experiências que atingiram a sociedade, seja mudando ou destruindo culturas, seja impulsionando novas idéias literárias e filosóficas, tal como o existencialismo. Neste período a imprensa e a literatura ficaram, em grande parte, sob as amarras da ditadura, o que foi se transformando com a redemocratização do Brasil, em 1946<sup>193</sup>.

O contexto no qual vivera esses jovens dessa nova geração era muito rígido para as expressões da arte. Esse momento está bem claro nas palavras de Ruy Barata em uma entrevista ao Jornal Literário *José*, de Fortaleza, quando relata que o governo não dava apoio e liberdade as revistas, fato que as obrigava a suspender a circulação, sobretudo, “para não se submeterem aos elogios e propagandas encomendadas, seguindo-se, desse modo, um período

---

<sup>188</sup> PROENÇA, Edgar. Posição de destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 16 de novembro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 51, p. 3. Entrevista.

<sup>189</sup> Ibidem.

<sup>190</sup> Ibidem.

<sup>191</sup> MOURA, Levi Hall de. Posição de destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 26 de outubro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 48, p. 4. Entrevista.

<sup>192</sup> Magalhães Barata governou por dois mandatos: de 1930-35 e 1943-45. José Carneiro G. Malcher governou entre os anos de 1935-43.

<sup>193</sup> SOUZA, Márcio. *Breve história da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1984. Cf., CRUZ, Ernesto. *História do Pará*. Belém: Governo do Estado do Pará, 1973.

de esterilidade no terreno editorial”<sup>194</sup>. O poeta ainda afirma que tinham que se “entrancheirar dentro de um amargo silêncio para não sermos contaminados pelo ar pestilencial que ameaçava sufocar as mais novas gerações brasileiras”<sup>195</sup>. Com efeito, o regime ditatorial não garantia liberdade para a imprensa no sentido de preservar a imagem do governo.

As palavras de Ruy Barata refletem o clima por qual passava a imprensa do Estado do Pará e expõem o panorama da literatura da época, além de refletir o sentimento compartilhado por essa geração que nascia e pela geração do final da década de 1930. O Suplemento *Arte-Literatura* serviu para mostrar uma nova arte, não mais aquela patrocinada pelo Estado Ditatorial do General Magalhães Barata, mas uma arte desprendida das amarras da censura, eivada de liberdade; uma literatura que não mais valorizava os temas nacionalistas e regionalistas, que buscava caracterizar o típico brasileiro e o caboclo amazônico; uma literatura presente, por exemplo, na Revista *Terra Imatura* (1938-1942), dirigida por Cléo Bernardo e Sylvio Braga, que circulou em Belém durante o regime ditatorial<sup>196</sup>.

A revista adotou o espírito de luta na realidade econômica, cultural, social e política que se estruturava no país nos anos 30. No Editorial feito por Cléo Bernardo publicado no número 2, de maio de 1938 “(...) *Terra Imatura* é a peleja por um Brasil mais nosso, por uma Amazônia mais ajudada”. Muitos foram os colaboradores, dentre os quais estavam Alberto do Valle Guimarães, Adalcinda Camarão, Aloysio Chaves, Bruno de Menezes, Carlos Eduardo da Rocha, Daniel Coelho de Souza, Dalcídio Jurandir, Francisco Paulo Mendes, Fernando José Leão e Flávio de Carvalho. Também colaboravam: José Augusto Telles, Juracy Reis da Costa, Luís Faria, Machado Coelho, Mário Couto, Mário Augusto da Rocha, Ruy Guilherme Paranatinga Barata, Raul Newton Campbell Penna, Stélio Maroja e Solerno Moreira Filho, além do redator-chefe José Maria Mendes Pereira<sup>197</sup>.

Alguns temas se destacavam, dentre os quais estão: como pensar o Brasil e sua gente, revolta e irreverência contra toda a cultura do protecionismo governamental em relação aos artistas de fora e descaso com os locais; crítica ao aspecto urbano europeizado e decadente de Belém durante a segunda guerra - lojas, casas, cafés e teatros, etc., mostrando o lado de uma

---

<sup>194</sup> BARATA, Ruy Guilherme Paranatinga. A Geração remediada do Pará dá boa tarde a Fortaleza por intermédio de Ruy Barata. *Folha do Norte*. Belém, 20 de julho de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 33, p. 3.

<sup>195</sup> *Ibidem*.

<sup>196</sup> COELHO, Marinilce de Oliveira. *O Grupo dos Novos: memórias literárias de Belém do Pará*. op. cit. p. 93

<sup>197</sup> *Ibidem*.

cidade marginal e deteriorada; preocupação com a expansão do nazismo, além de narrativas pitorescas sobre o cotidiano de Belém e seus tipos humanos. Certamente *Terra Imatura* foi um espaço de combate aos atropelos políticos da época e também um espaço de divulgação, debate e propaganda sobre cinema, arte, ciência e literatura moderna<sup>198</sup>.

A poesia dos anos 30 deu lugar à nova idéia de literatura contemporânea. Essa nova poesia foi discutida por poetas locais, e um dos principais divulgadores foi Francisco Paulo Mendes. Aqui cabe abrir um parêntese. É quase impensável discutir a geração dos novos modernistas paraenses sem que se reserve um espaço exclusivo para falar do mestre Francisco Paulo Mendes, pois foi figura central na leitura, crítica e difusão da literatura moderna em Belém do Pará nas décadas de 1940 e 1950. Escreveu pouco e publicou menos ainda. Para Benedito Nunes ele “gostava de falar e não de escrever. Gostava de falar e de agir. Agiu orientando o Teatro do Estudante do Pará. Agiu pela palavra oral, criticando, de viva voz, a produção dos jovens poetas”<sup>199</sup>. E ainda agiu politicamente com suas posições lúcidas na vida pública. Não escreveu, mas, no entanto, ganhou reconhecimento com suas aulas e conferências muito disputadas. Atualizado com as mais recentes publicações brasileiras e européias, foi, nessa mesma época, uma espécie de guru nas rodas do *Café Central*, onde se reuniu, por vários anos, com Ruy Guilherme Paranatinga Barata, Raimundo Souza Moura, Frederico Barata, Mário Faustino, Max Martins, Benedito Nunes, Cauby Cruz, Paulo Plínio Abreu e Haroldo Maranhão. Também freqüentou outros círculos independentes que se intercomunicavam com o grupo do *Café Central* – a casa de Machado Coelho, e também uma sala nos altos do edifício Vesúvio, onde se reuniam Daniel Coelho de Souza, Clóvis Malcher e Mário Couto. Mendes foi secretário da Faculdade de Direito ainda muito jovem e depois professor de literatura nos colégios Paes de Carvalho, Marista, Escola Normal, Moderno e Gentil Bitencourt. Fundou o curso de Letras clássicas na UFPA em 1957, no qual foi professor durante longos anos<sup>200</sup>.

Francisco Paulo Mendes era um grande conhecedor da literatura contemporânea. Lia poetas como Antero de Quental, Cecília Meireles, Valery, Rilke e Fernando Pessoa. Dentre os filósofos conhecia Kierkegaard, Paul Landsberg, Jacques Maritain, Berdiaeff, Sartre, Gabriel Marcel, Karl Jaspers e Martin Heidegger. Dentre os ficcionistas Mendes tinha predileção por

---

<sup>198</sup> Ibid.

<sup>199</sup> NUNES, Benedito. *O amigo Chico: fazedor de poetas*. Belém: Secult, 2001, p. 18.

<sup>200</sup> Ibid, p. 19.

Mauriac, Julien Green, Alain Fournier, Kafka e Bernanos. Rilke e Antero de Quental eram os seus preferidos. Esse vasto conhecimento era repassado oralmente, entre um cafezinho e outro, para seus mais diretos ouvintes da *Turma do Central*, ou melhor, Ruy Barata, Paulo Plínio Abreu, Mário Faustino, Max Martins, e Benedito Nunes<sup>201</sup>.

Muitas xícaras de chá e bandejas de torradas certamente foram consumidas juntas a tanto conhecimento repassado às mesas do *Café Central*. Foram mais de duas décadas de encontros que construíram um espírito comum na mente dessa nova geração, na verdade, de duas gerações, uma do final dos anos 30, da qual pertencia Mendes, e a outra, a mais nova, de meados dos anos 40, da qual pertencia, dentre outros, Max Martins e Haroldo Maranhão e Benedito Nunes. Era “nosso mestre e que, efetivamente, foi tornando-se o líder do nosso grupo, de nossa geração”<sup>202</sup>, relembra Max Martins. Para Francisco Paulo Mendes as discussões não poderiam se dar somente no âmbito da literatura, ele também discutia artes plásticas e política nacional e internacional. Era um questionador, um polemista, e não hesitava e criticar veementemente os políticos do Estado, principalmente Magalhães Barata. Na ótica de Max Martins esses debates no *Café Central* foram importantíssimos para a cultura local, pois deles surgiram, por exemplo, as revistas *Encontro* e *Norte*; o Cine-Clube *Os Espectadores*, o *Norte Teatro Escola* e a seção local da Associação Brasileira de Escritores do Clube G.K. Chesterton<sup>203</sup>.

Mendes não se cansava. Depois de lecionar o dia inteiro ainda tinha disposição para, todas as noites, ir ao *Café Central* para encontrar com os amigos e discutir seus assuntos prediletos. Ele era o foco das discussões, era quem tomava a frente. Todo dia trazia algo novo para ensinar aos mais jovens. Mas de onde vinha tanto conhecimento? Visitando as memórias escritas acerca da vida do vulgo *Chico*, como era chamado por alguns, percebe-se o quão rica foi a trajetória intelectual desse homem que adorava o magistério<sup>204</sup>.

Nasceu por entre os livros. Quando garoto visitava a casa do avô materno João Affonso do Nascimento. Este era pintor, desenhista, escritor e dono de uma grande casa aviadora na Belém do Intendente Antônio Lemos. A partir daí Mendes começou a ter contato com a literatura e foi também onde iniciou seu gosto pela leitura. Com a morte do avô herdou

---

<sup>201</sup> Ibid. p. 24.

<sup>202</sup> MARTINS, op. cit., p. 76.

<sup>203</sup> Ibidem.

<sup>204</sup> NUNES, op. cit.

uma vasta coleção de livros a qual foi aumentando no passar do tempo. Comprava muitos livros e também doava alguns àquelas pessoas que lhe demonstravam interesse real às letras. Era um incentivador, um fazedor de poetas e de estudiosos<sup>205</sup>.

E assim foi se construindo aquele homem das letras, polido e bem vestido, de ânimo anti-acadêmico e anárquico. Seja nas aulas nos vários colégios em que lecionava, seja na casa de Benedito Nunes ou no *Edifício Vesúvio*, seja no *Café Central*, Mendes, crítico mordaz da literatura mal feita e da política excludente, guiava com suas falas, conferências e aulas, a geração que naquele momento se formava.

Francisco Paulo Mendes sempre estava se renovando, se colocando a par das novidades do universo das letras e sempre ligado às questões de seu tempo. (...) “o Mendes político, de olho sempre posto na *polis*, muitas vezes manifestando indisfarçável mal-estar, irritação frente aos desacertos sociais, culturais, políticos, o Mendes nunca reacionário, jamais atrasado, jamais retrógrado”<sup>206</sup>. Era muito admirado também como professor, sobretudo, por causa de sua habilidade em fazer correlações entre campos artísticos díspares. Não separava a vida da teoria. Para ele elas eram imbricadas. Acreditava que, sem o acesso à cultura e ao conhecimento, dificilmente os homens teriam os instrumentos cognitivos para pensar de maneira totalizante sobre as razões da injustiça e da desigualdade.

Ele era mesmo um fazedor de poetas no sentido mais justo do termo. Não hesitou em dizer para Benedito Nunes deixar a poesia e partir para o ensaio e para a crítica. “Soube, antes de mim, que eu não seria poeta”, lembra Nunes. Além disso, impulsionou Ruy Barata, descobriu Paulo Plínio Abreu e o jovem Mário Faustino. *Café Central* e Francisco Paulo Mendes formaram uma dupla de grande relevância para formação da geração agônica, da *Turma do Central*. Ambos formaram um amálgama sem incompatibilidades: cafezinho, chá, torradas, literatura, política, jovens poetas e Mendes misturaram-se e construíram uma geração que indubitavelmente marcou a história de Belém<sup>207</sup>.

No entendimento de Mendes, a poesia contemporânea “nos desprende do mundo físico e da realidade para nos oferecer uma realidade superior, por assim dizer, mais autêntica”.

---

<sup>205</sup> TUPIASSU, Amarílis. Mestre, meu mestre querido! In. NUNES, Benedito. *O amigo Chico: fazedor de poetas*. Belém: Secult, 2001, p. 107.

<sup>206</sup> Ibidem.

<sup>207</sup> NUNES, op. cit.

Uma realidade buscada no psicológico para desvendar todos os mistérios da existência, que não estão no mundo real, mas no mundo supra-real, que para ele, é o mundo do poeta contemporâneo. Tal mundo absorveria tanto os fenômenos do mundo exterior quanto do mundo interior<sup>208</sup>. Pode-se perceber a influência de Rilke nas palavras de Mendes. Nota-se isso quando ele utiliza termos como realidade superior e autêntica, mundo supra-real, mundo exterior e interior, e mistérios da existência. São termos que facilmente encontramos ao lermos as obras de Rilke. Em verdade, os temas rilkeanos são muito trabalhados na poesia de alguns dos *novíssimos* paraenses. São temas que essa nova geração escreveu e que os diferencia grandemente da geração anterior, em que a poesia estava pautada na crítica social<sup>209</sup>.

Lêdo Ivo critica essa poesia dos novos afirmando que esta ainda não teria descoberto o seu ritmo, a sua música, a sua sabedoria vocabular e a adequação entre forma e substância, aspecto necessário à total realização da poesia. O crítico não hesita em denominar a nova geração de “legião de transfiguradores, de jeitosos aproveitadores de lições formuladas pelos que os precederam”. O que impressiona na poesia dos novos, para Ivo, é a insistência de “horizontes particulares, de paisagens suspensas no ar, de hermetismos extravagantes e a evidência de um quase total desconhecimento do Brasil, até mesmo nos aspectos mais superficiais”<sup>210</sup>. O poeta destaca também na poesia da nova geração uma fauna e flora particularíssima, obsessões mediterrâneas, com uma precoce e discutível preocupação com a metafísica, fato que, segundo o poeta, levaria a poesia a ser interessada e religiosa, o que substituiria a sua natureza de “conversa humana” pela prece, que é caracterizada pela afeição aos metros curtos, com uma atmosfera noturna ligada à solidão e às misérias do ser individual, aspectos que, segundo Ivo, pareciam ser extraídos dos clássicos e das traduções espanholas de Rainer Maria Rilke, onde há a forte presença da preocupação desmesurada pelo que está “desligado da terra e do tempo, da impureza da vida e da claridade cotidiana”<sup>211</sup>.

Paulo Plínio Abreu (1921-1959) foi um dos inovadores da poética paraense na medida em que rompeu com o confinamento espiritual e estético da cultura de Belém de sua época. E com a ajuda do famoso livreiro Laurindo Garcia, descobre Eliot, Yeats, Pound,

---

<sup>208</sup> MENDES, Francisco P. Notas para uma conferência sobre a poesia contemporânea. *Folha do Norte*. Belém, 01 de junho de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 28. p. 2.

<sup>209</sup> CANGUSSU, Dawson S. *O modernismo paraense da segunda geração (1943-1951)*. op. cit. p. 45.

<sup>210</sup> IVO, Lêdo. A geração de 45. *Folha do Norte*. Belém, 9 de outubro de 1949. Suplemento Arte-Literatura, n. 137, p.2.

<sup>211</sup> *Ibid.*

Saint-John Perse e Rilke. Seus poemas, publicados postumamente, testemunhavam a pulsão pelo novo, pelo universal partilhado e são indubitavelmente inspirados pela poesia de Rilke e Baudelaire. De acordo com Ângela Maria Sampaio, o leitor, ao ler Plínio Abreu, vai encontrar a “poesia sem pátria, sem causas sociais, sem referências a grandes realizações institucionais ou questões pessoais. Vai encontrar uma poesia universal, atemporal”<sup>212</sup>. A autora ressalta que “Plínio conseguiu, de fato, expressar o insólito, não no espaço da cidade, mas no olhar que tentava se reconhecer em espacialidades naturais e universais, que não poderiam ser localizadas em lugar nenhum”<sup>213</sup>.

Ângela Sampaio afirma que o poeta, para Paulo Plínio Abreu, é um ser apaixonado pela busca sem muito se importar com as respostas, e a verdade da poesia, que seria a verdade da existência humana, para ele só poderia se realizar enquanto busca. Isso por que “a natureza catastrófica de todos os caminhos procurados pelo homem, seja em sua vida pessoal ou social, levam-no somente ao ato de caminhar em direção ao caminho”<sup>214</sup>.

Abreu teve contato com obras de Rilke por volta de 1939. Seu primeiro encontro foi por meio de traduções francesas de *Poésie e Lês Cahiers de Malte Laurids Brigge*, nas versões de Maurice Betz; e *Les Élegies de Duino*, na de J.F. Angelloz<sup>215</sup>. A partir desse momento, de acordo com a memória de Francisco P. Mendes, Paulo Plínio Abreu começou a aprender alemão para ler os originais. Um dos aspectos mais relevantes da sua obra é a temática numerosa, pois facilmente se encontram temas de viagem, de regiões maravilhosas, do amor e da amada, da infância, do anjo, da pureza e, principalmente, da morte. É raro um poema em que este tema não esteja presente<sup>216</sup>. A busca às respostas sobre a existência humana, a chegada da morte que o ser não pode evitar são temas existencialistas que outro poeta que também fez parte da nova geração, Ruy Barata, adotou em seus poemas.

Ruy Guilherme Paranatinga Barata (1920-1986) nasceu em Santarém. Foi pesquisador, poeta, jornalista e político. Publicou as obras *Anjos dos Abismos* e *A Linha Imaginária*. Morreu em 1990, sem publicar *O Nativo de Câncer*, poema que segundo ele

---

<sup>212</sup> SAMPAIO, Ângela Maria Vasconcelos. *Paulo Plínio Abreu e o Enigma da Palavra: uma introdução ao estudo da Metapoesia*. Orientador, Christophe Golder. Belém: UFPA, 2003. (Dissertação de Mestrado). p. 15.

<sup>213</sup> Ibid, p. 47.

<sup>214</sup> Ibid, p. 30.

<sup>215</sup> MENDES, Francisco P. Prefácio e notas. In: ABREU, Paulo Plínio. *Poesias*. Belém: UFPA, 1977. p. 11.

<sup>216</sup> Ibid, pp. 11-12.

representava a sua própria existência<sup>217</sup>. A questão da morte como um destino inexorável da humanidade Barata retrata em *Noturno* e em *27 quase 28*. Neste último o poeta se põe como o ser mais angustiado de todos na silenciosa espera.

A silenciosa espera, a valsa, o ramalhete  
O gesto de sofrer, a fonte larga  
O coração fiel e inviolável.

Forte sou inda que seja fraco,  
entre as angústias reino soberano,  
o drama situou-me entre vigílias  
e o poema devasta mais que aniversário<sup>218</sup>.  
(...)

Os poemas de Ruy Barata, sempre angustiadados, tiveram também grande importância na formação da poesia dos *novos*, sobretudo a partir da publicação no suplemento *Arte-Literatura*. Em 25 de agosto de 1946 Barata, muito ligado também à música, publicou *Tocata e Fuga em Ré Menor*<sup>219</sup>, que mostra imagens misturadas com sons musicais de Bach; outro poema publicado no mesmo ano foi *Salmo*<sup>220</sup>, que retrata um poeta desesperado interrogando sobre a presença do “Senhor”. Pode-se citar também uma de suas traduções: a de um poema sem título, de Walt Whitman, onde o poeta não se preocupa nem com Deus e nem com a morte, haja vista que vê Deus em todos os homens e mulheres, inclusive em si.

Esse tipo de poesia ligada à questão da existência do indivíduo e preocupada com os sentidos e segredos mais incógnitos da vida foi amplamente produzida por essa nova geração e por aqueles que simpatizavam com ela, tal é o caso de Paulo Plínio Abreu e Ruy Barata. Essa linha espiritualista do modernismo, eivada de simbologia caracteriza uma poesia universal, que liga a experiência do cotidiano aos temas da condição humana. Para Francisco Paulo Mendes essa nova poesia se caracteriza pela “linguagem, vocabulário inusitado e insólita estrutura da frase, e pelo caráter onírico e simbólico das imagens lembra mais a dos

<sup>217</sup> Cf., OLIVEIRA, Alfredo. *Ruy Guilherme Paranatinga Barata*. Belém: Cejup, 1990.

<sup>218</sup> BARATA, Ruy Guilherme P. *27 quase 28*. *Folha do Norte*. Belém, 24 de dezembro de 1950. Suplemento Arte-Literatura, n. 163, p. 2.

<sup>219</sup> BARATA, Ruy Guilherme P. *Tocata e Fuga em ré menor*. *Folha do Norte*. Belém, 25 de agosto de 1946. Suplemento Arte-Literatura, n. 10, p. 4. “Sobre o piano, rosas/cobre as rosas, o azul/e o azul não era azul, era vermelho/ tocavam Bach e era como luz que transitasse no mistério/todos estavam silenciosos”. (...)

<sup>220</sup> BARATA, Ruy Guilherme P. *Salmo*. *Folha do Norte*. Belém, 01 de dezembro de 1946. Suplemento Arte-Literatura, n. 16, p. 4. “Senhor, és tu a quem escuto nesta noite de trevas? /És tu que vens de leve acordar o irresistível pranto/na dissoluta face onde se esconde/a máscara de um medo de mil anos atrás? /És tu que lanças o olhar com rosas de fogo/sobre o meu pobre e insuportável exílio”. (...)

pós-simbolistas”<sup>221</sup>. Para Francisco Paulo Mendes isto é uma peculiaridade da poesia contemporânea. Uma poesia que busca mais do que os estados de consciência do homem. Para Mendes a nova poesia consiste na “exploração extensiva e intensiva que atinge as zonas que ficam fora do campo da consciência e que consiste em captar as diversas formas de vida na atividade dissimulada e abismada do ‘eu’”<sup>222</sup>. Mendes ressalta a presença de correntes ilógicas de pensamentos, idéias absurdas, desejos obscuros, sentimentos aberrantes, os sonhos e os devaneios, toda uma confusa e fervilhante vida subterrânea do ser.

Um poeta de grande importância para o fortalecimento da *Turma do Central* foi Haroldo Maranhão. Autor de vasta obra em prosa, crônicas, contos, novelas e romances. A trajetória literária de Haroldo Maranhão se inicia na década de 40, quando, ainda adolescente, assumiu a função de redator do jornal *Folha do Norte*, de propriedade de seu avô, Paulo Maranhão. Questões políticas podem ajudar a explicar a precocidade da atitude literária, pois durante quase treze anos, sua família viveu homiziada no último andar do prédio onde funcionava o jornal, para se proteger de armadilhas vingativas e da fúria dos inimigos políticos do avô e do combativo jornal<sup>223</sup>.

Foi uma longa querela entre o jornal e o Governador Magalhães Barata, que começou em 1933, quando a *Folha* fez uma crítica à administração do Interventor. Barata suspendeu o jornal por quatro dias e, a partir daí iniciou-se uma disputa que só terminaria com a morte de Barata, em 1959. Durante esses 26 anos conflitantes, a família Maranhão viveu praticamente isolada no prédio que abrigava a oficina, a redação, a gerência comercial e a residência de Paulo Maranhão. Em depoimento a Carlos Rocque, o jurista e jornalista Carlos César Coutinho de Oliveira fala sobre o momento conturbado e violento em que era produzido o jornal *Folha do Norte*.

*No Pará quase quebraram os dedos de Paulo Maranhão, por escrever contra o velho Lemos; picharam o Acrísio Mota, redator da Folha; mataram o Holanda Lima, por ser opositorista. Isso foi criando, em Belém, uma revolta. E a Folha passou a ser trincheira da oposição, e Paulo Maranhão o grande panfletário das liberdades*<sup>224</sup>.

---

<sup>221</sup> ABREU, Paulo Plínio. *Poesias*. Prefácio, notícias e notas de Francisco Paulo Mendes. Belém: UFPA, 1977.

<sup>222</sup> MENDES, Notas para uma conferência sobre a poesia contemporânea. op. cit.

<sup>223</sup> ALVES, Sérgio Afonso Gonçalves. *Fios da memória, jogo textual e ficcional de Haroldo Maranhão*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. [Tese de Doutorado].

<sup>224</sup> ROCQUE, Carlos. *Depoimentos para a História Política do Pará*. Belém: Mitograph, 1981.

Para Sérgio Afonso Gonçalves Alves<sup>225</sup> esse período marca definitivamente sua literatura, que recupera, numa linguagem que se aproxima do estilo jornalístico, as narrativas da cidade, tais como buliçosas anedotas, as histórias de fantasmas e assombrações que eram ouvidas, à porta de casa, nas noites sem televisão. A julgar por esse ângulo, pode-se dizer que a vida e o jornal representaram para o escritor paraense uma fonte, um manancial de onde o autor retira elementos para criar, mais tarde, a sua ficção. Alves autor ressalta que aos treze anos Haroldo Maranhão já possuía crônicas publicadas no jornal da escola onde estudava, *O Colegial*. O autor enfatiza também o gosto pelo debate, expresso em muitas crônicas provocativas, tais como *É preciso fazer polêmica*, que foi publicada no jornal *Folha do Norte* de 1945 e que mostrava que o atrito, a peleja, o duelo e a crepitação ideológica eram necessários. Sua obra era relacionada ao dia-a-dia da cidade, onde as pessoas comuns, os personagens históricos eram transformados em matéria de ficção. Os temas e os eventos dos quais o jovem jornalista se ocupava eram os mais diversos, como as paixões clubísticas, a chegada à cidade de alguma autoridade nacional, acontecimentos políticos e literários e outros assuntos para serem publicados na *Folha do Norte* e depois no suplemento *Arte-Literatura*, este último de caráter não apenas informativo, mas formativo, posto que foi importante para a consolidação da literatura moderna no Pará.

Pendendo para o lado de uma literatura mais engajada – de inspiração existencialista – e de uma poesia mais séria e comprometida com a existência da humanidade havia poetas paraenses que publicavam no suplemento. São os casos de Max Martins e Benedito Nunes, dois dos maiores nomes ainda vivos da geração do modernismo paraense dos anos 40.

Max Martins nasceu em 1926. Foi autodidata, mas fez estudos particulares nas áreas de literatura, poesia, artes e filosofia. Em 1948 colaborou na revista literária *Encontro*, dirigida por Mário Faustino e Haroldo Maranhão, e entre os anos de 1946 e 1951 ocorreu, no suplemento literário da *Folha do Norte*, a publicação de poemas que viriam a fazer parte de seu livro *O Estranho*. Este, seu primeiro livro de poesia, foi publicado em 1952, e conquistou

---

<sup>225</sup> ALVES, Sérgio Afonso Gonçalves. *Fios da memória, jogo textual e ficcional de Haroldo Maranhão*. Op. cit., p. 46. Cf., NUNES, Benedito. Haroldo Maranhão. *Revista Asas da Palavra*, Belém: Unama, v. 6, n. 13, jun. 2002. p. 11-12; MARANHÃO, Haroldo. A leitores e a possíveis leitores. *Revista Asas da Palavra*, Belém: Unama, v. 6, n. 13, jun. 2002. p. 7-9; CHAVES, Ernani. A matriz, o duplo, o protótipo: figuração do outro em Haroldo Maranhão. *Revista Asas da Palavra*, Belém: Unama, v. 6, n. 13, jun. 2002. p. 21-27.

o prêmio de poesia *Frederico Rhonsard*, concedido pela Academia Paraense de Letras, e o prêmio *Santa Helena Magno*, concedido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará<sup>226</sup>.

No período de 1962 a 1964 trabalhou como jornalista e secretário de redação do Jornal *Folha do Norte*. Em 1987 fez palestras e leitura de poemas nas universidades de Columbia, St. Louis e Rolla (EUA). Exerceu o cargo de diretor da fundação cultural Casa da Linguagem, entre 1990 e 1994. Recebeu, em 1993, o prêmio de poesia Olavo Bilac, concedido pela Academia Brasileira de Letras, pelo livro *Não para Consolar*. Sua obra poética, de tendências contemporâneas, inclui os livros *Anti-Retrato* (1960), *Caminho de Marahu* (1983) e *Para Ter Onde Ir* (1992), entre outros. A poesia deste artista da palavra foi marcada por dois fatos relevantes, posteriores à publicação de *O Estranho*: a convivência poética com Robert Stock e o advento do livro de Mário Faustino, *O Homem e Sua Hora*<sup>227</sup>.

Stock, *O Homem da Matinha*, era um grande poeta pobre que vivia no bairro da Matinha, num barraco de chão batido, coberto de palha, junto com sua mulher Henriette, sua filha Sharon e um macaco chamado Parfisal. Da parte de Stock ou Bob, Max herdou a lição ética da poesia, isto é, a moral como valor principal da arte como prática da vida, acima de qualquer ideal burguês de vencer na vida, contrária ao homem auto-suficiente e dominador. “A vitória do poeta seria fracasso aos olhos do mundo para o romântico *Homem ou Santo Homem da Matinha*”<sup>228</sup>.

O verso-livre ligado à metáfora moderna e a defesa da poesia como ofício intelectual sério, social e historicamente relacionado ao desenvolvimento da língua são contribuições da poética de Mário Faustino a Max Martins. Foi a partir desse momento que, segundo Benedito Nunes, a temática do amor carnal tornou-se coisa comum na poesia deste, até então ligada à idéia de arte exigente e ao mesmo tempo exercício de vida. “A carnalidade do mundo – o mundo feito carne como Verbo – eis a forma singular que toma desde os mais ousados poemas de *H’Era* a estreita relação entre sexualidade e linguagem”<sup>229</sup>. Passando pela época

---

<sup>226</sup> AZEVEDO, José Eustachio de. *Literatura paraense*. Belém: Fundação Cultural Tancredo Neves/ Secretaria de Estado da Cultura, 1990. (Lendo o Pará, 7).

<sup>227</sup> NUNES, Benedito. Prefácio: Max Martins: mestre aprendiz. op. cit., p. 22-23. Cf., TUPIASSU, Amarílis. *O Estranho* Max e as insubmissões da Academia dos Novos. *Revista Asas da Palavra*, Belém: Unama, v. 5, n. 11, jun. 2002. p. 13-17.

<sup>228</sup> *Ibidem*.

<sup>229</sup> *Ibid*, p. 33-34.

da geração de 45 e no melhor sentido da poesia de circunstância, Max Martins dialogou, nos anos 50, não apenas com a vanguarda estética, mas também com a política, presenteando a sociedade com um dos mais genuínos produtos do engajamento da palavra poética, que segundo Benedito Nunes, foi o poema *Ver-o-Peso*, amplamente difundido e também imitado. Nesse poema o poeta mostra aspectos de um dos mais reproduzidos cartões-postais do Pará, por onde passa tudo o que se cria e extrai dentro das matas da floresta amazônica. Para Amarílis Tupiassu o poema não mostra somente as dores, das ações e do apuro que se abate sobre os seres do Ver-o-peso; há claramente exposto no poema as “figurações das mazelas, as representações do espoliado e espoliador”<sup>230</sup>.

Max Martins foi o primeiro a abandonar a *Academia dos Novos* e se encontrar com a poesia modernista, tornando-se um dos nomes mais importantes dos *novos* paraenses. No Suplemento *Arte-Literatura* publicou um grande número de poesias que certamente contribuiu para que se tornar-se um dos grandes poetas brasileiros. Max Martins tardou a publicar no suplemento, pois somente no ano II do periódico, depois de passadas 20 edições foi que, em 23 de fevereiro de 1947, publicou o poema *Nesta noite eu sou Deus*, onde mostrava o desejo do poeta em ser Deus devido também ser puro. Outro poema publicado foi *Canto para a guerrilha Paraguaia*, e neste poema Max Martins explora o lado comprometido de sua poesia e diz, no poema, que há o fuzil da guerrilha e não mais os namorados e as noites de luar em Concepcion. Foram muitas as publicações no suplemento, as quais contribuíram para a formação da nova poesia local e para a história da literatura paraense, o que endossa ainda mais a representatividade do *Arte-Literatura* para a vida literária desses jovens ávidos por conhecimento literário e por mais respeito pela existência humana.

A literatura comprometida – *litterature engagée* –, segundo Otto Maria Carpeaux *apud* Maués<sup>231</sup> foi muito influenciada pelo marxismo, onde Sartre teria assumido a possibilidade de um marxismo existencialista, uma espécie de socialismo. Essa atitude engajada estava mesmo presente na vida de alguns desses jovens da nova geração paraense. Prova disso é a afinidade e depois a filiação de Benedito Nunes e Haroldo Maranhão ao Partido Socialista Brasileiro. Além disso, na década de 50, esses jovens assinaram o

---

<sup>230</sup> TUPIASSU, Amarílis. Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora. *Estudos Avançados*. v. 19, n. 53, 2005. p. 299-320. p. 306.

<sup>231</sup> MAUÉS. *A modernidade literária no Pará: o suplemento literário da Folha do Norte*. Op. cit. p. 58.

Manifesto Pró-Paz, idealizado por Stalin; em 1960, assinaram o Manifesto Pró-Cuba e, no ano seguinte, o Manifesto Pró-Jango<sup>232</sup>. Os fatos levam a perceber que o existencialismo engajado foi buscado e absorvido por alguns desses jovens atordoados pelas mazelas promovidas pelos acontecimentos da história recente, coisa que os levou a buscar um novo ângulo de ver a história e fazer literatura.

O existencialismo engajado e/ou banhado aparentemente em fontes marxistas foi discutido no suplemento. Érico Veríssimo e Álvaro Lins foram dois que escreveram sobre o assunto. Em *A Literatura brasileira há muito que rumou para a esquerda*<sup>233</sup>, Veríssimo coloca a literatura como a precursora dos grandes acontecimentos sociais e uma das grandes responsáveis pelo sucesso da marcha socialista. Afirma que esta é a tendência da nova literatura. Veríssimo não acha que um escritor deva fazer literatura para servir a algum partido, no entanto pode fazê-la se quiser. E corrobora: “o que me parece capital é que ele [o escritor] escreva sobre o mundo em que vive, o mundo que existe, um mundo de absurdos, injustiças, desigualdades e crueldades”<sup>234</sup>. Com isso, de acordo com Veríssimo, o romancista que fizer isso com penetração e veemência, terá realizado grande ajuda à causa humana.

Em *Literatura e Política*<sup>235</sup>, Álvaro Lins discute a relação entre literatura e arte na sociedade contemporânea. Defende que o papel dos intelectuais é preservar a dignidade do indivíduo estimulando-lhe a idéia de liberdade e do poder pessoal para que se recuse a uma consciência anuladora do senso crítico. Para Lins “a função da inteligência é libertadora, dialética, oposicionista e revolucionária”<sup>236</sup>. Certamente as idéias do socialismo científico, reforçado com a vitória da União Soviética na II guerra, influenciaram sobremaneira o pensamento da geração de 45.

A condição da existência humana na sociedade moderna estava intensamente imprimida na poética da geração modernista do após segunda guerra mundial. Ora com um existencialismo introspectivo, ora com um mais engajado, a geração de 45 exprimiu a

---

<sup>232</sup> NUNES, Benedito. *O amigo Chico*: fazedor de poetas. op. cit., p. 23.

<sup>233</sup> VERÍSSIMO, Érico. *A Literatura brasileira há muito que rumou para a esquerda*. *Folha do Norte*. Belém, 16 de março de 1947, n. 22, p. 2.

<sup>234</sup> *Ibid.* *Ibidem*.

<sup>235</sup> LINS, Álvaro. *Literatura e Política*. *Folha do Norte*. Belém, 14 de setembro de 1947. Suplemento *Arte-Literatura*, n. 43, p. 1.

<sup>236</sup> *Ibid.* *Ibidem*.

supressão, o desrespeito e a violação da vida cotidiana e da existência do indivíduo<sup>237</sup>. Esse tema foi comum neste contexto histórico da literatura nacional, sobretudo, como já foi dito, através da influência das obras de Sartre, Rilke, Heidegger, T.S. Eliot, Baudelaire, Whitman, Rimbaud, Mallarmé, Yeats e Erza Pound<sup>238</sup>.

---

<sup>237</sup> MORRIS, Robert. Words and Images in Modernism and Postmodernism. *Critical Inquiry*, v. 15, n. 2, 1989, p. 337-347. cf., BOGAN, Louise. Modernism in American Literature. *American Quarterly*, v. 2, n. 2, out. 1950, p. 99-111; JARDIM, Rachel. *Os Anos 40: a ficção e o real de uma época*. 5ª ed. Juiz de Fora, Rio de Janeiro: FUNALFA/ José Olympio, 2003.

<sup>238</sup> Cf., POLKINHORN, Harry. Beyond the Page: Brazilian Poetry since Modernism. *Poetics Today*, v. 19, n. 4, 1998, p. 581-595.

### CAPÍTULO III

#### 3. A literatura contemporânea dos anos 40 e o desencanto de um grupo.

Quando o historiador se propõe estudar a literatura produzida no período pós-segunda guerra mundial encontrará claramente entronizada no pensamento dessa geração uma forte presença do existencialismo, tanto na filosofia quanto na poesia<sup>239</sup>. Essa tendência aconteceu de forma muito intensa no Brasil, o que permitiu que escritores de regiões relativamente isoladas dialogassem com essa literatura internacionalista e atualizassem, dessa forma, a poética local. A literatura contemporânea a partir da segunda metade da década de 1940 seguiu um caminho antes dificilmente traçado, que foram os caminhos dos interiores, onde poetas tiveram contato com o que de mais novo havia na literatura mundial<sup>240</sup>. Nesse momento de redemocratização surgiram as revistas e os suplementos literários que viabilizaram tal expansão da produção literária, fazendo frente a tradicional predominância dos grandes centros culturais do país, sobretudo com o diálogo com a literatura estrangeira, em grande parte francesa<sup>241</sup>.

A literatura contemporânea passou a buscar o sentido da existência humana. Segundo Francisco P. Mendes, essa poesia “transmite a verdade oculta das coisas, o sentimento misterioso da vida e o significado secreto do universo”<sup>242</sup>. A poesia alcançou, na acepção de Amos N. Wilder<sup>243</sup>, uma forma mística, transcendental, influência do simbolismo de Baudelaire, Mallarmé, e da obra de existencialistas tais como Joyce, Yeats, Rilke e Sartre. Para Mendes, a poesia deve introduzir o ser ao seio do desconhecido, dar a possibilidade de

---

<sup>239</sup> GONDOS Jr., Victor. Army Historiography in the Second World War. *Military Affairs*, v. 7, n. 1, 1943. p. 60-68. Cf., ORREN, Karen; SKOWRONEK, Stephen. Regimes and Regime Building in American Government: a review of literature on the 1940s. *Political Science Quarterly*, v. 113, n. 4, 1998-1999. p. 689-702.

<sup>240</sup> Cf., CARPEAUX, Otto Maria. Tendências contemporâneas: um esboço. In: *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966. Nesse texto o autor procura mostrar que a tendência dominante da época era o irracionalismo, quando seriam irracionaisistas o fundo de todos os modernismos, de todos os primitivismos e do surrealismo, do realismo mágico, do existencialismo e do neo-realismo.

<sup>241</sup> BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI, Marcelo; ROLLAND, Denis (orgs.) *Intelectuais: sociedade e política*, Brasil-França. São Paulo: Cortez, 2003. Cf., ARANTES, Paulo Eduardo. *Um Departamento Francês de Ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

<sup>242</sup> MENDES, Francisco P. Notas para uma conferência sobre a poesia contemporânea. *Folha do Norte*. Belém, 01 de junho de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 28. p. 1.

<sup>243</sup> WILDER, Amo N. Mortality and Contemporary Literature. *The Harvard Theological Review*, v. 58, n. 1, 1965, p. 1-20.

“penetrar em tudo aquilo que a razão, incapaz, não pode apreender, e que nossos pobres sentidos estão impossibilitados de receber”<sup>244</sup>.

O simbolismo ganhou novo fôlego com essa geração de 45 e, junto com o existencialismo, foi de grande relevância na formação de uma literatura preocupada com os segredos da existência humana. A poesia deixou de valorizar os aspectos reais da sociedade – a nação, a região, a política, o homem cotidiano – e passou a mostrar o mundo das idéias e a buscar o significado oculto das coisas, tais como a vida, a morte, a poesia e o interior do ser<sup>245</sup>. Algumas considerações sobre tal movimento literário são pertinentes neste momento para que o mesmo não fique sem história, pairado no tempo, e para que se possa visualizar com mais propriedade a sua presença a partir dos anos de 1940.

A partir de 1890 o simbolismo se pôs no cenário literário como a tendência artística dominante, quando procurou substituir a realidade em poesia pela idéia, pelo espiritualismo<sup>246</sup>. O simbolismo começou na França com a publicação no suplemento literário de *Le Figaro*, em 18 de setembro de 1886, do manifesto *Le Symbolisme*, de Jean Moréas. Poeta francês nascido na Grécia, ele afirmava a transcendência do real e declarava que o simbolismo, em sua radical oposição ao realismo e ao naturalismo, era um movimento idealista e transcendente, contrário às descrições objetivas, à ciência positiva, ao intelectualismo e à rigidez formal parnasiana<sup>247</sup>.

Vários fatores contribuíram para o surgimento desse movimento, os mais importantes foram a crise ocorrida por conta da Revolução Industrial, que gerou um espírito de decadência, e a influência romântica que despertou o interesse deste<sup>248</sup>. O surgimento do simbolismo coincide com a crise social, existencial e cultural do fim do século XIX: o homem entra em conflito ao ver ruir as esperanças de um mundo melhor, o aumento da miséria lança por terra toda euforia provocada pelo progresso, o pessimismo toma conta desse homem do fim do século XIX que via no desenvolvimento um triunfo<sup>249</sup>. O movimento foi, com sua

---

<sup>244</sup> MENDES, op. cit., p. 2.

<sup>245</sup> MARTINS, Wilson. Retorno às fontes da poesia. *Folha do Norte*. Belém, 13 de abril de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 25, p. 4.

<sup>246</sup> FOWLIE, Wallace. Legacy of Symbolism. *Yale French Studies*, n. 9, Symbol and Symbolism, 1952, p.20-26.

<sup>247</sup> HUGHSDON, P. J. Phenomenal Symbolism in Art. *Mind, New Series*, v. 29, n. 114, Apr., 1920, p. 186-206.

<sup>248</sup> FRYE, Northrop. Three Meanings of Symbolism. *Yale French Studies*, n. 9, Symbol and Symbolism, 1952, p.11-19.

<sup>249</sup> Cf., SCHINZ, Albert. Literary Symbolism in France. *Modern Language of American*, v. 18, n. 2, 1903, p. 273-307.

abordagem irracionalista e espiritualista, uma clara reação ao impressionismo racionalista e materialista, ao realismo, ao naturalismo, ao positivismo e ao parnasianismo. Isto por que, explica Arnold Hauser, no simbolismo, diferentemente do impressionismo, toda realidade empírica é somente uma imagem do mundo de idéias<sup>250</sup>. O simbolismo representou o final de um processo que teve início com o romantismo, com a metáfora como célula da poesia, o que resultou na riqueza das imagens impressionistas; no entanto, por outro lado, repudiou não só a visão materialista do impressionismo, como também o formalismo e o racionalismo do parnasianismo, e o convencionalismo e o emocionalismo do romantismo e de sua linguagem metafórica. Em certo sentido, afirma Hauser, o simbolismo pode ser considerado uma reação a toda poesia anterior, uma poesia nova, nascida do espírito irracional, oposto de toda interpretação lógica. A poesia simbolista é a expressão que a linguagem cria entre o concreto e o abstrato, o material e o ideal, e entre as diversas esferas dos sentidos, formando os símbolos e os significados<sup>251</sup>.

O poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867) em 1857 publicou *As flores do mal*, obra bastante polêmica que mexeu com tabus da época<sup>252</sup>. Nessa obra, o poeta tenta criar um novo tipo de poesia, onde se encontram o tédio trazido pelos tempos modernos, a solidão existencial do homem, e os amores fracassados, além das coisas mórbidas e repugnantes<sup>253</sup>. O soneto *Correspondances* é geralmente tomado como ponto de partida para o estabelecimento dos cânones formais e de conteúdo do simbolismo<sup>254</sup>. Nele estariam esboçadas as diretrizes fundamentais do movimento. De acordo com L. Piaget Shanks, em seu artigo *Baudelaire and the Arts*<sup>255</sup>, o título do soneto teria sido influenciado pela obra de Emanuel Swedenborg<sup>256</sup>, que usava a palavra para denotar o simbolismo de verdade espiritual e celestial nas coisas da natureza. Com base nas teorias de Edgar Allan Poe sobre a criação poética, Baudelaire entendeu o poeta como intérprete de uma simbologia universal que manifesta uma idéia por meio de cada objeto do mundo sensível.

<sup>250</sup> HAUSER, Arnold. *História Social da arte e da literatura*. op. cit., p. 923.

<sup>251</sup> Ibidem.

<sup>252</sup> SCHMIDT, Augusto Frederico. Baudelaire segundo Sartre. *Folha do Norte*. Belém, 05 de outubro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n 45, p. 3. Cf., BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

<sup>253</sup> MARTINS, Wilson. Retorno às fontes da poesia. op. cit., p. 4.

<sup>254</sup> Sobre o soneto *Correspondances*, ver: BOON, Jean-Pierre. Baudelaire, *Correspondances et le magnetisme animal*. *Modern Language of American*, v. 86, n. 3, 1971, p. 406-410.

<sup>255</sup> SHANKS, L. Piaget. Baudelaire and the Arts. *Modern Language Notes*, v. 41, n. 7, 1926, p. 439-443. p. 442.

<sup>256</sup> O sueco Swedenborg (1688-1772) foi filósofo, cientista, teólogo, inventor e literato. Sua obra influenciou nomes tais como os de como Carlyle, Ralph Waldo Emerson, Baudelaire, Balzac, William Blake, Helen Keller e Jorge Luis Borges.

Baudelaire criou a poesia da cidade, com massas anônimas, prazeres proibidos e miséria. Entre seus temas estão a beleza, a mulher, a boemia, a embriaguez, a morte e o tédio. Aliás, sua vida foi muito desregrada, fato que para Anita Brookner<sup>257</sup> não é característica de maus poetas. A autora afirma que o intelectual ideal da arte é aquele vagabundo e ocioso, que não se importa com os fatores tradicionais indispensáveis ao escritor da fina arte – uma educação artística liberal, um profundo amor pelo passado e o conhecimento sobre os monumentos da Europa – requisitos seriamente deficientes em Baudelaire, para quem o passado era irrelevante e o futuro ameaçado<sup>258</sup>.

O poeta francês também criou uma linguagem moderna no romantismo, concedendo à realidade uma submissão lírica. Assim, sua poesia ficou marcada pela contradição; de um lado via-se um herdeiro do romantismo obscuro de Allan Poe e Gerard de Neval, e de outro, o poeta que se opôs ao sentimentalismo redundante do romantismo francês<sup>259</sup>. Em sua poesia introspectiva ele se revelou como um lutador a procura de Deus, sem crenças religiosas, procurando em cada manifestação da vida os elementos da verdade, de uma folha de uma árvore ou até mesmo no franzir das sobrancelhas de uma prostituta<sup>260</sup>. De sua obra derivaram os procedimentos anticonvencionais de Rimbaud e Lautréamont, a musicalidade de Verlaine, o intelectualismo de Mallarmé, a ironia coloquial de Corbière e Laforgue<sup>261</sup>. Para Edmund Gosse Baudelaire atualizou a substância da literatura francesa e deu mais vida a esta, além de influenciar a literatura mundial a partir da segunda metade do século XIX<sup>262</sup>.

Stéphane Mallarmé (1842-1898) destacou-se por uma poesia que se mostrava ao mesmo tempo lúcida e obscura, e foi por isso considerado um poeta de difícil compreensão<sup>263</sup>. A sua geração não descobriu os símbolos, apenas os diferenciou das alegorias e tornou, segundo Hauser, o simbolismo o objetivo de seus esforços. Essa geração reconheceu que a

<sup>257</sup> BROOKNER, Anita. Art Historians and Art Critics - VII: Charles Baudelaire. *The Burlington Magazine*, v. 106, n. 735, French Nineteenth-Century Painting and Sculpture, 1964, p. 269-279. p. 269.

<sup>258</sup> Cf., ANGLES, Auguste; MESSNER, Charles. Sartre versus Baudelaire. *Yale French Studies*, n. 2, Modern Poets: Surrealists, Baudelaire, Perse, Laforgue, 1948, p. 119-124.

<sup>259</sup> OSBORN, Catherine B. Mystic Fusion: Baudelaire and le sentiment du beau. *Modern Language of American*, v. 88, n. 5, Oct., 1973, p. 1127-1136.

<sup>260</sup> Cf., LIONNET, Françoise. Reframing Baudelaire: Literary History, Biography, Postcolonial Theory, and Vernacular Languages. *Diacritics*, v. 28, n. 3, Doing French Studies, Autumn, 1998, p. 63-85.

<sup>261</sup> COUTINHO, op. cit., p. 215.

<sup>262</sup> GOSSE, Edmund. Baudelaire. *The Burlington Magazine for Connoisseurs*, v. 31, n. 175, 1917, p. 131-134. p. 134.

<sup>263</sup> BALENSI, Jean. No tempo do simbolismo. *Folha do Norte*. Belém, 7 de setembro de 1946. Suplemento Arte-Literatura, n. 11, p. 4.

alegoria era somente a expressão de uma idéia abstrata em forma de uma imagem concreta, por meio da qual a idéia continua independente de sua expressão metafórica, enquanto que o símbolo converge a idéia e a imagem numa unidade indivisível, de modo que a transformação da imagem implica na transformação da idéia<sup>264</sup>. Para o autor, o símbolo não pode ser convertido para qualquer forma embora este possua a propriedade de ser interpretado de várias maneiras. Essa diversidade de interpretações e a inesgotabilidade dos significados dos símbolos constitui a peculiaridade marcante da poesia simbolista, que, ao contrário da alegoria, não pode ser solucionada, somente interpretada. A poesia simbolista deve expressar algo que não pode ser moldado numa forma definida nem interpretado por um caminho direto, onde o poeta deve deixar-se levar pela linguagem, pelas imagens e pelas visões e, dessa forma, superar o homem natural que existe em si e compreender o significado oculto das coisas<sup>265</sup>.

Mallarmé era intensamente preocupado com o intelectualismo e completamente desprendido da realidade, quase não tendo relação com o mundo fora da literatura. Viveu com fidelidade o exemplo de Flaubert: *Tout au monde existe pour aboutir à un livre* [Tudo no mundo existe para resultar num livro]. Ele desejava re-criar os seres e as coisas em termos de escrita e descrição. Sua idéia de poesia deveria consumi-los, seu sonho era de que a única função possível e o único fim das coisas era servir à poesia. Por que para ele o mundo é feito para caber num livro. No entanto passou a vida inteira escrevendo, reescrevendo e corrigindo alguns sonetos, poemas curtos e outros poucos mais extensos, e dificilmente pode se dizer que resultou num livro<sup>266</sup>. Mallarmé exigia que todo poeta renunciasse a expressão de emoções e paixões na poesia, bem como o uso de razões que fugiam ao meio estético, prático e racional<sup>267</sup>. Era a busca pela *poésie pure*, onde o leitor não precisaria conhecer o poema todo para acontecer uma experiência poética, pois a compreensão de um ou dois versos ou até mesmo de alguns fragmentos verbais já seria o necessário para produzir o estado de espírito poético<sup>268</sup>.

---

<sup>264</sup> HAUSER, op. cit., p. 924.

<sup>265</sup> Ibidem.

<sup>266</sup> BLANC, Dina. Mallarmé on the press and literature: "Étalages" and "Le Livre, instrument spirituel". *The French Review*, v. 71, n. 3, 1998, p. 414-424.

<sup>267</sup> HAUSER, op. cit., p. 927.

<sup>268</sup> WALKER, Steven F. Mallarme's Symbolist Eclogue: The "Faune" as Pastoral. *Modern Language of American*, v. 93, n. 1, Jan., 1978, p. 106-117.

Surgido num mundo dominado pelo positivismo, mecanicismo e pelo naturalismo, um mundo levado a cabo pelo ideal realista da objetividade, o simbolismo se desenvolveu como uma reação contra a ordem científica. Para Coutinho, a obra do simbolismo “foi da maior importância, tendo reformado a poesia desde então, quiçá toda a literatura”<sup>269</sup>.

Entre as últimas décadas do século XIX e princípios do século XX, os simbolistas conviveram num período em que o Brasil procurava conquistar sua maturidade mental e sua autonomia. Mesmo depois da independência, em 1822, a metrópole ainda continuava a exercer a sua ação colonialista. O comércio, as transações bancárias, a imprensa estavam sob o influxo da metrópole. A primeira tentativa de autonomia deu-se com a Regência (1830-1841), mas só foi com a Proclamação da República que o Brasil separou-se definitivamente de Portugal. Esse fato levou os homens de letras do século XIX a explorar o tema do nacionalismo e buscar símbolos que traduzissem a vida social do país<sup>270</sup>.

No Brasil o movimento simbolista teve que enfrentar a hostilidade criada pela literatura realista e positivista dominante desde 1870. Teve que enfrentar o prestígio do parnasianismo, que não deixou margem para que o simbolismo alcançasse o seu valor e expressão, ou como afirmou Oto Maria Carpeaux *apud* Coutinho: “o simbolismo, apesar de ter produzido um Cruz e Sousa e um Alphonsus de Guimarães, foi estrangulado”<sup>271</sup>. Os adeptos da nova estética tornaram-se alvo de zombarias, quando não de desprezo. A maioria dos críticos não os compreendeu e o público leitor mostrou-se indiferente ou hostil frente aquela poética aristocrática, complicada, pretensiosa. Somente depois do triunfo modernista, alguns desses poetas seriam revalorizados.

O simbolismo adentrou no Brasil vindo direto da França, através de Medeiros e Albuquerque, que desde 1887 recebia livros dos decadentistas franceses. Em 1891, no Rio de Janeiro, foi publicado na *Folha Popular* o primeiro manifesto renovador que reunia os principais intelectuais da nova poesia, tais como B. Lopes, Oscar Rosas, Cruz e Sousa e Emiliano Perneta. Outro grupo foi o do Ceará, onde jovens, em 1892, fundaram uma sociedade literária chamada *Padaria Espiritual*, na qual expressavam as excentricidades da

---

<sup>269</sup> COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura brasileira*. op. cit., p.219.

<sup>270</sup> CAROLLO, Cassiana Lacerda (org.). *Decadismo e Simbolismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.

<sup>271</sup> COUTINHO, op. cit.

nova arte, tais como o hierarquismo gramatical, o gosto pela mitologia, pela metafísica, pelo ocultismo e pelo invisível<sup>272</sup>.

O movimento ganhou expressão noutras gerações, tal como ocorreu com a geração de 45, quando a poesia voltou a expressar os segredos ocultos do ser. A partir da II Guerra Mundial, o modernismo assistiu a um apuramento formal muito preciso, a um esforço de recuperação disciplinar, contenção emocional e restaurando a dignidade e severidade da linguagem e dos temas. A poesia novamente se caracterizou pela redução da expressão a signos concretos<sup>273</sup>.

A poesia que, segundo o mestre Francisco Paulo Mendes, desprende o homem do mundo físico e da realidade para lhe oferecer uma realidade mais superior e autêntica esteve muito presente predominante nas letras do círculo de amigadas que fundou o Suplemento Literário *Arte-Literatura*. Essa geração que se formou em Belém na década de 1940 cultivou, após um breve momento parnasiano, uma poesia que buscava mais do que os estados de consciência do homem. Uma poesia que extensiva e intensivamente explorava as zonas fora do campo da consciência e que captava as mais variadas formas de vida do 'eu'. Recorrendo novamente a Mendes pode-se apreender que essa poesia era carregada de "correntes ilógicas de pensamentos, idéias absurdas, desejos obscuros, sentimentos aberrantes, os sonhos e os devaneios, toda uma confusa, mas fervilhante vida subterrânea do nosso ser"<sup>274</sup>.

Tão forte quanto a influência do simbolismo na geração de 45 foi o diálogo com a filosofia existencialista. Dentre alguns intelectuais existencialistas podem-se destacar dois: Rainer Maria Rilke e Jean-Paul Sartre. Ambos tiveram suas idéias amplamente reproduzidas em diversos países e por muitos intelectuais. O existencialismo espalhou-se pelo mundo, não numa relação unilateral. E no caso da geração de 45 não se pode entender essa presença do existencialismo somente por um lado, pelo sentido Europa-América. Deve ser entendida também pelo lado da busca pela atualização da literatura que os *novos* travaram através da criação de revistas e suplementos em diversas regiões do país. Prova disso, para efeito de exemplo, foi a intensa publicação de artigos e poemas de intelectuais e poetas de outras regiões do país e de traduções de diversos intelectuais estrangeiros, sobretudo os

---

<sup>272</sup> Cf., MURICY, Andrade (org.). *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

<sup>273</sup> MOISÉS, Massaud. *O Simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 1973.

<sup>274</sup> MENDES, Francisco P. Notas para uma conferência sobre a poesia contemporânea. op. cit., p. 2.

existencialistas, no Suplemento *Arte-Literatura*. A poesia dos novos modernistas paraenses, a partir de 1946, estava já em diálogo com o que havia de mais moderno no mundo da literatura, e a tendência mais em voga era o existencialismo<sup>275</sup>.

Diversas poesias e artigos de crítica literária de vários autores existencialistas foram traduzidos e publicados no *Arte-Literatura*. Podem-se citar alguns, tais como o *Poema III*, de Rainer Maria Rilke, traduzido por Paulo Plínio Abreu e publicado em maio de 1946; *Torso Arcaico de Apolo*, também de Rilke, soneto traduzido por Manuel Bandeira e publicado em novembro de 1946; poema sem título, de Walt Whitman, traduzido por Ruy Barata e publicado em fevereiro de 1947; *A arte literária de Jean-Paul Sartre*, texto de teoria literária de Labin Suzanne, publicado em abril de 1947; *Rilke e a poesia lírica*, artigo de crítica escrito por Euryalo Cannabrava, publicado na mesma data; *Retorno às fontes da poesia*, artigo de Wilson Martins, que destaca o simbolismo de Valéry, Baudelaire e Mallarmé; *Poema*, de Rilke, traduzido por Paulo Plínio Abreu e publicado também na mesma data; *O escritor e a nossa época*, de Albert Camus, publicado em 1949; *Considerações sobre A Peste*, de Benedito Nunes, publicado em janeiro de 1951. Esses são alguns exemplos do diálogo entre o grupo paraense e a filosofia existencialista e a poesia simbolista.

No período pós-guerra o existencialismo se destacou com os escritos do francês Jean-Paul Sartre (1905-1980)<sup>276</sup>. Em 1944, quando a França consegue se libertar da ocupação nazista, em Paris explode o pensamento existencialista que depois se propaga para o mundo inteiro. Sartre foi a figura central do existencialismo<sup>277</sup>. Ele denunciou as várias formas de injustiça e opressão e as torturas ocasionadas pelos regimes totalitários no sentido de restaurar a liberdade e a dignidade dos oprimidos<sup>278</sup>. O ponto de partida do existencialismo sartriano é a subjetividade, o *cogito* cartesiano que apreende a verdade absoluta da consciência na intuição de si mesma. Na subjetividade existencial, porém, o homem não atinge apenas a si mesmo, mas também os outros homens, como condição de sua existência. Para Stuart M. Brown Jr.,

<sup>275</sup> Alguns artigos foram publicados no Suplemento *Arte-Literatura*: *Jean-Paul Sartre e a literatura interessada*, de Paul Arbousse Bastide; “*As moscas*”, de Otto Maria Carpeaux; *O teatro cômico de Gabriel Marcel*, de Roger Bastide; *O estranho Sartre*, de Lucia Miguel Pereira; *Crítica ao existencialismo*, de Daniel Rops; *O poeta e a rosa*, de Francisco Paulo Mendes; *Julien Benda e o existencialismo*, de João Gaspar Simões; *Maritain e o existencialismo*, de Jorge de Lima; *As idéias do existencialismo*, de Benedito Nunes; e outros.

<sup>276</sup> GUICHARNAUD, Jacques; NEILSON, Kevin. *Those Years: Existentialism 1943-1945*. *Yale French Studies*, n. 96, 50 Years of Yale French Studies: A Commemorative.

<sup>277</sup> ARTINIAN, Robert W. *Sartre's Nineteenth Century: A Critique of His Criticism*. *South Atlantic Bulletin*, v. 37, n. 1, Jan. 1972. p. 39-45. p. 41.

<sup>278</sup> LEAVITT, Walter. *Sartre's Theatre*. *Yale French Studies*, n. 1, Existentialism, 1948, p. 102-105. p.103.

dentro do movimento existencialista como um todo, a peculiaridade da obra de Sartre recai em seu ateísmo confesso<sup>279</sup>.

De 1945 a 1960, Sartre viveu o seu período de apogeu, pois, na primeira metade dos anos 40 ele pouco produziu em comparação com os anos posteriores. Em 1943, como filósofo, escreveu *O Ser e o Nada*; como romancista ele trabalhou nos dois tomos dos *Chemins de la liberte* (Caminhos da Liberdade), que foram publicados em 1945; como dramaturgo escreveu *Les Mouches* (As Moscas), em 1943; e *Huis Clos* (Entre quatro paredes), em 1944. Já nos anos pós-1945 até 1963, Sartre aumenta grandemente sua produção, a saber: *Huis-clos* (Entre quatro paredes) (1945), *Les Chemins de la liberte* (A Idade da Razão) (1945), *Sursis* (1947) e *Com a morte na Alma* (1949)). *L'existencialisme est un humanisme* (O Existencialismo é um humanismo) (1946); a revista *Les Temps modernes* (1945), *Situations I-III* (1947-49), *Morts sans sépulture* (Mortos sem sepultura) (1946), *La Putain respectueuse* (A prostituta respeitosa) (1946), *Réflexions sur la question juive* (Reflexões sobre a questão judaica) (1946), *Baudelaire* (1947), *Orphée noir* (Orfeu Negro) (1948), *Les jeux sont faits* (Os dados estão lançados) (1947), *Les Mains sales* (As mãos sujas) (1948), *L'Engrenage* (A engrenagem) (1948), *Entretiens sur la politique* (Conversas sobre a política) (1949), *Lé Diable et le Bom Dieu* (O Diabo e o bom Deus) (1951), *Saint Genet comédien et martyr* (Saint Genet, ator e mártir) (1952), *L'Affaire Henri Martin* (O caso de Henri Martin) (1953), *Kean* (1954), *Nekrassov* (1955), *Les Séquestrés d'Altona* (Os seqüestrados de Altona) (1959), *Critique de la raison dialectique* (Crítica da Razão Dialética) (1960), *Les Mots* (As Palavras) (1964) e outros<sup>280</sup>.

Neste ínterim as obras de Sartre eram quase que como leituras obrigatórias, apesar de algumas manifestações contra sua filosofia nos países orientais. Alguns nomes reforçam tamanha abrangência: nomes como o de Jorge Amado, no Brasil; na Argentina, Ernesto Sábato; no Peru, Mario Vargas Llosa. Nos Estados Unidos, Arthur Miller, Susan Sontag e Edward Said; no Japão, Kenzaburo Oé; na Inglaterra, George Steiner e Salman Rushdie; em Israel, Amos Elon e David Grossman; na Polônia, Adam Michnik; na Alemanha, Hans

<sup>279</sup> BROWN Jr., Stuart M. The Atheistic Existentialism of Jean-Paul Sartre. *The Philosophical Review*, v. 57, n. 2. 1948, p. 158-166. p.158. Cf., DIECKMANN, Herbert. French Existentialism Before Sartre. *Yale French Studies*, n. 1, Existentialism, 1948. p. 33-41.

<sup>280</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Sartre: os Pensadores*. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Magnus Ensenzberger, Jurgen Habermas; na Suécia, Jan Myrdal; na Itália, Umberto Eco e Alberto Moravia<sup>281</sup>.

Dentre os temas mais debatidos e reproduzidos da obra sartriana está a noção de engajamento, que significa a necessidade de um determinado pensador estar voltado para a análise da situação concreta em que vive, tornando-se solidário aos acontecimentos sociais e políticos de seu tempo<sup>282</sup>. Pelo engajamento, a liberdade deixa de ser apenas imaginária e passa a estar situada e comprometida na ação. Adorno afirma que, para Sartre, “o sentimento conceitual da criação poética permanece o pressuposto do engajamento”. Os humanos existem e atribuem à sua *existere* um significado, ou seja, se constroem livremente já que não há um modelo para o homem, logo, ele será o que projetar e seus atos o fizerem ser<sup>283</sup>. Para Sartre o destino do homem depende dele mesmo. Isso por que a liberdade que o homem possui o permite construir seus próprios valores e, portanto, o torna totalmente responsável pelos seus atos. Sartre rejeita enfaticamente a idéia de causas inconscientes dos fatos psíquicos; para ele tudo que está na mente é consciente. Rompeu com a psicanálise por esta retirar a responsabilidade do indivíduo ao invocar a ação de uma força subconsciente e estados mentais inconscientes, que, para Sartre, não existem.

Para Yirmiahu Yovel, Sartre recusa a concepção tradicional, segundo a qual o ser humano possuiria uma essência dada a *priori*. Isto implicaria na aceitação de que o ser humano, primeiramente, surgiria na sua radical espontaneidade e depois se definiria. O primado da existência significa precisamente o ato de projetar-se, de lançar-se a frente de si mesmo, de fazer-se e de assumir-se no mundo<sup>284</sup>.

A liberdade humana é tema corrente nas obras de Sartre. Pode-se ver isso ao se ler *A Idade da Razão*, onde o leitor se depara com as angústias de um intelectual francês para conseguir dinheiro para realizar o aborto de sua amante imediatamente antes do início da segunda guerra mundial. O romance mostra as atitudes dos personagens frente ao drama do tal intelectual (Mathieu) e das conseqüências que poderiam advir lhes caso o ajudassem, pois o aborto era crime na época. Durante o desenrolar dos fatos o romance vai mostrando os

---

<sup>281</sup> COHEN-SOLAL, Annie. *Jean-Paul Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 2005. p. 29-31.

<sup>282</sup> NEWMAN, Fred. The origins of Sartre's existentialism. *Ethics*, v. 6, n. 3, 1966, p. 178-191. p. 179.

<sup>283</sup> ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973. p. 53.

<sup>284</sup> YOVEL, Yirmiahu. Existentialism and Historical Dialectic. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 39, n. 4, Jun. 1979. p. 480-497. p.491.

problemas sociais e políticos por quais passava a sociedade francesa no final dos anos de 1930. O homem, assim como a humanidade, é responsável pelos seus atos. Quando os indivíduos percebem a sua responsabilidade e não a assumem, sentem um mal-estar, constituído exatamente por essa sensação de vazio e de indiferença perante a vida. A liberdade não elimina a responsabilidade, pelo contrário, é ela que a gera. Juntamente com a angústia vem o sentimento de responsabilidade. Para Sartre, a idéia de liberdade está ligada exatamente à situação que se impõe aos homens<sup>285</sup>.

Sua preocupação é de que o homem, diante de suas escolhas, assuma a responsabilidade de uma opção. Essa responsabilidade é que gera a angústia, pois cada indivíduo está pronto a escolher tanto a si como a humanidade e não escapa a essa situação. O princípio de Sartre é a não existência de Deus, onde o homem não teria ao que se apegar, sendo, portanto, livres e responsáveis por seus atos<sup>286</sup>.

A obra de Sartre é prolífica e proteiforme. De acordo com Cohen-solal ela não se reserva aos poemas e ensaios filosóficos, mas abarca todos os domínios da escrita (romance, novela, filosofia, teatro, cinema, biografia, autobiografia, ensaio crítico, reportagem jornalística e outros)<sup>287</sup>. Este fato torna ainda mais complicado o estudo do pensamento sartriano, visto que há uma interdependência entre os gêneros e a tomada de um em separado implicaria na perda de algumas particularidades. Na ótica de Cohen-Solal, para compreender o *empreendimento sartriano* é necessário ligar sua obra à sua experiência vivida, ou seja, aos seus comportamentos pessoais<sup>288</sup>. Isso leva a pensar conjuntamente a obra e a vida deste pensador, ambos com essência engajada. Tanto pelo peso de seus escritos como pela vida exemplar – paradigma de participação e coragem diante das lutas pelas causas de dignidade humana –, tornou-se um dos maiores intelectuais do século XX.

Quais as razões do fascínio intelectual exercido por Sartre sobre a Geração de 45? Para responder a esta questão pode recorrer acertadamente a uma entrevista de Benedito Nunes. Para o filósofo paraense, que é um dos novos modernistas ainda vivos, há três razões para tanto fascínio: a primeira recai na fisionomia singular da obra de Sartre, seu estreito

---

<sup>285</sup> SARTRE, Jean-Paul. *A Idade da Razão: os caminhos da liberdade I*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

<sup>286</sup> BROWN Jr., Stuart M. *The Atheistic Existentialism of Jean-Paul Sartre*, op. cit., p. 159.

<sup>287</sup> COHEN-SOLAL, op. cit. p. 18.

<sup>288</sup> *Ibid*, p. 19.

vínculo entre literatura e filosofia que iniciou quando ainda era criança e o fez cair no império das palavras e aprender a ver o mundo através da linguagem. Esse foi o vínculo mais íntimo de sua personalidade de escritor. Ainda menino, aos sete anos de idade já recopiava e imitava as aventuras de Júlio Verne, adotando desde cedo uma pose de diligente e vergado todos os dias sobre a mesa de trabalho. Aos 19 anos, depois de ler *Os dados imediatos da consciência*, de Henri Pergson, compreendeu que a filosofia servia à verdade e decidiu servi-la<sup>289</sup>.

O esboço da filosofia de Sartre, segundo Nunes, delineou-se em um romance, *A náusea* (*La nausée*), origem de sua fama, iniciado em 1931 e concluído em 1937, e que narra as “aventuras extraordinárias de Antoine Roquentin”, em Bouville, pequena cidade francesa de província. Concentrado na descrição da vida interior do personagem, um historiador de profissão ali se hospeda com o objetivo de escrever a biografia de certo marquês. O romance, moderno pela feição episódica da narrativa, desenvolve-se como um só monólogo, por meio de anotações de diário que registram o progresso de uma subjetividade em crise. Invadido pelo vulto extraordinário, obsessivo, que as coisas e as pessoas assumem aos olhos de Roquentin, circundadas por um ar de estranheza, a vida interior do personagem se desarticula, perdendo seu centro. É uma experiência avassaladora que culmina diante de um pé de castanheira do jardim público de Bouville. Antoine Roquentin olha a raiz da árvore e vê uma “massa negra e nodosa” que o ameaça, dentro de um jardim inóspito, viveiro de coisas inclassificáveis e inexplicáveis, que não se ajustam aos nomes que lhes são dados; que estão despidas do aspecto familiar com que os hábitos do ser as revestiram, cada qual se instala como realidade excessiva, bruta, nauseante, que engolfa a consciência. Mas daí surge a súbita iluminação reveladora da *existência*, gratuita e injustificável:

*Este momento foi extraordinário. Eu estava ali, imóvel e gelado, mergulhado num êxtase horrível. Mas no seio mesmo desse êxtase alguma coisa nova acabava de aparecer; eu compreendia a náusea, eu a possuía. Para dizer a verdade, não formulava minhas descobertas. Mas creio que agora me será fácil colocá-las em palavras. O essencial é a contingência. Quero dizer que por definição a existência não é necessária. Existir é estar-aí, simplesmente; os existentes aparecem, encontram-se, mas jamais podemos deduzi-los*<sup>290</sup>.

<sup>289</sup> NUNES, Benedito. *O mito Jean-Paul Sartre (necrológio)*. Disponível em: <[www.trilhasdacultura.com.br/n1/sartre.htm](http://www.trilhasdacultura.com.br/n1/sartre.htm)>. Acesso em 23 de junho de 2006. [Entrevista].

<sup>290</sup> SARTRE, Jean-Paul. *A náusea*. 4ª ed. Trad. de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.42.

A *Náusea* constitui-se numa primeira tentativa de exposição das idéias do autor em relação à contingência. Da pretensão de ser um tratado metafísico, Sartre acaba redigindo-o em forma de diário. Roquentin é o protagonista, que anota com precisão suas impressões sobre o dia-a-dia na pequena cidade de Bouville. Ironicamente Bouville significa “cidade da lama”, isto é, uma cidade onde se vive envolvido na lama, na sujeira, ou seja, enquanto o desconhecido sente-se perdido na noite escura, Roquentin parece estar atolado na lama dessa cidadezinha. Ele também é um estrangeiro nessa terra, está ali com o propósito de escrever a biografia de um personagem ilustre do local. Desiste quando percebe que, já que esse personagem ilustre está morto, não valer mais a pena escrever sobre ele. Ao se dar conta disso, percebe a gratuidade da vida, ou seja, Roquentin compreende que não existe sentido para a existência humana, de nada vale viver para depois morrer. É quando lhe ocorre a “náusea”, sentimento provocado quando os indivíduos se dão conta da falta de sentido para a vida. Por meio da narrativa literária, Roquentin busca o sentido para a vida, estabelecendo no seu diário metafísico, a problemática da sua existência<sup>291</sup>.

A *Náusea* é um tratado de filosofia disfarçado de romance. Apresenta os princípios do existencialismo de Sartre, tornando-os evidentes por meio do texto literário. Destacado atualmente como um clássico da literatura francesa, pode ser considerado o melhor livro daquele que está entre os maiores escritores do século XX. Recebeu muitas críticas, porque é um romance, sem o ser. É filosofia camuflando-se nas intermináveis indagações de Antonie Roquentin. É um expediente, um veículo de comunicação de um sistema de idéias: as idéias existencialistas<sup>292</sup>.

Para Benedito Nunes, essa intuição da existência antecipa a filosofia de Sartre, baseada no método fenomenológico, assentado por Edmund Husserl: a descrição dos estados de consciência como atos vividos, com fundamento no caráter excêntrico da subjetividade, aproveitada nos registros psicológicos da crise de Roquentin. Enquanto escrevia *A náusea*, o romancista travou contato com a Fenomenologia, que lhe inspirou a idéia. Foi então que se aproximou do livro de Heidegger, *Ser e tempo (Sein und Zeit)*, publicado em 1927, no qual esse discípulo de Husserl aplica o método fenomenológico à

---

<sup>291</sup> Ibid, p. 43-44.

<sup>292</sup> Cf., MOUTINHO, L. D. *Sartre: Psicologia e Fenomenologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995; do mesmo autor, ver: *Sartre: existência e liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.

análise da existência humana, para esclarecer o problema do ser em geral, tomado do antigo ramo da Metafísica denominado Ontologia<sup>293</sup>.

A segunda razão refere-se ao engajamento da filosofia sartriana; ao existencialismo como Humanismo e à liberdade do ser. Havia um horizonte ético na sua escrita e havia uma atividade participante do escritor. Do engajamento dependia o destino dos homens, por isso enfatizá-lo em suas obras. Sartre era comprometido mesmo com as causas sociais. Defendendo a paz durante a revolução cubana, na década de 1960, protestando contra a invasão da Hungria e da Tchecoslováquia por tropas russas, reprovando os crimes de guerra no Vietnã ou a tortura na Argélia, Sartre punha em prática o seu humanismo militante. A obra literária e filosófica de Sartre se distingue por esse mesmo respeito à verdade humana. é, antes de tudo, uma filosofia humanista, como quer o próprio filósofo, porque pretende, antes de tudo, levar em consideração o homem e a consciência de sua existência. Para Jennifer Hornsby, Sartre foi um teórico da ação<sup>294</sup>.

E a última razão destacada está no papel de Sartre como escritor, pois, para Benedito Nunes, poucos homens de nossa época terão vivido de maneira tão intensa e dramática o papel do escritor. Poucos, pois, terão essa honestidade do humanista militante que tanto lutou pela liberdade. “E duvido que algum outro filósofo deste século tenha feito um jogo intelectual mais limpo do que ele”<sup>295</sup>, afirma Nunes.

A presença da poesia de Rainer Maria Rilke no suplemento *Arte-Literatura* por intermédio das traduções de poemas e de artigos de crítica, e o diálogo com os rapazes da *Turma do Central* geraram um fundo afetivo e irracional do lirismo, que é uma característica marcante na poesia lírica de Rilke. Um lirismo que também pode sair dos quadros artísticos ou puramente estéticos e adquirir um sentido social, influenciando até mesmo sobre os movimentos políticos. Para Euryalo Cannabrava o lirismo de Rilke não permanece indiferente ao destino do homem e aos problemas cotidianos da existência, apesar de transportar o

---

<sup>293</sup> NUNES, op. cit.

<sup>294</sup> HORNSBY, Jennifer. Sartre and Action Theory. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 48, n. 4, Jun. 1988. p.1.

<sup>295</sup> NUNES, op. cit.

homem para uma atmosfera rarefeita, muito acima do ruído das competições e do entrosamento de interesses subalternos<sup>296</sup>.

Depois de viver uma infância solitária e cheia de conflitos emocionais, Rilke estudou nas universidades de Praga, Munique e Berlim. Viajou por diversos países, e quando passou pela Dinamarca procurou aprender dinamarquês para traduzir a obra de Jens Peter Jacobsen, além de Kierkegaard, que o influenciou acentuando o teor existencialista de seu pensamento poético. Faleceu de leucemia, em 29 de dezembro de 1926, em Valmont (Suíça). A doença que o levou à morte foi contraída por conta do envenenamento causado por um espinho de rosa, que o feriu enquanto cuidava do jardim do castelo Muzot. Após tal acidente, a rosa passou a ser tema de seus poemas, ora como algo delicado, ora como algo venenoso<sup>297</sup>.

As *Elegias de Duíno*, uma de suas principais criações, propõem alguns conceitos e imagens metafísicas, não tradicionalmente religiosas senão dotados de uma metafísica poética, fruto de uma imaginação humana assumida como tal<sup>298</sup>. Rilke, que se opunha cada vez mais ao cristianismo durante a composição das elegias, inventou uma proposição metafísica própria, nem cristã, nem teológica, inteiramente poética: os anjos como criaturas ideais ou homens que, com a morte, se transformam em seres majestosos, transfigurados. Frutos da morte gozam de uma existência perfeita, sobre-humanamente plena<sup>299</sup>. As *Elegias de Duíno* condensam uma riquíssima experiência poética e existencial, à qual estão ligados episódios e experiências da própria vida do poeta. As *Elegias* representam a obra culminante realizada pelo poeta na segunda fase da sua evolução. Nela está condensada toda a sua experiência artística e humana, os dramas de sua vida, o problema do amor e a concepção da vida e da morte como um todo inseparável no tempo, dentro do qual existimos ou deixamos de existir<sup>300</sup>.

O anjo rilkeano, muito presente nas *Elegias*, é um super-homem, cuja contemplação permite, por um lado, uma desolada perspectiva crítica frente às limitações e deficiências do

---

<sup>296</sup> CANNABRAVA, Euryalo. Rilke e a poesia lírica. *Folha do Norte*. Belém, 13 de abril de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 25, p. 2.

<sup>297</sup> PAES, José Paulo. *Rainer M. Rilke: Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 24.

<sup>298</sup> CANNABRAVA, op. cit., p. 3.

<sup>299</sup> CAMPOS, Haroldo. *Coisas e anjos de Rilke*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

<sup>300</sup> Cf., SARAIVA, Arnaldo. *Para a história da leitura de Rilke em Portugal e no Brasil*. Porto: Edições Árvore, 1984.

mundo real, da natureza humana e da sociedade; e de outro lado, o vislumbre de formas de existência e transcendência humana de maior plenitude e significado. Para Rilke:

*O anjo das Elegias não tem nada a ver com o anjo do céu cristão; (...) o anjo das elegias é esse ser que testemunha, no invisível, uma realidade mais alta: eis porque ele é terrível para nós – que o amamos e servimos, e, todavia estamos restritos às fronteiras do visível*<sup>301</sup>.

O anjo é o poeta, vigilante e atento, sobrevoando a habitação humana para comunicar o que consegue ver. O Anjo rilkeano quer significar, por vezes, o homem que se eleva a esse espaço invisível, ao espaço do coração. E a verdadeira poesia, para Rilke, aspira a ser o ponto de união entre o visível e o invisível, entre as criaturas e os anjos. Em meio a esses anjos estão os mortos jovens, as mulheres loucas de amor, os filhos, os heróis, os amantes, os poetas e os saltimbancos, os quais em um mundo real se arrolam numa categoria mais elevada da realidade: os que vivem o minuto como se fosse uma eternidade, e as idéias, emoções e coisas passageiras como se fossem eternas. O anjo por muitos poetas foi concebido, segundo Ursula Franklin, não somente como uma metáfora atrativa, mas como um veículo simbólico que seculariza e transforma a essência artística e intelectual<sup>302</sup>.

O anjo, nas *Elegias*, representa tanto o terrível quanto o radioso: representa a morte precoce, a terribilidade do anjo, o desamparo existencial do homem, as amantes abandonadas, a continuidade entre a vida e a morte, o mito da origem da música e da poesia<sup>303</sup>. Para José Paulo Paes, “ao longo das *Elegias duinenses*, os contrários se alternam não para se negarem, mas para se completarem – anjo e homem, dor e júbilo, lamentação e celebração, visível e invisível, vida e morte, terrestre e metaterrestre”<sup>304</sup>. O anjo das *Elegias* é aquela essência que se oferece como fiadora para reconhecer no invisível uma categoria mais elevada da realidade. E acreditando que a sua vida nada significaria sem a escrita, então, afirma Rilke, o homem teria que construir a sua vida segundo esse ímpeto, ela teria que se converter em testemunho dessa necessidade. A renúncia ao reconhecimento exterior, numa palavra, a

<sup>301</sup> CAMPOS, Geir; JORGE, Fernando. *Rilke: Poemas e Cartas a um jovem poeta*. (Sabedoria e Pensamento). Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. p. 66.

<sup>302</sup> FRANKLIN, Ursula. The Angel in Valéry and Rilke. *Comparative Literature*, v. 35, n. 3, Summer. 1983. p. 215-246. p. 215; Cf., RYAN, Judith. Creative subjectivity in Rilke and Valery. *Comparative literature*, v. 25, n.1, 1973. p. 1-16.

<sup>303</sup> PAES, op. cit., p. 29.

<sup>304</sup> *Ibid*, p. 33.

solidão, é vista por Rilke como a única forma do homem eventualmente encontrar ou não o poeta que habita dentro de si<sup>305</sup>.

Grande parte do êxito da poesia de Rilke nos anos de 1940-50 se deveu não somente a seu valor estritamente poético, mas porque oferecia uma resposta semi-religiosa à cultura européia, que havia se tornado muito crítica do cristianismo, mas não sabia nem podia viver uma existência sem densidade nem soluções religiosas. Descontente com as soluções cristãs aos problemas da transcendência, da morte, da carne e da vida, Rilke buscou uma poesia profética que instrísse novas soluções<sup>306</sup>. Na verdade Rilke oferecia respostas à cultura ocidental, por isso sua influência não ter se reservado somente ao continente europeu. Pode-se ler Rilke visualizando o momento superior da angustia ocidental perante a dessacralização do mundo: o alto momento da orfandade do homem nietzschiano que se descobre como um homem sem Deus, sem eternidade, sem transcendência, sem sacralidade, e não se resigna; em consequência inventa seus anjos, sua eternidade, seu universo sagrado e sua transcendência própria<sup>307</sup>.

Para Renée Lang não é surpresa para os entendidos em literatura que a França foi a influencia capital na evolução artística de Rilke. Mais do que Goethe, Heine, Schopenhauer e, inclusive Nietzsche, Rilke viu a cultura francesa como a *higher kind*. Sua admiração pela linguagem com sua rigorosa e elegante precisão seu amor pela cidade, especialmente Paris, pode-se ver expressos na volumosa obra. Menos divulgado, no entanto, é que Rilke foi influenciado em seus últimos anos por uma insaciável vida livresca, quase exclusivamente francesa. Em grande parte de sua vida não foi um apaixonado por leitura, inclusive, em seus anos de aprendiz de intelectual, antes da I Guerra, limitou sua leitura principalmente em Maeterlinck, Baudelaire, Verlaine, Jammes, Maurice de Guérin, Anna de Noailles, e seus amigos pessoais Verhaeren, Gide e Vildrac. Com exceção de alguns meses em serviço militar na Áustria, Rilke passou os anos de guerra na Alemanha, em Munique. Nesses anos o poeta falou constantemente de uma “estiagem” espiritual. Essa esterilidade criativa Rilke atribuiu em grande medida ao seu afastamento da França<sup>308</sup>.

---

<sup>305</sup> THORLBY, Anthony. Rilke and the ideal world of poetry. *Yale French Studies*, n. 9, Symbol and Symbolism, 1952. p. 132-142.

<sup>306</sup> SARAIVA, op. cit, p. 156.

<sup>307</sup> LEITE, Antonio Roberto de Paula. *Antologia poética de Rainer Maria Rilke*. São Paulo: Sociedade Impressora Pannartz, 1977.

<sup>308</sup> LANG, Renée. Rilke and his French contemporaries. *Comparative Literature*, v. 10, n. 2, 1958), pp. 136-143. p. 136.

A poesia de Rilke influenciou intelectuais como Balzac, Barbey d'Aureville, Barrès, Lacretelle, Colette, Mauriac, Cocteau, Riviere, Betz, Hamp, Schlumberger, Morand, Peguy, Jouhandeau, Pourtales, Drieu de la Rochelle, Valery Larbaud, Jules Romains, Alain-Fournier e Marie Leneru. Segundo Lang, na poesia, Paul Valery foi o mais influente. Depois de descobrir *Le Cimetiere Marin* em fevereiro de 1921, Rilke imediatamente o traduziu; e seu pensamento e sua caneta ficaram constantemente ocupados com o autor de *Charmes*, quem Rilke acreditava ser o maior, o primeiro e mais importante dos poetas<sup>309</sup>.

Seu existencialismo introspectivo com muito conteúdo simbolista influenciou poetas do Brasil após a I Guerra e, principalmente, depois da II Guerra, entre modernistas da chamada geração de 45, provavelmente por meio das traduções de Paulo Quintela, que, independente da qualidade, era de um modo ou de outro uma aproximação efetiva. Havia também as traduções de Dora Ferreira da Silva, Cecília Meireles, João Accioly e Lina Paranhos e do belo ensaio de Cristiano Martins, *Rilke, o poeta e a poesia*; um outro estupendo fruto: o conjunto de poemas que Vinícius de Moraes escreveu no fim dos anos 30 e início dos anos 40. Trata-se das *Cinco elegias* e das muitas peças incluídas nos *Poemas, sonetos e baladas*<sup>310</sup>. No Pará, esse contato veio com a criação do suplemento literário da *Folha do Norte*. Algumas de suas poesias foram traduzidas tanto pelos paraenses quanto por intelectuais de outros Estados brasileiros e publicados no Suplemento *Arte-Literatura*. Pode-se citar a tradução, por Paulo Plínio Abreu, do poema III de *O Livro das Horas*, em 1946; a de *Torso Arcaico de Apolo*, por Manuel Bandeira, em 1946; a tradução de *A grande noite*<sup>311</sup>, por Mário Faustino, em 1949; dentre outros. Na esteira do existencialismo rilkeano alguns novos paraenses faziam a sua poesia e promoviam novos caminhos para a idéia de poesia e para uma nova visão sobre a realidade da existência humana.

Essa experiência histórica, o diálogo com a literatura contemporânea dos anos 40 foi importante para a formação da literatura da *Turma do Central*, uma literatura que procurou romper com o passadismo cultivado na vivência durante o funcionamento da *Academia dos Novos*, quando negava, por desconhecimento, o movimento modernista dos ícones da Semana

---

<sup>309</sup> Ibid, p.141.

<sup>310</sup> LEITE, op. cit., p. 24.

<sup>311</sup> “Muitas vezes surpreso, de pé à minha nova/janela, eu te admirava. A cidade desconhecida/era-me ainda como proibida, e a paisagem/surda às palavras, pouco a pouco escurecia/como se eu não estivesse lá. As coisas perto/não procuravam ser compreendidas. O candeeiro/levantava uma ponta de rua. Ela era estrangeira”.

de 22 e dos poetas paraenses das gerações de 20 e 30. Num primeiro momento os jovens poetas buscaram a negação, a ruptura, o que caracterizaria, para o sempre repetido Karl Marx<sup>312</sup>, uma tragédia; e num segundo momento tentaram reavê-la, reproduzi-la, o que para o filósofo seria uma farsa. Para Marx, a tragédia implica ruptura, negação e superação de uma situação real, isto é, aproxima-se da noção de revolução, enquanto a farsa é a tentativa de reabilitar o que foi demolido, apresentando-se como um momento em que a consciência da mudança firma-se com clareza e se esclarecem os caminhos do futuro. Na verdade, a repetição não é o retorno do mesmo: funciona historicamente como a tomada de consciência de que o passado não pode ser restaurado porque o novo já se instituiu, e por isso não pode haver repetição.

Certamente a história não se repete e o modernismo da Semana paulista não se repetiu em Belém na década de 1940. Quando os jovens da *Academia dos Novos* se tornaram modernistas a partir da base do modernismo paulista o momento não era mais o mesmo, logo, o resultado foi que a poesia modernista tomou rumos díspares que caracterizaram a chamada geração de 45. Haroldo Maranhão em *O último dos Modernistas* lamenta não ter conhecido antes a liberdade expressional de um movimento que já havia virado história. Talvez deva ter sido esse atraso de mais de vinte anos de “incompreensão coletiva”<sup>313</sup> que, junto a outros elementos do contexto histórico, tenha feito com que a poesia dos jovens paraenses dos anos 40 não continuasse o fazer poético da geração de 22, pelo contrário, tenha feito com que fizessem uma poesia modernista baseada nas novas tendências da poesia contemporânea. No movimento dialético da história muitas particularidades do modernismo de 22 não tiveram continuidade e outras foram conservadas. Pontos fortes tais como a valorização da cultura nacional e dos sujeitos regionais ficaram para trás; mas a liberdade da expressão continuou, mas com um pouco de formalismo. Haroldo Maranhão naquele momento afirmava que:

*Há uma grande expectativa de renovação. Renovação que se pressente em todos os gêneros, principalmente na ficção, onde a técnica vai adquirindo um sentido novo limpo de reminiscências. O conto, por exemplo, é agora mais psicológico e menos objetivo (...). A poesia, de outro lado, não é a mesma, não falo da que apareceu por ocasião da decantada Semana de 22, informe e caricatural, mas da que sucedeu a esses exageros de revolução,*

---

<sup>312</sup> Observe a conhecida afirmativa de Marx no *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*: “Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira como tragédia, a segunda como farsa”. (MARX, 1978, p. 329).

<sup>313</sup> MARANHÃO, Haroldo. O último dos modernistas. *Folha do Norte*. Belém, 05 de maio de 1946. Suplemento Arte-Literatura, n. 1, p. 4.

*adquirindo a sua definida estrutura e a sua característica posição histórica*<sup>314</sup>.

O novo grupo, agora modernista e com novos instrumentos de divulgação, buscou em fontes existencialistas e simbolistas as novas diretrizes e as novas matrizes intelectuais para a construção de uma nova poesia e de uma nova vida literária. Autores como Mallarmé, Rimbaud, Baudelaire, T. S. Eliot, Sartre, Rilke ganharam um amplo espaço na poesia dos jovens da *Turma do Central*. A literatura desse grupo ganhou um ar de desencanto com o passado recente da história nacional e regional, não somente no que diz respeito ao passado literário contaminado pela Revolução de 30, quando os modernistas adentraram no aparelho estatal e passaram a reproduzir as mentiras do nacionalismo varguista; mas também pelas mentiras dos politiquinhos demagogos. A filosofia existencialista buscada pelos jovens da *Turma do Central* teve grande aceitação nessa nova fase da literatura paraense, sobretudo devido ao diálogo com a filosofia de Sartre e com a poesia de Rainer Maria Rilke. Estes dois intelectuais tiveram grandes “seguidores” no meio literário paraense dos anos de 1940, dentre os quais podem ser destacados Benedito Nunes e Mário Faustino, o primeiro cultivando um maior contato com a filosofia de Sartre e o segundo com a poesia de Rilke.

### 3.1 Mário Faustino e Benedito Nunes: existencialismo e desencanto com a história.

É muito salutar nesse momento considerar o que E. P. Thompson analisa em *Desencanto ou apostasia?*, onde o autor busca compreender a trajetória literária e de comportamento dos poetas William Wordsworth e Samuel Coleridge. Ele examina as mudanças políticas e ideológicas dos poetas nos anos que sucederam à Revolução Francesa. Erudito e irônico, Thompson revela defeitos e inconsistências de muitos estudos sobre aqueles escritores, valendo-se de inesgotável informação histórica em cartas, diários e artigos de jornal. Assim, consegue interpretar, como num entrelaçamento de biografia, história social e conduta psicológica, a crise que acometeu os poetas, hesitantes, decepcionados ou reacionários no que diz respeito aos resultados de 1789. Coleridge era considerado por amigos e inimigos 'um dos mais perigosos jacobinos do oeste da Inglaterra'. Com sagacidade, é possível também perceber 'o impulso da *égalité* jacobina' nos poemas mais serenos de Wordsworth, que assim rompe com a estrutura paternalista. A tese de Thompson é que os grandes escritores românticos experimentaram um momento de tensão e criatividade quando

---

<sup>314</sup> MARANHÃO, Haroldo. Apontamentos literários. *Folha do Norte*. Belém, 20 de outubro de 1946. Suplemento Arte-Literatura, n. 14, p. 4.

suas convicções ideológicas e políticas lhes pareceram decepcionantes ou autopunitivas: nem todos os rumos da Revolução eram defensáveis; nem toda a nova cultura, desejável; por fim, a causa do povo poderia colocar em risco homens como Coleridge e Wordsworth<sup>315</sup>.

O historiador britânico encontra em Coleridge um poeta que abandonou rapidamente suas convicções mais inflamadas, em parte porque se preocupava crescentemente com seus problemas financeiros e de saúde. A mudança de opinião começou muito cedo por Coleridge, até então ele sempre havia negado essa idéia de princípios evasivos e de modificar seus pontos de vista para agradar uma platéia. Certa vez escreveu para o pai de Charles Lloyd<sup>316</sup> em 1796 dizendo que havia quebrado sua corneta revolucionária de brinquedo e “os pedaços jazem espalhados no quarto de despejos da Penitencia”, e que desejava ser um bom homem, um cristão, não um *Whig*, nem reformista, nem republicano. Era uma frase já carregada, segundo Thompson, de um “desconfortável ar de apostasia”. Cinco anos depois quando escreveu uma carta ao Sir George<sup>317</sup> e Lady Beaumont o poeta estava sob o impacto emocional por causa da execução do irlandês Daniel Decatur Emmett<sup>318</sup> e também sob a languidez e impotência criativa proporcionada por doenças e pela dependência do láudano – medicamento cuja base é o ópio, ligado a outros ingredientes.

Em Wordsworth as questões são mais complicadas para se explicar por motivos diferentes. Thompson encontrou um pouco mais de dificuldade na pesquisa devido esse, diferente de Coleridge, não teve inclinação para expor em cartas os seus sentimentos sediciosos, pois as correspondências, no contexto, poderiam ser violadas. Mas nas cartas trocadas entre seus irmãos George Cumberland, Richard e Dorothy Wordsworth é mostrado, segundo Thompson, que Wordsworth não havia perdido seus interesses políticos. O momento de tensão fazia a sua poesia afirmar ou recuar no jacobinismo. Essa tensão o fez, por fim,

---

<sup>315</sup> THOMPSON, E. P. Desencanto ou apostasia? In: *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

<sup>316</sup> Poeta inglês amigo de Coleridge. Nasceu em Birmingham em 1775 e teve estudos particulares no sentido de trabalhar com o seu pai, um rico banqueiro. Sua atividade literária floresceu com a publicação de *Nugae Canorae* (1819), *Desultory Thoughts in London, Titus and Gisippus, e Other Poems* (1821), e *Poetical Essays on the Character of Pope* (1822). Morreu próximo à cidade de Versailles, no ano de 1839. Fonte: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Charles\\_Lloyd\\_\(poet\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Charles_Lloyd_(poet))>.

<sup>317</sup> Nascido em Dunmow, em 1753, Sir George era um patrono da arte britânica e apaixonado colecionador de obras de arte. Morreu em 1827. Fonte: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Sir\\_George\\_Beaumont,\\_7th\\_Baronet](http://en.wikipedia.org/wiki/Sir_George_Beaumont,_7th_Baronet)>

<sup>318</sup> Nascido em 1815, em Mount Vernon-Ohio, de descendência irlandesa, Emmett foi um grande compositor de black music. Também atuou como ator de teatro, quando pintava a face e as mãos para caricaturar um homem branco. Faleceu em 1878. Fonte: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Daniel\\_Decatur\\_Emmett](http://en.wikipedia.org/wiki/Daniel_Decatur_Emmett)>

ceder e, “ao final das guerras, o desencanto dera lugar à apostasia”<sup>319</sup>. Em relação a Wordsworth, pode-se documentar sua antipatia aos movimentos populares, o que o torna o modelo do apóstata. É nesse instante que se evidencia a esterilidade do poeta, mutilado e hostil à esperança que anunciavam seus versos.

Tanto Coleridge quanto Wordsworth faziam parte daquele contexto histórico, que foram os primeiros meses de 1798. Era um momento em que o engajamento político era muito arriscado e os poetas acabaram cedendo ao terror. No verão de 1799 Coleridge escreve para Wordsworth dizendo que “em consequência do completo fracasso da Revolução Francesa, haviam abandonado todas as esperanças de um aperfeiçoamento da humanidade”. Wordsworth, no dia 11 de março, em carta ao amigo Losh afirmava ter chegado a decisão de ir para a Alemanha junto com Coleridge, Sra. Coleridge, a irmã e ele próprio. Saíram por que o conflito político era insuportável, e por causa do sentimento de alienação por parte do povo, sentimento que não queriam assimilar. Nessa discussão Thompson procurou explicitamente, criticar poetas contemporâneos tais como W.H. Auden, “que se desencantam com facilidade demais, apressados em transpor a etapa da apostasia”<sup>320</sup>.

Através dessa discussão acerca de mudança de comportamento e de opinião de intelectuais elaborada de forma muito pertinente por Thompson, pode-se buscar, como um caminho de pesquisa histórica, compreender a mudança ocorrida no pensamento de um grupo de jovens interessados nos estudos literários, *A Turma do Central*. Ficaria extenso demais analisar todos os jovens desse círculo de amizade, e nesse sentido é pertinente escolher dois para servirem como representantes do estudo. Sendo assim, por meio de análises de viabilidade e representação histórica, fica posto que a análise se pautará em dois personagens importantes na formação da literatura paraense: Benedito Nunes e Mário Faustino. Como já foi sobejamente discutido nas páginas anteriores, ambos fizeram parte de uma fase relevante da literatura paraense, momento em que o modernismo de 22 adentrou o recinto parnasiano cultivado em plena década de 1940 por um grupo de jovens paraenses que faziam pouco dos ícones do modernismo brasileiro.

Impossível cometer um absurdo anacronismo e dizer que a Revolução Francesa, assim como interferiu na vida de Coleridge e Wordsworth, também tenha sido responsável pela

---

<sup>319</sup> THOMPSON, op. cit., p. 61.

<sup>320</sup> Ibid, p. 100.

mudança na poesia dos jovens da *Turma do Central*; e nem é necessário buscar uma ligação entre os fatos. Os tempos eram outros e a história não se repete; o contexto histórico vivido por esses novos possui suas particularidades e foram elas as responsáveis pela transformação na poética e na vida de nomes como Haroldo Maranhão, Max Martins, Alonso Rocha, Benedito Nunes e Mário Faustino. Fatos históricos marcantes como a Revolução de 30 e a II Guerra Mundial contribuíram para que a literatura deixasse os exageros de vanguarda, o nacionalismo e o regionalismo, e passasse a buscar os segredos da existência humana.

Com uma poesia fortemente influenciada por Rilke apareceu Mário Faustino (1930-62). Cabe recordar um pouco a sua carreira excepcionalmente breve e brilhante. Nascido em Teresina em 1930, cursou seus estudos em Belém, chegando a ser editorialista no *Jornal do Brasil* com apenas 26 anos de idade, depois de ter trabalhado n' *A Província do Pará* e na *Folha do Norte*. Trabalhou como jornalista em Nova York de 1960 a 1962 e ao voltar ao Brasil, assumiu a editoria-chefe da *Tribuna da Imprensa*. Seria por pouquíssimo tempo, pois morreria em um desastre aéreo em novembro, a caminho de Nova York, onde seria correspondente do *Jornal do Brasil*<sup>321</sup>.

Partiu dessa intensa atividade com as letras o convite para que assumisse um dos postos jornalísticos mais importantes da poesia brasileira nos anos 50. Durante dois anos, editou a página *Poesia-resistência*, no *Jornal do Brasil*, cujo lema era *Repetir para aprender, criar para renovar*. A página do Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* divulgava novos poetas brasileiros ao lado de ícones do passado, transcrevia os originais de seus poemas e continha críticas que apontavam defeitos na obra até de nomes consagrados. Nas páginas do diário, muitas tendências literárias receberiam atenção de Faustino. Um exemplo é o movimento concretista, divulgado em primeira mão pelo poeta. O escritor também assumiu, no início dos anos 60, o cargo de tradutor da Organização das Nações Unidas, em Nova Iorque. Morreu em 1962, num acidente de avião<sup>322</sup>.

Ainda em sua formação como poeta Faustino teve seu nome citado e elogiado por Francisco P. Mendes, que no momento afirmara: “esse jovem poeta aparece, de modo quase inacreditável, pela perfeição e realização dos seus poemas, com certas qualidades que

---

<sup>321</sup> Para um estudo mais aprofundado acerca da vida e da obra de Mário Faustino, ver: CHAVES, Lilia Silvestre. *Mário Faustino: uma biografia*. Belém: Secult, 2004.

<sup>322</sup> Cf., CHAVES, Albeniza de Carvalho. *Tradição e modernidade em Mário Faustino*. Belém: UFPA, 1986.

somente possuem os poetas já de todo completos”<sup>323</sup>. Faustino tornou-se um dos maiores representantes da poesia contemporânea em Belém, expressando como poucos os temas da poesia de inspiração existencialista. A poesia de Faustino era bem elaborada, pois era dedicado ao estudo da arte literária. Em sua obra podem-se observar temas tais como o da morte, do amor, da eternidade e da fugacidade, além das figuras da rosa e do anjo. Vejam-se os poemas *1º motivo da Rosa* e *2º motivo da Rosa*<sup>324</sup>:

*Da rosa somente a pétala inconsútil  
Inamissível lembrança  
Onde o perfume e a cor incompassiva?  
A beleza é apenas a passagem divina  
Impiedosa e fugaz.  
(1º motivo da rosa)*

*A rosa adormecida sonha, sonha e sonha.  
Por que surgiu a rósea rosa sonhando?  
Veio para que o poema com suas pétalas sensíveis  
Intocável e úmido orvalho.  
Veio para que ficasse a sonolenta imagem  
De qualquer coisa livre livre livre  
Voluntariamente presa a um caule  
Apenas para uma noite de sono.  
(2º motivo da rosa)*

Seus versos têm musicalidade, forma elíptica e lapidar, e dispensa a comparação e a descrição. No primeiro há a transitoriedade da vida e da beleza; no segundo a rosa lembra a beleza guardada na memória, origem do poema e que dele renasce. Benedito Nunes entende que a rosa era o símbolo do invisível, semelhante ao mensageiro das coisas transcendentais, o anjo<sup>325</sup>.

Essa linguagem subjetiva, encontrada na poesia de Faustino, é característica marcante, como já vimos antes, na poesia existencialista de Rilke, que possuía um ar atormentado pelos enigmas do mundo invisível, pelas manifestações do sobrenatural; uma arte mórbida, inclinada a decifrar os segredos do destino, as charadas da vida e da morte. Por intermédio da sua poesia, com devaneios, imagens sonolentas e sensíveis e a beleza, Faustino exteriorizou, com seu estilo introspectivo, a expressão das novas tendências da literatura modernista. Sua

<sup>323</sup> MENDES, Francisco Paulo. O Poeta e a Rosa. *Folha do Norte*. Belém, 25 de abril de 1948. Suplemento Arte-Literatura, n. 76, p. 1.

<sup>324</sup> FAUSTINO, Mário. 1º motivo da rosa e 2º motivo da rosa. *Folha do Norte*. Belém, 25 de abril de 1948. Suplemento Arte-Literatura, n. 76, p. 2.

<sup>325</sup> NUNES, Benedito. *A obra e a crítica de Mário Faustino*. Belém: Cejup, 1986.

poesia foi primeiramente influenciada por Baudelaire, Rimbaud, Rilke, Lorca, Cecília Meireles e Fernando Pessoa. Depois vieram as influências inglesas contemporâneas, dentre as quais se destacam T.S. Eliot, Cummings, Hart Crane, Dylan Thomas e Ezra Pound; logo depois sofreu o impacto do francês Saint-John Perse. E com a obra desses intelectuais, Faustino apreendeu o rigor formal da poesia, além do simbolismo e existencialismo que o acompanharia em sua vida poética<sup>326</sup>.

O que de fato singularizou a poesia de Faustino, segundo Benedito Nunes, foram os recursos da comunicação jornalística, que proporcionaram uma função didática em sua obra. Com isso tirou proveito na paginação e no uso da linguagem para a difusão e avaliação da criação poética. Utilizou tais técnicas na página de jornal *Poesia-experiência*. Faustino mesclava numa só página artigos de poesia contemporânea, textos de história da crítica, clássicos portugueses, poetas modernos nacionais e estrangeiros, além de poemas de autores estreados ou pouco conhecidos<sup>327</sup>.

Uma coisa que chamava a atenção na atitude poética de Faustino era o caráter educativo, pois via a poesia como um instrumento de transmissão de ensinamentos, ou seja, uma teoria e uma prática poéticas. O seu lema era *Repetir para aprender, criar para renovar*. Nunes entende que para Faustino a história da poesia “é o produto de uma contínua aprendizagem tanto de padrões formais quanto de formas de experiência”<sup>328</sup>, o que implica que os momentos de renovação da poesia são aqueles que conseguem unir as novas exigências da criação com os legados do passado. Mais do que uma poética, há uma poesia da experiência, ou seja, uma concepção ampla dos aspectos religioso, metafísico, histórico, social e ético da poesia. Para Nunes, “mais do que uma poética, trata-se de uma filosofia da poesia – da poesia como forma de perceber o mundo e de situarmo-nos nele”<sup>329</sup>. Há na verdade uma função ética, social e política da poesia, mas esta propriedade da poesia age em função do emprego da linguagem, logo, quanto mais eficaz for a linguagem tanto mais servirá para o desenvolvimento da língua e, por conseguinte, da consciência de um povo e do desenvolvimento de uma nação. Mas Faustino alerta *apud* Nunes: “o mau poeta é um criminoso da laia de um mau professor. A poesia prega: o mau poeta é igual ao falso profeta. A poesia deleita e comove: o mau poeta aborrece, faz o leitor ou ouvinte bocejar, perder

---

<sup>326</sup> CAMPOS; JORGE. *Poemas e Cartas a um jovem poeta*. op. cit., p. 87.

<sup>327</sup> NUNES, op. cit., p. 31.

<sup>328</sup> *Ibid*, p. 30.

<sup>329</sup> *Ibid*, p. 31.

tempo ou tomar gato por lebre, o que é pior”<sup>330</sup>. Mário Faustino via a poesia como uma escola no sentido mais forte do termo, um meio de transmissão de conhecimentos, onde a história da poesia seria o resultado de uma aprendizagem contínua tanto de padrões formais quanto de formas do cotidiano. Isso por que, segundo Benedito Nunes, o poético, para Faustino, era concebido como um estado da linguagem e, pois, uma forma de percepção da realidade que estabelece uma relação de afinidade ou de participação entre o indivíduo e o mundo<sup>331</sup>.

O conhecimento e a renovação da poesia foi o que Faustino exigiu dos poetas brasileiros, sobretudo dos consagrados tais como Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Cecília Meireles, Manuel Bandeira; exigiu que eles saíssem para o campo das querelas culturais e convergissem sua atividade criadora no sentido de estudar e defender a renovação da poesia. Por isso defendeu o valor do concretismo, apesar de não introduzir em seus poemas algo que levasse a pensar que ele havia se tornado um concretista, corrente a qual os seus poetas buscavam a substituição do verso por uma poesia visual. Faustino manteve a presença do verso em seus poemas e, além disso, continuou com a idéia de que a poesia deve espelhar a época e satisfazer as necessidades ancestrais, intemporais e metafísicas do ser humano<sup>332</sup>.

Mário Faustino não foi um homem livresco, apesar de sido um leitor ativo em muitos idiomas estrangeiros que dominava. E durante os anos de 1940, quando ainda estava em sua fase de formação, nas rodas de papo literário do *Café Central* que ordinariamente travava com os amigos somente pelo prazer da discussão, do debate argumentativo que opunha razão à razão, verdade à verdade, acreditava que uma verdade viesse acompanhada de risos, e por isso a disposição lúdica dos poemas, sem prejuízo da consistência intelectual dos argumentos. Para ele o senso de humor era o tempero do bom senso. Ele era um galhofeiro, irreverente, um demolidor, que praticou ate mesmo contra si, contra sua própria vaidade, que seria a forma superior do riso<sup>333</sup>.

---

<sup>330</sup> Ibidem.

<sup>331</sup> NUNES, Benedito. *Melhores poemas de Mário Faustino*. São Paulo: Global, 2002; do mesmo autor ver: *Mário Faustino: poesia completa, poesia traduzida*. São Paulo: Limonad, 1985.

<sup>332</sup> BOAVENTURA, Maria Eugênia. *Mário Faustino: o Homem e sua hora e outros poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>333</sup> EULÁLIO, Carlos Evandro Martins (org.). *Mário Faustino*. Teresina: Corisco e Academia Piauiense de Letras, 2000.

Segundo Nunes, “tudo foi muito rápido, tudo foi conseguido demasiadamente cedo e tarde nessa existência tão breve”<sup>334</sup>. A carreira jornalística e poética em Belém e no Rio de Janeiro; as viagens para os Estados Unidos; a mudança de domicílio, deixando o Pará e indo para o Rio de Janeiro assumir o cargo de professor nos cursos da Escola de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas; os retornos a Belém, onde, segundo o próprio Faustino *apud* Nunes, “travei a batalha da adolescência e da juventude; onde amei e trabalhei; onde comecei a escrever poesia (...) onde vivi a experiência que até agora é a mais importante de minha vida”<sup>335</sup>.

Certamente a Belém da década de 1940 foi o ambiente urbano, cultural, social e literário que Mário Faustino viveu a sua fase de formação de sua poesia. A cidade vivia, no início dessa década, uma crise em todos os setores da sociedade devido tanto a guerra quanto ao regime ditatorial que domina a política local e nacional. A única coisa que a guerra trouxe de bom para Belém foi Clarice Lispector, que veio acompanhando o seu marido que estava a serviço do Itamaraty, os quais ficaram hospedados no Hotel Central, o que acabou promovendo encontros entre a escritora e o mestre Francisco Paulo Mendes e seus jovens “aprendizes”<sup>336</sup>.

Na primeira metade dos anos 40 Mário Faustino participou da *Academia dos Novos* junto Benedito Nunes, Haroldo Maranhão, Max Martins, Alonso Rocha e outros jovens. Tal grupo foi uma contradição nos discursos dos modernistas, que acreditavam que o movimento já havia se instalado em todas as regiões e que todos os jovens ao tomarem conhecimento de literatura já se pendiam para a liberdade de expressão modernista. Os jovens viviam, como foi visto nas memórias de Alonso Rocha, sob tensão e medo por causa da dura fiscalização do regime sobre as artes e expressões artísticas. Pode-se indagar se esses jovens só resolveram fazer uma literatura parnasiana para fugirem da coação imprimida pela repressão do regime. Mas essa resposta não será dada nesse estudo. O fato é que os jovens parnasianos buscaram, em plena década de 40 – quando o modernismo já havia se tornado matéria nos compêndios escolares – nos moldes da *Academia Brasileira de Letras*, o seu rumo e ritmo literário eivado das formalidades parnasianas. As reuniões eram levadas a sério, aliás, todos os detalhes eram levados a sério, tudo de acordo com os padrões da Academia Brasileira de Letras. O ar

---

<sup>334</sup> NUNES, Benedito. *A obra e a crítica de Mário Faustino*. op. cit., p. 42.

<sup>335</sup> *Ibid.*, p. 43.

<sup>336</sup> *Ibidem.*

parnasiano do ambiente era conseguido com o rigor na eloquência, na retórica e nas frases de efeito, características buscadas com afincamento pelos confrades. Outro detalhe eram os patronos, e os fundadores escolheram logo o seu. Haroldo Maranhão ficou com Humberto de Campos; Alonso Rocha com Castro Alves; Jurandir Bezerra com Olavo Bilac; Max Martins com Machado de Assis; e Benedito Nunes com Rui Barbosa. Para Aldrin Figueiredo as escolhas não se baseavam no conhecimento que cada um possuía de seu patrono, mas apenas em uma admiração recente e superficial<sup>337</sup>.

Mário Faustino, então muito jovem, participava ativamente das reuniões da *Academia* que ocorriam na casa de Benedito Nunes, onde os poetas declamavam seus poemas rimados os quais valorizavam o emprego da palavra rara, do vocabulário precioso e da frase rebuscada, além, certamente, da preocupação com a perfeição da forma. E qualquer outra forma de poesia era duramente criticada, e têm-se como exemplo as críticas feitas a Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, quando foram acusados de não fazer rimas simplesmente por que não sabiam rimar ou metrificar<sup>338</sup>.

Dois anos depois, em 1945, os membros da *Academia dos Novos* conheceriam o modernismo e, o sentimento de indiferença tornar-se-ia admiração. Certa vez, conversando com um aluno do professor Francisco Paulo Mendes, o parnasiano Max Martins ouviu falar acerca do modernismo, onde as rimas não eram mais necessárias, onde as palavras eram livres. E Max Martins foi o primeiro a deixar a *Academia*, sendo seguido pelos outros confrades, fato que resultou no fim das reuniões parnasianas na casa de Benedito Nunes<sup>339</sup>.

Benedito Nunes, o outro foco do texto, passou a infância entre os livros e as brincadeiras de rua; a adolescência entre os livros e o curso secundário no Colégio Moderno; a juventude entre os livros e o curso de Direito; e a vida adulta entre os livros e as salas de aula. É professor desde a década de 50 e aposentou-se no cargo de titular, mas continua ensinando – agora, em conferências e através dos livros que escreve. Foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Pará, posteriormente absorvida pela Universidade Federal do

---

<sup>337</sup> FIGUEIREDO, Aldrin M. *Querelas esquecidas: o modernismo brasileiro visto das margens*. op. cit., p. 265.

<sup>338</sup> *Ibid*, p. 264.

<sup>339</sup> *Ibid*, p. 267.

Pará. Estudou na Sorbonne, junto com Paul Ricoeur; e no Collège de France, com Merleau-Ponty. No final da década de 1960 lecionou em Rennes, na França<sup>340</sup>.

Benedito Nunes escreve desde menino, com contribuições para jornais colegiais, depois resenhas e crítica de livros para jornais regionais, mais adiante resenhas e artigos para jornais nacionais. A militância da palavra impressa em jornais foi abandonada há pouco tempo e a enorme massa de escritos só pode ser encontrada nas bibliotecas, para quem quiser garimpá-las. Mais destacados, e mais fáceis de serem localizados, os livros, os capítulos de livros em obras coletivas e os artigos em publicações especializadas<sup>341</sup>.

O primeiro livro foi *O mundo de Clarice Lispector*, em 1966. Depois deste muitos outros foram escritos e ainda continuam sendo escritos com profundo conhecimento. Dentre eles destacam-se: *Leitura de Clarisse Lispector* (1973) e *O drama da linguagem - uma leitura de Clarice Lispector* (1989); *Oswald Canibal* (1979); *João Cabral de Melo Neto* (1967); *Introdução à Filosofia da Arte* (1989); *O tempo na narrativa* (1988); *A filosofia contemporânea* (1989); *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Martin Heidegger* (1986); *O dorso do tigre* (1970); *A obra poética e a crítica de Mário Faustino* (1966); *A Paixão segundo G.H.* (1989).

Benedito Nunes fascinou-se pela obra densa da Ucrâniana Clarice Lispector. Benedito ouviu falar de Clarice quando ainda era jovem. Isso foi nos idos dos anos de 1940 quando Clarice e seu marido se mudaram para Belém, onde permaneceram pelo período de seis meses. Isso foi por volta de 1944, período em que Belém passava pelos percalços da Segunda Grande Guerra Mundial. Clarice Lispector e seu marido ficaram hospedados no Central Hotel, onde ficava o Café Central, lugar de muita atmosfera literária. Entre os chás e as torradas Francisco P. Mendes apresentou o pensamento de Sartre a Clarice, pelo qual ficou encantada. Foi neste ambiente literário, anos depois, em 1948, que Benedito Nunes, junto a seus amigos Ruy Barata e Cléo Bernardo, começou a ouvir o “Dona Clarice”. Mas só teria a oportunidade de conhecê-la realmente no início dos anos 70<sup>342</sup>.

---

<sup>340</sup> NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarisse Lispector*. São Paulo: Ática, 1995.

<sup>341</sup> Os que colaboram na *Folha*. Nota biográfica de Benedito Nunes. *Folha do Norte*. Belém, 11 de agosto de 1946. Suplemento Arte-Literatura, n. 9, p. 4.

<sup>342</sup> NUNES, Benedito. *Dois ensaios e duas lembranças*. Belém: Secult/Unama, 2000.

É claro na memória de Nunes o momento em começou a ler Clarice Lispector. Isso aconteceu somente em 1960, através do livro *Laços de Família*. Mas foi em 1964, com *A Paixão Segundo G.H.*, que, segundo Nunes, os laços da sedução literária e filosófica a ela o amarraram<sup>343</sup>. A partir desse início Nunes passou a escrever artigos sobre a obra de Clarisse. Já em 1966 escrevera uma série de cinco artigos publicada no Suplemento Literário do Estado de São Paulo, artigos que comporiam *O Mundo Imaginário de Clarice Lispector*, abreviado depois para *O Mundo de Clarice Lispector*. Em 1973 escreveu *Leitura de Clarice Lispector*, que em 1995, após revisões a adendos, passou a se chamar *O Drama da Linguagem*.

O deslumbramento de Benedito Nunes pela obra de Clarice Lispector se deu principalmente pelos temas existencialistas: a angústia, o nada, o fracasso, a linguagem e a comunicação das consciências<sup>344</sup>. São temas que carregam o caráter individual e dramático da existência humana. Mas Nunes afirma que isto não significa que Clarice busque as situações dos seus personagens no existencialismo<sup>345</sup>. Para Nunes, a obra de Clarice Lispector não possui filiação doutrinária e nem depende das correntes literárias filosóficas convencionalmente chamadas de existencialistas, mas tem a sua base no primado da existência, individual e universal. Embora tenha afinidades com a obra de Camus e Sartre, Nunes afirma que Lispector “muito se distancia deles, quer quanto à linguagem, quer quanto às intenções que lhe norteiam a atitude criadora”<sup>346</sup>. O que a converge à obra desses poetas é a visão de mundo, fato que os remetem a uma unidade de pensamento. Aliás, a concepção de mundo de Clarice é que, segundo Nunes, dá a unidade comum que engloba os personagens e por onde passa a linha de continuidade temática de sua obra<sup>347</sup>.

Por certo Clarice também contribuiu na trajetória intelectual do filósofo paraense, mas a sua história literária começou muito cedo, com treze anos, quando participou da fundação da *Academia dos Novos* (1942) e depois, em 1946, depois da criação do Suplemento Literário *Arte-Literatura*. Quanto a sua trajetória de poeta Francisco P. Mendes tratou de interromper, mas seus artigos de crítica literária já traziam a perspicácia que lhe é peculiar.

---

<sup>343</sup> Idem.

<sup>344</sup> Cf., FITZ, Earl E. A discourse of silence: the postmodernism of Clarice Lispector. *Contemporary Literature*, v. 28, n. 4. 1987. p. 420-436. Ver também: HELENA, Lucia. A problematização da narrativa em Clarice Lispector. *Hispania*, v. 75, n. 5, 1992. p. 1164-1173.

<sup>345</sup> NUNES, Benedito. *O Mundo de Clarice Lispector*. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 1966. p. 15.

<sup>346</sup> Ibid, p. 44.

<sup>347</sup> NUNES, Benedito. *O Drama da Linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. op. cit., p. 100.

O existencialismo foi uma influência valorosa na formação poética de Benedito Nunes e Mário Faustino. O contado com essa literatura após o triste fim da *Academia dos Novos* é o ponto crucial no entendimento dessa nova feição da literatura paraense, literatura que fugiu do isolamento provinciano apontado por Benedito Nunes como um dos aspectos responsáveis pelo retardamento literário dos jovens parnasianos, ressaltando, no entanto, que isso justifica, porém não explica o atraso de mais de 20 anos que o modernismo demorou a chegar. O Suplemento Literário criado por Haroldo Maranhão foi o responsável direto por quebrar o isolamento propiciado pela II Guerra Mundial e pela censura da Ditadura de Magalhães Barata. Em alguns momentos os escritores eram obrigados a escrever sob os olhares dos agentes do regime repressor, quando as revistas, relata Ruy Barata, tiveram que parar a sua circulação por causa do descaso, da falta de liberdade e garantias e, sobretudo, “para não se submeterem aos elogios e propagandas encomendadas, seguindo-se um período de esterilidade no terreno editorial”<sup>348</sup>. O que era incentivado pelo Estado era uma sonetaria inexpressiva que somente satisfazia os fazedores da arte pela arte.

Com a criação do suplemento *Arte-Literatura* os jovens puderam escolher seus rumos literários por meio de um esforço de atualização buscado pelo suplemento e, além disso, direcionaram a convivência intelectual, regida por Francisco Paulo Mendes, o que criou um espírito comum na forma de sentir e pensar o mundo e a literatura. A partir de tal momento, restava do isolamento a vantagem da distância geográfica, que proporcionava um senso de cautela frente aos modismos metropolitanos da década de 1940. Nunes afirma que a turbulência dos grupos de maior prestígio da chamada geração de 45 não atingiu os *novos* do suplemento paraense. Entretanto, reafirma Nunes, “participávamos, embora num ritmo mais largo e menos exclusivista, em razão de nosso distanciamento e das circunstâncias de nossa formação intelectual, do mesmo quadro geracional”<sup>349</sup>. A contribuição da geração de 45 para os jovens paraenses foi a atitude racional do poeta como artista da palavra e ciente da forma do poema, formalismo que os novos do suplemento não adotaram completamente, pois combinaram o trabalho de arte com a inspiração. Para Haroldo Maranhão, “foram grandes os benefícios do modernismo, pelo clima de saúde que nos permitiu respirar; foram também essenciais os seus defeitos”<sup>350</sup>.

---

<sup>348</sup> BARATA, Ruy Guilherme Paranatinga. A Geração remediada do Pará dá boa tarde a Fortaleza por intermédio de Ruy Barata. op. cit., p. 3.

<sup>349</sup> NUNES, Benedito. Max Martins, Mestre-Aprendiz. In: MARTINS, Max. *Não para consolar*. Belém: Cejup, 1992. p. 19.

<sup>350</sup> MARANHÃO, Haroldo. Apontamentos literários. op. cit., p. 4.

Mário Faustino, em sua formação literária no suplemento literário da *Folha do Norte*, enveredou-se para uma poesia de forte apelo simbolista e existencialista, influenciada pelos temas da poesia de Rainer Maria Rilke. Para o mestre e guia dos *novos*, Francisco Paulo Mendes, “o drama da beleza encontrou na alma de Mário Faustino uma ressonância sem limites e fez brotar uma poesia de incomparável poder evocativo e expressional. É o poeta da rosa. O poeta que canta a passagem efêmera e eterna dessa rosa mística que é a Beleza”<sup>351</sup>. O existencialismo que Faustino buscou para suas poesias e que foi essencialmente relevante em sua trajetória poética foi absorvido em sua grande parte na obra de Rilke, que teve grande presença no suplemento paraense. Por intermédio das traduções feitas por Paulo Plínio Abreu, Francisco Paulo Mendes e do próprio Mário Faustino foi construída a base para uma formação eminentemente introspectiva do seu aspecto poético. Dentre as traduções pode-se destacar a do poema *A grande noite*, feita por Faustino, no qual a característica marcante é a solidão do poeta perante a noite que brincava com ele: “Muitas vezes, surpreendido, de pé à minha nova/ janela, eu te admirava. A cidade desconhecida/ era-me ainda como proibida, e a paisagem/ surda às palavras, pouco a pouco escurecia/ como se eu não estivesse lá. As coisas perto/ não procuravam ser compreendidas. O candeeiro/ levantava uma ponta de rua. Ela era estrangeira.”; a tradução de *Cartas a um jovem poeta*, por Alceu Amoroso Lima; tradução, direto do alemão para o português, do Poema III, de o *livro das horas*, por Paulo Plínio Abreu; tradução, por Manuel Bandeira, do poema *Torso arcaico de Apolo*; tradução do poema *Nascimento de Vênus*, por Paulo Quintela. Várias foram as traduções e elas não se reservaram a poemas, houve também traduções de textos de crítica literária que tratavam sobre a poesia existencialista de Rilke, tal como *Rilke e a poesia lírica* (1947), de Euryalo Cannabrava.

A poesia de Faustino tematiza os grandes contrastes espirituais, éticos e religiosos da existência, os quais atingem, através de imagens opostas e recorrentes, o plano mítico e o plano cultural histórico. Palavras como flor, anjo, besta, sangue, sol, solo, rosa, lua, ilha, mar, corpo e cadáver, são constantemente usadas juntamente com imagens contrastantes como solares e noturnas, marítimas, telúricas; de fecundidade e esterilidade, de mudança e permanência, perecimento e ressurreição, vida e morte, temporalidade e eternidade<sup>352</sup>. São temas comuns das tendências da literatura da época, que era marcada pela valorização do

---

<sup>351</sup> MENDES, Francisco Paulo. O poeta e a rosa. *Folha do Norte*. Belém, 25 abril 1948. Suplemento Arte-Literatura, n. 76, p. 1-3.

<sup>352</sup> NUNES, Benedito. *A obra e a crítica de Mário Faustino*. op. cit., p. 22.

rigor formal das palavras, pelo vocabulário inusitado, pelo caráter onírico e simbólico das imagens e pelos segredos da existência.

Benedito Nunes se enquadra em outro tipo de existencialismo, mais engajado e fortemente influenciado principalmente pela obra de Sartre. Publicou suas poesias do começo ao fim do suplemento *Arte-Literatura*, no entanto, sua habilidade maior estava nos artigos de crítica literária e filosófica, apesar de estes terem sido poucos. Os principais artigos de crítica são *Ação e Poesia I e II*, publicados respectivamente no suplemento número 28 e 29, ambos em junho de 1947; *A morte de Ivan Ilitch*, publicado no suplemento número 144, de janeiro de 1950; e *Considerações sobre A Peste*, publicado no suplemento número 165, de janeiro de 1951.

Em *Ação e Poesia I* Benedito Nunes discute a questão da ação do indivíduo perante os problemas da sociedade moderna, e critica os países industrialistas tais como os Estados Unidos, que exploram a ação do homem em favor do capitalismo e relegando-o a uma vida sem reflexão, de exercício intelectual. Nunes faz uma comparação entre um cidadão norte americano e um chinês, onde este último considerou ruim a vida dos americanos, pois não paravam nem para comer, pelo contrário, ficavam de pé para comer mais rápido e retornar ao trabalho. O autor busca mostrar nesse artigo a oposição existente entre os valores rígidos da sociedade ocidental e o estado poético do indivíduo, e procura denotar que o homem possui a capacidade mudar uma realidade através de suas idéias assimiladas a partir da experiência vivida no mundo<sup>353</sup>.

Em *Ação e Poesia II*, o jovem poeta trata de questões referentes ao positivismo, à metafísica e à essência da realidade. E para isso o indivíduo teria que, segundo Nunes, adquirir o conhecimento absoluto ou verdade absoluta, o que supõe um princípio único “debaixo do qual se coordenem os fatos universais”. Essa verdade teria que ser um fenômeno ímpar, Deus, que explicaria o princípio e o fim do homem, isso por que a metafísica não possuía outro grande princípio a não ser Deus. “Seja o primeiro motor de Aristóteles, o ser necessário dos escolásticos – o conceito divino até agora fundamentou a metafísica”, somente

---

<sup>353</sup> NUNES, Benedito. *Ação e poesia I. Folha do Norte*. Belém, 01 de junho de 1947. Suplemento *Arte-Literatura*, n. 28, p. 3.

libertando-se da teologia pela Crítica da Razão pura <sup>354</sup>. Para Benedito Nunes a verdade absoluta ou essência da realidade pode ser explicada como ilusão do espírito humano, pois seria incompatível com o fato “de estarmos vivos. Não nos compete espiar através do particular a idéia divina”. O crítico afirma ainda que o positivismo negou a transcendência da metafísica, declarando-a inútil e incompatível com a verdadeira finalidade do espírito humano, a de generalizar os fatos e colaborar na investigação científica <sup>355</sup>.

Em *Considerações sobre A Peste*, Benedito Nunes faz uma análise do romance *A Peste* de Albert Camus, escrito em 1947. Camus é, com Sartre, o escritor mais representativo do existencialismo francês. A sua reflexão inicial sobre o absurdo e o suicídio, a solidão e a morte, dirige-se gradualmente para a esperança e a solidariedade humanas como possíveis soluções do drama do absurdo. Esta trajetória serve de apoio a um aproveitamento interessado do seu pensamento e da sua figura pelos círculos católicos conscientes da pobreza intelectual dos seus autores. Por outro lado, a límpida perfeição estilística da sua escrita e a sobriedade da sua inspiração novelesca contribui, em grande medida, para a eficácia da sua expressão literária. O seu romance *A Peste* é uma alegoria à ocupação da França pelos Nacional-Socialistas em que os comportamentos humanos em situações extremas são cuidadosamente analisados <sup>356</sup>.

Benedito Nunes torna evidente que o romance de Camus mostra os dramas do homem em busca do sentido de sua existência frente a uma sociedade conturbada e perplexa com os acontecimentos da II guerra. Para Nunes, Camus alcançou o seu objetivo de transmitir artisticamente o que pensava sobre as coisas. E comenta:

*O que primeiramente ele constata é que o homem está subjugado por um poder estranho, incompatível com a segurança e a felicidade com que se desenvolve a vida no plano quotidiano. Esse poder está inconscientemente presente sem que nós percebamos. Para a visão de mundo que o escritor necessita exprimir é necessário que o homem fique face a face com as situações extremas da experiência* <sup>357</sup>.

---

<sup>354</sup> NUNES, Benedito. Ação e poesia II. *Folha do Norte*. Belém, 08 de junho de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 29, p. 2.

<sup>355</sup> Ibidem.

<sup>356</sup> NUNES, Benedito. Considerações sobre A Peste. *Folha do Norte*. Belém, 14 de janeiro 1951. Suplemento Arte-Literatura, n. 165, p. 2.

<sup>357</sup> Ibid, p. 4.

Na ótica de Benedito Nunes o romance revela que o homem só consegue perceber a sua existência se ele enfrentar as adversidades promovidas pelo poder estranho sob o qual está subjugado, buscando, dessa forma, o sentido da liberdade da existência humana e uma “solução para os seus destinos”. No romance Camus coloca dois caminhos para encontrar a liberdade: o da fé que seria tudo, e o da vida sem esperança, o nada. O autor escolhe a solução da fé, que consistiria na moral de desespero que gera uma atitude heróica, a qual é mantida pelos personagens. O romance, para Nunes, “é um símbolo, na medida em que traduz uma visão da vida, submetida aos imperativos e às exigências de uma outra realidade, que transcende à habitual e que não podemos compreender”<sup>358</sup>.

O romance de Camus teve grande importância na formação e no interesse de Benedito Nunes sobre a filosofia existencialista engajada, pois foi escrito em 1947, portanto, era contemporâneo, assim como os escritos de Sartre. O diálogo com essa literatura trouxe aos jovens da *Turma do Central* um novo pensamento a respeito dos problemas e novos caminhos para pensar a realidade da sociedade e da literatura.

Mário Faustino e Benedito Nunes cultivaram existencialismos diferentes em sua escrita no suplemento *Arte-Literatura*. O fato a se olhar nisso é que ambos, assim como o grupo ao qual fazem parte, iniciaram uma nova fase da literatura paraense, proporcionada pela trajetória de vida desses jovens, uma vida que sofreu as intempéries de um passado recente e que não devia ter volta. Os crimes da ditadura implantada pelo presidente Getúlio Vargas e pelos seus representantes nos Estados; o desrespeito à existência humana vivido pela sociedade durante a Segunda Guerra Mundial e a redemocratização do país foram os fatos históricos mais relevantes para essa tomada de atitude em direção a uma nova visão de mundo. Por causa da guerra Sartre tornou popular uma filosofia entendida somente pelos filósofos e, pois, ganhou novos espaços e impulsionou a leitura do existencialismo em todas as suas nuances, tal como o existencialismo introspectivo de Rilke.

Os intelectuais buscaram uma arte que deixasse de lado o nacionalismo tão forçosamente cultivado pela geração de 30; os regionalismos e a valorização da cultura dos anos 20. A poesia tornou-se mais psicológica, eivada de símbolos e imagens obscuras, de lugares recônditos e uma existência a decifrar. Apesar de buscar nos ícones do modernismo

---

<sup>358</sup> Ibidem

brasileiro a inspiração para a escrita de uma poética modernista, essa geração paraense não continuou o empreendimento das gerações dos anos 20 e 30. O que houve foi o movimento dialético da história, um movimento de ruptura e de conservação entre as gerações, onde os exageros ficaram para trás e a ingenuidade política também.

Um desencanto em relação ao seu passado recente certamente fez com que esses jovens tivessem uma atitude perante a vida, pois não queriam permitir que a história se repetisse e trouxesse mais sofrimento à sociedade e mais amarras à arte. Adentrando no campo político Max Martins resume o sentimento de sua geração:

*Iludida com a mentira política de 1930, atônita diante do morticínio de 39-45 e do babelismo que dele adveio, desconfiada com as conferências de paz, a nova geração, antes de tudo, não crê em ninguém, senão em si mesma. Cansados das velhas lições moralistas, revoltados com o cinismo demagógico dos politiquinhos anacrônicos, esses jovens poetas-deputados, escritores-congressistas, artistas-líderes populares, traçaram suas próprias diretrizes<sup>359</sup>.*

Consideravam-se os *novos* e não almejavam convergências com outras gerações, apesar de terem convivido bem com poetas da geração passada. Isso fica claro nas palavras de Cléo Bernardo quando afirma que a nova geração do Pará era uma geração liberta, e como tal não teve orientadores. Para o poeta essa geração “desajudada realizou o seu ideal, combatida traçou as suas diretrizes; errando aqui, indecisa ali, acertando acolá, mas sempre guiando solitária o seu destino e inteligência, a sua esperança e inquietação”<sup>360</sup>. Buscaram a todo custo uma autonomia intelectual para não depender das heranças vindas de um tempo obscuro da história. O existencialismo tanto de Rilke quanto o de Sartre suscitaram essa atitude geracional perante a poesia e perante a realidade. O fim da guerra abriu o espaço e o existencialismo entrou com as novas idéias de liberdade e da existência do homem. A redemocratização entrou em cena e a *Turma do Central*, com o seu suplemento, iniciou uma das mais importantes fases da história da literatura paraense. Entre 1946 e 1951 o suplemento *Arte-Literatura* foi o suporte de uma nova escrita, uma escrita que negava as heranças “malditas” e valorizava aquilo que contribuía para o entendimento, não da nação, mas do ser.

---

<sup>359</sup> MARTINS, Max. Posição e destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 07 de dezembro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 55, p. 4. Entrevista.

<sup>360</sup> BERNARDO, Cléo. Posição e destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 05 de outubro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 45, p. 4. Entrevista.

Desencanto ou apostasia? Desencanto, somente desencanto. A arte não foi prejudicada e o impulso criativo continuou, pois a apostasia é caracterizada, segundo Thompson, pelo fracasso moral e imaginativo, quando o poeta faria uma mutilação do próprio ser existencial anterior do escritor. Na poesia de Faustino, de Benedito Nunes e dos outros jovens da *Turma do Central* houve, pelo contrário, uma frutuosa realização das letras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Na introdução desta dissertação foi citada uma indagação que um garoto ao seu pai historiador. E na ocasião o jovem perguntou a que se presta a história. Marc Bloch tratou de responder com um livro, no qual a história aparece como uma ciência que procura compreender o homem, o seu fim último. Agora, nestas considerações finais, pode-se também afirmar que esta dissertação auxilia na compreensão do homem, no sentido de revelar um breve conhecimento acerca de um recorte da história da sociedade paraense, cuja importância extravasa o regional para contribuir no entendimento de um movimento de âmbito nacional, que por culpa da historiografia há pouco começou a ser pensado de tal forma. Na década de 1940, o modernismo que desde a semana de 22 havia tomado rumos por todo o Brasil, diferentemente do que pensava os seus ícones, ainda não tinha conquistado todo o território das letras do país. Eis o exemplo da *Academia dos Novos*. Um historiador paraense, ao tratar das *querelas esquecidas* do modernismo brasileiro, já deixou claro essa contradição no discurso de intelectuais modernistas paulistas.

“Era uma vez” uma *Academia* que findou o seu ritmo parnasiano e juvenil, e os seus jovens membros ávidos por literatura adentraram em um mundo de literatura, literalmente. Isto foi consequência da criação do moderno suplemento *Arte-Literatura*, que suplementou o jornal *Folha do Norte* durante cinco anos. Este estudo de história social da literatura percorreu os caminhos e meandros desse suplemento, e também o discurso poético, crítico e filosófico do grupo que passou a se reunir diariamente no terraço do Hotel Central, onde ficava o *Café Central*, espaço de grande valia na formação da *Turma do Central*. Este estudo perfez essas veredas com o fito de compreender o nexos entre o contexto histórico no qual viveram esses jovens e sua literatura amplamente exposta no periódico paraense.

Durante a leitura do suplemento e do estudo acerca dos anos 40, a convergência entre o tempo histórico e a literatura foi ficando cada vez mais flagrante. Isso por que, com o término da II guerra, o contexto literário mundial tomou um rumo evidentemente ligado às preocupações com a existência do indivíduo em um mundo até então derrocado pelas batalhas da guerra e cada vez mais explorador do trabalho humano. De um lado a poesia tornou-se mais psicológica e cheia de símbolos e imagens obscuras, e de outro lado o conto e a crítica literária procuraram retratar a realidade e, em muitos casos, incitar o homem a mudar essa realidade.

Nesse momento a filosofia existencialista ganhou amplo espaço e inspirou o pensamento de diversos intelectuais no mundo inteiro, tanto na literatura poética quanto na filosófica. E na leitura do suplemento *Arte-Literatura* ficou claro o diálogo da nova geração com o existencialismo, com uma predominância para os escritos de Sartre e de Rilke. O primeiro oferecia um existencialismo mais engajado e ligado aos problemas sociais do indivíduo, enquanto o segundo passava uma poesia mais introspectiva e relacionada aos segredos mais profundos da existência humana.

A partir dessa constatação o trabalho buscou visualizar essa influência na literatura da *Turma do Central*, e o fez pondo em análise a produção literária de Benedito Nunes e Mário Faustino. E esse estudo minudenciado mostrou que Benedito Nunes, em suas publicações no suplemento literário, pendia para uma literatura fortemente inspirada no existencialismo engajado de Sartre, e que Mário Faustino descambava para uma poesia introspectiva, que buscava adentrar fundo na descoberta dos segredos mais incógnitos do ser.

O suplemento literário *Arte-Literatura* agiu como um sujeito na história desses jovens paraenses que cultivavam essa literatura ligada ao existencialismo, pois serviu como um grande divulgador e atualizador, proporcionando-os uma identidade intelectual, pois até então não passavam de um grupo de aprendizes desconhecidos no mundo das letras. O periódico paraense foi o suporte da nova escrita desses jovens que antes somente podiam passar de mão em mão os poucos livros datilografados por Max Martins na máquina do Banco do Estado, onde trabalhava. A partir de sua criação as novas letras dos novos poetas puderam ganhar as ruas de Belém e do interior e, dessa forma, atingir o leitor comum de jornal.

O existencialismo esteve presente em toda a extensão do suplemento *Arte-Literatura*. De 1946 até 1951 esses dois elementos fundamentais na formação da poética da *Turma do Central* dialogaram de forma intensa. Vários poemas e artigos de crítica literária publicados no suplemento trouxeram para os jovens a oportunidade de entrar em contato com as novas tendências da literatura contemporânea nos anos pós-II segunda guerra mundial. Autores estrangeiros tais como Heidegger, Sartre, Rilke, T. S. Eliot, Mallarmé, Baudelaire, Gide, Kafka, além de outros, tiveram textos traduzidos por intelectuais nacionais e locais. Dessa forma os novos poetas paraenses estabeleceram um intenso contato com essa literatura da existência.

Enveredando-se no estudo da literatura desses jovens, este trabalho de história percebeu durante a pesquisa que havia um ar de desencanto dos poetas em relação à história recente do país, sentimento que atingiu até mesmo o âmbito da literatura local, excetuando-se do o gosto que mantinham pela poesia de Bruno de Menezes. Se de um lado a *Turma do Central* buscou uma negação da história recente, por outro não reconheceram como modernistas as gerações paraenses de dos anos 20 e 30, sendo Bruno de Menezes o único a ser valorizado nesses termos.

Esse tal desencantamento em relação ao seu passado recente ocorreu devido aos traumas que passaram por causa da guerra e dos regimes repressivos, os quais tiraram a liberdade do homem e assolaram a humanidade. No que diz respeito à literatura essa nova geração intuiu-se em fazer uma literatura que não mais obedecesse ao modelo nacionalista dos anos 30. E nessa empreitada a literatura ligada à filosofia existencialista teve papel importante, pois oferecia uma nova forma de pensar e ver a realidade. E era justamente isso que os poetas da geração dos anos 40 queriam, ou seja, desligar-se do passado literário e elaborar uma nova literatura que não lembrasse as formas passadistas. Ela queria seguir o seu rumo próprio, sem governantes autoritários para censurar ou guerras para promover o medo, pois estavam desiludidos com a as falsas promessas dos politiqueiros anacrônicos e com a literatura patrocinada por eles para mostrar uma nacionalidade ilusória.

Pode até parecer algo idiossincrático a idéia de um grupo de jovens com menos de vinte discutindo literatura francesa e poesia alemã na Belém dos anos 40. Mas na verdade era muito mais do que isso, era uma arma de atuação na arena cultural e no embate político, não um diletantismo jovem, como muitos pensavam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO Nicola. *Introdução ao existencialismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
- ABREU, Alzira Alves de (org.). Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- ABREU, Paulo Plínio. *Poesias*. Prefácio, notícias e notas de Francisco Paulo Mendes. Belém: UFPA, 1977.
- ALBERTI, Verena. A existência na história: revelações e riscos da hermenêutica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 17, 1996. p. 1-23.
- \_\_\_\_\_. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991. p. 66-81.
- ALBRECHT, Milton C. The Relationship of Literature and Society. *The American Journal of Sociology*, v. 59, n. 5, Mar. 1954, p. 425-436.
- ALBERT, P.; TERROU, F. A História da Imprensa na França durante a Segunda Guerra Mundial (1939-44). In: *História da Imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- ALVES, Wagner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2002.
- ALVES, Sérgio Afonso Gonçalves. *Fios da memória, jogo textual e ficcional de Haroldo Maranhão*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. [Tese de Doutorado].
- ANGLES, Auguste; MESSNER, Charles. Sartre versus Baudelaire. *Yale French Studies*, n. 2, Modern Poets: Surrealists, Baudelaire, Perse, Laforgue, 1948, p. 119-124.
- ARANTES, Paulo Eduardo. *Um Departamento Francês de Ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- ARISTÓTELES. *Arte Poética*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- ARTINIAN, Robert W. Sartre's Nineteenth Century: A Critique of His Criticism. *South Atlantic Bulletin*, v. 37, n. 1, Jan. 1972. p. 39-45.
- ARRIGUCCI Jr., Davi. *Melhores poemas de José Paulo Paes*. São Paulo: Global, 2003.
- AZEVEDO, José Eustachio de. *Literatura paraense*. Belém: Fundação Cultural Tancredo Neves/ Secretaria de Estado da Cultura, 1990. (Lendo o Pará, 7).
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI, Marcelo; ROLLAND, Denis (orgs.) *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo: Cortez, 2003.

BENEVIDES, Walter. *Rilke ou a Convivência com a Morte e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1976.

BETHEL, Leslie e ROXBOROUGH, Ian. (Org.). *A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BRASIL, Assis. *A Nova Literatura*. Vol. II – A poesia. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1973.

\_\_\_\_\_. *A trajetória poética de Lêdo Ivo*. Rio de Janeiro: Educam, 2007.

BRITO, Farias. *As origens do existencialismo no Brasil*. São Paulo: Convívio, 1984.

BITAR, Walid. History and Poetry. *Alif: Journal of Comparative Poetics*, n. 24, 2004, p. 190-203.

BLANC, Dina. Mallarmé On the Press and Literature: "Étalages" and "Le Livre, instrument spirituel". *The French Review*, v. 71, n. 3, 1998, p. 414-424.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de Historiador*. Prefácio de Jacques Le Goff. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_. *História e Historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998.

BOAVENTURA, Maria Eugênia. *Mário Faustino: o Homem e sua hora e outros poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BODEI, Remo. *A história tem um sentido?* São Paulo: EDUSC, 2001.

BOGAN, Louise. Modernism in American Literature. *American Quarterly*, v. 2, n. 2, out. 1950. p. 99-111.

\_\_\_\_\_. Reading Contemporary Poetry. *College English*, v. 14, n. 5, Fev. 1953. p. 255-260.

BONALUME NETO, Ricardo. *A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate, 1942-1945*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

BOON, Jean-Pierre. Baudelaire, Correspondances et le magnetisme animal. *PMLA*, v. 86, n. 3, 1971, p. 406-410.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, s/d.

\_\_\_\_\_. Caminhos entre a literatura e a história. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 55, Set./Dez. 2005.

\_\_\_\_\_. Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão em história literária. In: *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BROWN Jr., Stuart M. The Atheistic Existentialism of Jean-Paul Sartre. *The Philosophical Review*, v. 57, n. 2. 1948, p. 158-166.

BROOKNER, Anita. Art Historians and Art Critics - VII: Charles Baudelaire. *The Burlington Magazine*, v. 106, n. 735, French Nineteenth-Century Painting and Sculpture, 1964, p. 269-279.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

CAMPOS, Milton de Godoy (Org.). *Antologia poética da geração de 45*. São Paulo: Clube de Poesia, 1966.

CAMPOS, Geir; JORGE, Fernando. *Rilke: Poemas e Cartas a um jovem poeta*. (Sabedoria e Pensamento). Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

CAMPOS, Haroldo. *Coisas e anjos de Rilke*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. *Iniciação à literatura brasileira*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. *Vários escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

CANGUSSU, Dawson S. *O modernismo paraense da Segunda Geração (1943-1951): entre o chá e as torradas do Café Central*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História). Orientador: Aldrin Moura de Figueiredo. Faculdade de História/Universidade Federal do Pará, 2005.

CAROLLO, Cassiana Lacerda (org.). *Decadismo e Simbolismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.

CARPEAUX, Otto Maria. Tendências contemporâneas: um esboço. In: *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CASTRO, Nilo André Piana de. *Cinema e Segunda Guerra*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. *Estudos Avançados*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 5, 1991. p. 173-191.

\_\_\_\_\_. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 21, 1994. p. 185-199.

\_\_\_\_\_. Libraries without Walls. *Representations*, n. 42, Special Issue: Future Libraries, nov. 1993. p. 38-52.

CHAVES, Ernani. A matriz, o duplo, o protótipo: figuração do outro em Haroldo Maranhão. *Revista Asas da Palavra*, Belém: Unama, v. 6, n. 13, jun. 2002. p. 21-27.

CHAVES, Lilia Silvestre. *Mário Faustino: uma biografia*. Belém: Secult, 2004.

CHAVES, Albeniza de Carvalho. *Tradição e modernidade em Mário Faustino*. Belém: UFPA, 1986.

CHAUÍ, Marilena. Experiência do pensamento. In. *Experiência do Pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs.). *A história contada: Capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, pp. 7-32.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

COHEN-SOLAL, Annie. *Jean Paul Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

COELHO, Marinilce Oliveira. *O Grupo dos Novos: memórias literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA/ UNAMAZ, 2005.

COELHO, Geraldo. M. Um Pouco Aquém da Belle époque ou quando o Francesismo se insinua no Pará. In: CUNHA, José Carlos. (Org.). *Ecologia, desenvolvimento e cooperação na Amazônia*. Belém: Falangola/UFPA, 1992, p. 60-69.

CRONON, William. A Place for Stories: Nature, History, and Narrative. *The Journal of American History*, v. 78, n. 4, Mar. 1992. p. 1347-1376.

CRUZ, Ernesto. *História do Pará*. Belém: Governo do Estado do Pará, 1973.

DARNTON, Robert. The symbolic element in History. *The Journal of Modern History*. Princeton University, v. 58, n. 1, mar. 1986. p. 218-234.

DAVIDSON, James West. The New Narrative History: How New? How Narrative? *Reviews in American History*, v. 12, n. 3, Set. 1984. p. 322-334.

DAVIS, Natalie Zemon. Rabelais among the Censors (1940s, 1540s). *Representations*, n. 32, Autumn, 1990. p. 1-32.

- DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. São Paulo: Nobel, 1989.
- DIAS Jr., José Augusto & ROUBICEK, Rafael. *O Brilho de mil sóis: história da bomba atômica*. São Paulo: Ática, 1994.
- DIAS JUNIOR, José Augusto. *Guerra Fria: a era do medo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- DIECKMANN, Herbert. French Existentialism Before Sartre. *Yale French Studies*, n. 1, Existentialism, 1948. p. 33-41.
- DOSSE, François. *A História em migalhas: dos Annales à Nova História*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.
- DUFRENNE, Mikel. Existentialism and Existentialisms. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 26, n. 1, 1965. p. 51-62.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- ENGLISH, Thomas H. Contemporary Literature. *South Atlantic Bulletin*, v. 5, n. 1, Apr. 1939. p. 1-6.
- EVANS, Richard J. From Historicism to Postmodernism: historiography in the twentieth century. *History and Theory*, London: Wesleyan University Press, v. 41, 2002. p. 79-87.
- EULÁLIO, Carlos Evandro Martins (org.). *Mário Faustino*. Teresina: Corisco e Academia Piauiense de Letras, 2000.
- FEBVRE, Lucien. *Olhares sobre a História*. Lisboa: Edições Asa, 1996.
- FERRO, Marc. *História da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Ática, 1997.
- FIGUEIREDO, Aldrin M. Querelas esquecidas: o Modernismo brasileiro visto das margens. In: PRIORE, Mary Del; GOMES, Flávio dos Santos. *Os Senhores dos Rios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p. 259-283.
- \_\_\_\_\_. *Eternos Modernos: Uma História Social da Arte e da Literatura na Amazônia, 1908-1929*. Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, (2001). Tese de doutorado. Unicamp.
- FINK, Carole. *Marc Bloch: uma vida na história*. Lisboa: Celta, 1995.
- FITZ, Earl E. A Discourse of Silence: The Postmodernism of Clarice Lispector. *Contemporary Literature*, v. 28, n. 4, After the Boom: Recent Latin American Fiction, 1987, pp. 420-436.
- FOWLIE, Wallace. Legacy of Symbolism. *Yale French Studies*, n. 9, Symbol and Symbolism, 1952, p. 20-26.
- FRANKLIN, Ursula. The Angel in Valéry and Rilke. *Comparative Literature*, v. 35, n. 3, Summer. 1983. p. 215-246.

- FRIEDRICH, Jörg. *O incêndio*. Trad. de Roberto Rodrigues. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- FRYE, Northrop. Three Meanings of Symbolism. *Yale French Studies*, n. 9, Symbol and Symbolism, 1952, p. 11-19.
- GINZBURG, Carlo. Apontar e citar: a verdade na história. *Revista de História*, Campinas: UNICAMP, v. 2, nº. 3, set. 1991. p. 91-106.
- GAY, Peter. *O estilo na história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GERTZ, Renè. *O Fascismo no Sul do Brasil: Germanismo, Nazismo, Integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- GLAZER, Penina Migdal. From the Old Left to the New: Radical Criticism in the 1940s. *American Quarterly*, v. 24, n. 5, 1972. p. 584-603.
- GONDOS Jr., Victor. Army Historiography in the Second World War. *Military Affairs*, v. 7, n. 1, 1943. p. 60-68.
- GOSSE, Edmund. Baudelaire. *The Burlington Magazine for Connoisseurs*, v. 31, n. 175, 1917, p. 131-134.
- GRAEBNER, William S. *The Age of doubt: American thought and culture in the 1940s*. Boston: Twayne Publishers, 1991.
- GUICHARNAUD, Jacques; NEILSON, Kevin. Those Years: Existentialism 1943-1945. *Yale French Studies*, n. 96, 50 Years of Yale French Studies: A Commemorative.
- HELENA, Lucia. A problematização da narrativa em Clarice Lispector. *Hispania*, v. 75, n. 5, 1992, p. 1164-1173.
- HILTON, Stanley E. The United States, Brazil, and the Cold War, 1945-1960: End of the Special Relationship. *The Journal of American History*, v. 68, n. 3, Dez. 1981. p. 599-624.
- HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HORNSBY, Jennifer. Sartre and Action Theory. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 48, n. 4, 1988. p. 745-751.
- HOUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- HOLANDA, Sérgio B. de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUGHSDON, P. J. Phenomenal Symbolism in Art. *Mind, New Series*, v. 29, n. 114, Apr., 1920, p. 186-206.
- HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- IRIYE, Akira. Culture. *The Journal of American History*, v. 77, n. 1, Jun. 1990. p. 99-107.
- JARDIM, Rachel. *Os Anos 40: a ficção e o real de uma época*. 5ª ed. Juiz de Fora, Rio de Janeiro: FUNALFA/ José Olympio, 2003.
- JURT, Joseph. De Lanson à teoria do campo literário. *Tempo social*. São Paulo, v.16, n.1, Jun. 2004.
- KLEINEGGER, Christine C. Moody Decade: The 1940s Revisited. *American Quarterly*, v. 44, n. 1, Mar. 1992, p. 129-135.
- KELLY, R. Gordon. Literature and the Historian. *American Quarterly*, v. 26, n. 2, Maio. 1974. p. 141-159.
- KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 134-146.
- LaCapra, Dominick. Intellectual History and Its Ways. *The American Historical Review*, v. 97, n. 2, Abr. 1992. p. 425-439.
- \_\_\_\_\_. História e Romance. *Revista de História*. Campinas: UNICAMP, v. 2, n. 3, setembro, 1991. p. 107-124.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994.
- LANG, Renée. Rilke and His French Contemporaries. *Comparative Literature*, v. 10, n. 2, (Spring, 1958), pp. 136-143.
- LEAL, Flávio. *A historiografia literária brasileira: História e Perspectivas*. Espéculo. *Revista de estudos literários*. Universidad Complutense de Madrid. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero34/hisliter.html>>. Acesso em: 04 out. 2007.
- LEAVITT, Walter. Sartre's Theatre. *Yale French Studies*, n. 1, Existentialism, 1948, p. 102-105.
- LEITE, Antonio Roberto de Paula. *Antologia poética de Rainer Maria Rilke*. São Paulo: Sociedade Imprensa Pannartz, 1977.
- LÉVY, Bernard-Henri. *O século de Sartre*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Introdução à literatura brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1957.
- LIONNET, Françoise. Reframing Baudelaire: Literary History, Biography, Postcolonial Theory, and Vernacular Languages. *Diacritics*, v. 28, n. 3, Doing French Studies, Autumn, 1998, p. 63-85.
- MARANHÃO, Haroldo. A leitores e a possíveis leitores. *Revista Asas da Palavra*. Belém: Unama, v. 6, n. 13, jun. 2002. p. 7-9.

\_\_\_\_\_. O Pará não morreu: Viva o Acará! *O Liberal*, Belém, 23/IX/1990. [Entrevista].

MAUÉS, Júlia. *A modernidade literária no Pará: o suplemento literário da Folha do Norte*. Belém: UNAMA, 2002.

\_\_\_\_\_. Uma empreitada de sedução. *Revista Asas da Palavra*, Belém: Unama, v. 6, n. 13, jun. 2002. p. 29-33.

MAXIMIANO, César Campiani; GONÇALVES, José. *Irmãos de Armas: um pelotão da FEB na II Guerra Mundial*. São Paulo: Codex, 2005.

MCGANN, Jerome J. Contemporary Poetry, Alternate Routes. *Critical Inquiry*, v. 13, n. 3, Politics and Poetic Value, 1987. p. 624-647.

MEGILL, Allan. Recounting the Past: "Description," Explanation, and Narrative in Historiography. *The American Historical Review*, v. 94, n. 3, Jun. 1989. p. 627-653.

MESQUITA, Lindolfo. *Magalhães Barata*. Belém: Moderna, 1963.

MILLER, J. Hillis. Narrative and History. *English Literary History*, v. 41, n. 3, jul. 1974, p. 455-473.

MILLIET, Sérgio. *Panorama da moderna poesia brasileira*. Rio de Janeiro: MEC, 1952.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 1973.

MOORE, R. Laurence. Insiders and Outsiders in American Historical Narrative and American History. *The American Historical Review*, v. 87, n. 2, Abr. 1982, p. 390-412.

MORRIS, Robert. Words and Images in Modernism and Postmodernism. *Critical Inquiry*, v. 15, n. 2, winter, 1989, p. 337-347.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo: Fapesp, 2002.

MOURÃO, Rhéa Sylvia. *Os caminhos do existencialismo no Brasil*. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1986.

MOUTINHO, L. D. *Sartre: Psicologia e Fenomenologia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. *Sartre: existência e liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995.

MULLER, Luciana Martins. *Tensões de crítica e de poesia em Mário Faustino*. 2000. 173 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – USP, São Paulo, 2000.

MURICY, Andrade (org.). *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

NAJAR, Carlos. *História da literatura brasileira: da carta de Pero Vaz de Caminha à contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

NEWMAN, Fred. The Origins of Sartre's Existentialism. *Ethics*, v. 76, n. 3, Apr. 1966, p. 178-191.

NITRINI, Sandra. Teoria literária e literatura comparada. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994. s/p.

NUNES, Cassiano. *A experiência brasileira*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1964.

NUNES, Benedito. *O amigo Chico: fazedor de poetas*. Belém: Secult, 2001.

\_\_\_\_\_. *Crivo de Papel*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. *Dois ensaios e duas lembranças*. Belém: Secult/Unama, 2000.

\_\_\_\_\_. *A obra poética e a crítica de Mário Faustino: com um adendo rememorativo sobre o poeta*. Belém: Cejup, 1986.

\_\_\_\_\_. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarisse Lispector*. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. *O mundo de Clarisse Lispector*. Prefácio de Arthur Cezar Ferreira Reis. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.

\_\_\_\_\_. *Hermenêutica e Poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. Meu caminho na crítica. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.19, nº 55, set./dez. 2005. p. 289-305.

\_\_\_\_\_. *O encontro de uma geração*. Disponível em: <[www.trilhasdacultura.com.br](http://www.trilhasdacultura.com.br)>. Acesso em: 20 jun. 2006. [Entrevista].

\_\_\_\_\_. Haroldo Maranhão. *Revista Asas da Palavra*, Belém: Unama, v. 6, n. 13, jun. 2002. p. 11-12.

\_\_\_\_\_. Bruno de Menezes: inventor e mestre. *Revista Asas da Palavra*, Belém: Unama, v. 10, n. 21, semestral. 2006. p. 37-44.

\_\_\_\_\_. A poesia de meu amigo Mário. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (Org.) *Mário Faustino: o homem e sua hora e outros poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. Crônica de uma academia. *Revista da Academia paraense de Letras*, Belém, v. XL, s/n, 1999.

\_\_\_\_\_. *Mário Faustino: poesia completa, poesia traduzida*. São Paulo: Limonad, 1985.

\_\_\_\_\_. *Melhores poemas de Mário Faustino*. São Paulo: Global, 2002.

NUNES, Paulo. Viagem de amor a um país chamado Belém. *Revista Asas da Palavra*, Belém: Unama, v. 6, n. 13, jun. 2002. p. 15-19.

ODÁLIA, Nilo. O Brasil nas relações internacionais: 1945-1964. In: DIAS, Manuel Nunes. *Brasil em perspectiva*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

OLAFSON Frederick A. Existentialism, Marxism, and Historical Justification. *Ethics*, v. 65, n. 2, Jan. 1955, p. 126-134.

OLIVEIRA, Alfredo. *Ruy Guilherme Paranatinga Barata*. Belém: Cejup, 1990.

ORREN, Karen; SKOWRONEK, Stephen. Regimes and Regime Building in American Government: A Review of Literature on the 1940s. *Political Science Quarterly*, v. 113, n. 4, Dez. 1998-1999. p. 689-702.

ORWELL, George. *Literatura e Política: jornalismo em tempos de guerra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

OSBORN, Catherine B. Mystic Fusion: Baudelaire and le sentiment du beau. *PMLA*, v. 88, n. 5, Oct., 1973, p. 1127-1136.

PAES, José Paulo. *Rainer M. Rilke: Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PAULA, J.A. Notas sobre a economia da borracha no Brasil. *Revista de Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 12, n. 1, 1982.

PAVIANI, Jayme. A descrição fenomenológica em M. Merleau-Ponty. *Veritas*, Porto Alegre, v. 39, n. 159, p. 569-579, 1994.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

POLKINHORN, Harry. Beyond the Page: Brazilian Poetry since Modernism. *Poetics Today*, v. 19, n. 4, winter, 1998. p. 581-595.

PONTES, Heloisa. *Destinos Mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940 – 68)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. Cidades e intelectuais: os “nova-iorquinos” da Partisan Review e os “paulistas” de Clima entre 1930 e 1950. *Revista Brasileira de ciências Sociais*, v. 18, nº. 53, out. 2003. p. 33-52.

PORTELLA, Eduardo. *Circunstância e problema da História Literária*. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/pacc/literaria/IMG/bkgr.gif>>. Acesso em: 04 Out. 2007.

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

REICHEL, Heloisa Jochims. O “perigo vermelho” na América Latina e a grande imprensa durante os primeiros anos da Guerra Fria. (1947-1955). *Diálogos*, DHI/UEM, v.8, n. 1, 2004, p. 189-208.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RENNÓ, Elizabeth. *A aventura poética de Lêdo Ivo*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1988.

REZNIK, Luís. *Democracia e Segurança Nacional: A Polícia Política no pós-guerra*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

RIBEIRO, Ésio Macedo. *Brincadeiras de palavras: a gênese da poesia infantil de José Paulo Paes*. São Paulo: Editora Giordano, 1998.

ROCHA, Alonso. Dois Amigos na Academia. *Revista da Academia Paraense de Letras*. Belém, v. XXXIII, abriu. 1990.

ROCQUE, Carlos. *Magalhães Barata: o homem, a lenda, o político*. Belém: Secult, 2006. Vol. 2.

\_\_\_\_\_. *Depoimentos para a História Política do Pará*. Belém: Mitograph, 1981.

ROSA, António Ramos. Rilke e o espaço interior do mundo. In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n. 10, 1972. p. 25-31.

ROSENWEIN, Barbara H. Worrying about Emotions in History. *American Historical Review*, v. 107, n. 3, 2002.

RYAN, Judith. Creative Subjectivity in Rilke and Valery. *Comparative Literature*, v. 25, n. 1, Winter, 1973. p. 1-16.

\_\_\_\_\_. More Seductive Than Phryne: Baudelaire, Gérôme, Rilke, and the Problem of Autonomous Art. *Modern Language of American*, v. 108, n. 5, Oct., 1993, p. 1128-1141.

SARAIVA, Arnaldo. *Para a história da leitura de Rilke em Portugal e no Brasil*. Porto: Edições Árvore, 1984.

SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da literatura brasileira*. Porto: Porto Editora, 1996.

SARTRE, Jean-Paul. Marxismo e Existencialismo. In: *Questão de método*. 4ª ed. São Paulo—Rio de Janeiro: Difel, 1979.

\_\_\_\_\_. *A Idade da Razão: os caminhos da liberdade I*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

\_\_\_\_\_. *O existencialismo é um humanismo*. (Os Pensadores). Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. *As Moscas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SAMPAIO, Ângela Maria Vasconcelos. *Paulo Plínio Abreu e o Enigma da Palavra: uma introdução ao estudo da Metapoesia*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará. Belém, 2003.

SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

SECRETO, Maria V. *Soldados da borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas*. Rio de Janeiro: Fundação Perseu Abramo, 2007.

SCHINZ, Albert. Literary Symbolism in France. *Modern Language of American*, v. 18, n. 2, 1903, p. 273-307.

SHANKS, L. Piaget. Baudelaire and the Arts. *Modern Language Notes*, v. 41, n. 7, 1926, p. 439-443.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da cultura brasileira*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SOUZA, Márcio. *Breve história da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1984.

STOLL, Elmer Edgar. Symbolism in Coleridge. *Modern Language of American*, v. 63, n. 1, Mar., 1948, p. 214-233.

TAYLOR, Barbara. Introduction: How Far, How Near: Distance and Proximity in the Historical Imagination. *History Workshop Journal*. Institute of Historical Research, University of London, v. 57, n. 3, mar. 2004. p. 117-122.

THOMAS, Gordan & WITTS, Max. *A Bomba de Hiroshima*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

THORLBY, Anthony. Rilke and the Ideal World of Poetry. *Yale French Studies*, n. 9, Symbol and Symbolism, 1952. p. 132-142.

THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

\_\_\_\_\_. *Os Românticos: a Inglaterra na era Revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TORRE, Guillermo de. *Valoración literaria del existencialismo*. Buenos Aires: Ollantay, 1948.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo: O Fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974.

TUPIASSU, Amarílis. O *Estranho* Max e as insubmissões da Academia dos Novos. *Revista Asas da Palavra*. Belém: Unama, v. 5, n. 11, jul. 2000. p. 13-17.

\_\_\_\_\_. Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 53, 2005. p. 299-320.

VELOSO, Mônica P. A Literatura como espelho da nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988, p.239-263.

VÉSCIO, Luiz Eugênio; SANTOS, Pedro Brum (Orgs.). *Literatura & História: perspectivas e convergências*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. São Paulo. Ed. Letras e Letras, 1998.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Trad. António J. da Silva Lisboa. Lisboa: Edições 70, 1983

WALKER, Steven F. Mallarme's Symbolist Eclogue: The "Faune" as Pastoral. *PMLA*, v. 93, n. 1, Jan., 1978, p. 106-117.

WATKINS, Evan. Historical Criticism and Contemporary Poetry. *Contemporary Literature*, v. 22, n. 4, Marxism and the Crisis of the World. Autumn, 1981. p. 556-573.

WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.

WEYMANS, Wim. Michel De Certeau and the limits of historical representation. *History and Theory*, v. 43, 2004. p. 161-178.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001, pp. 97-116.

WILDER, Amo N. Mortality and Contemporary Literature. *The Harvard Theological Review*, v. 58, n. 1, 1965, p. 1-20.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. A Fração Bloomsbody. *Plural; Sociologia, USP*, São Paulo, n. 6, 1999. p. 139-168.

VEYSEY, Laurence. The "New" Social History in the Context of American Historical Writing. *Reviews in American History*, v. 7, n. 1, Mar. 1979. p. 1-12.

YOVEL, Yirmiahu. Existentialism and Historical Dialectic. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 39, n. 4, Jun. 1979. p. 480-497.